



GEFuT:

Contribuições para o campo

Silvio Ricardo da Silva

Luiz Gustavo Nicácio

Felipe Vinícius de Paula Abrantes



GEFuT:

Contribuições para o campo

Silvio Ricardo da Silva

Luiz Gustavo Nicácio

Felipe Vinícius de Paula Abrantes

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Silvio Ricardo da Silva
 Luiz Gustavo Nicácio
 Felipe Vinícius de Paula Abrantes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
G299	<p>GEFuT – Contribuições para o campo / Organizadores Silvio Ricardo da Silva, Luiz Gustavo Nicácio, Felipe Vinícius de Paula Abrantes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1085-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.850232404</p> <p>1. Futebol. 2. Cultura. 3. Torcidas. I. Silva, Silvio Ricardo da (Organizador). II. Nicácio, Luiz Gustavo (Organizador). III. Abrantes, Felipe Vinícius de Paula (Organizador). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 796.334</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Há pouco mais de 16 anos de sua fundação, o GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, com sede na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, contempla o campo interdisciplinar dos Estudos do Lazer com uma publicação que espelha a ampla produção do conhecimento sobre futebol e torcidas, na formação de recursos humanos através da orientação de pesquisas em diversos níveis – graduação (TCC e Iniciação Científica) e pós-graduação (Mestrado e Doutorado e Pós-Doutorado), como também a fundamental contribuição para a elaboração de políticas públicas nos âmbitos do esporte e do lazer.

Capitaneado por Silvio Ricardo da Silva (EEFFTO/UFMG), fundador e coordenador do GEFuT, Luiz Gustavo Nicácio (Professor de Educação Física no Colégio Técnico, COLTEC/UFMG) e Felipe Vinicius de Paula Abrantes (Professor de Educação Física na Rede Pública Municipal de Santa Luzia, MG), ambos integrantes do Grupo de longa data, um time de primeira formado por mais de 30 pesquisadores e pesquisadoras está reunido nesta publicação intitulada *GEFuT – contribuições para o campo*, agrupados em três seções distintas: “Ensino”, “Extensão” e “Pesquisas”, os vértices que sustentam e balizam a produção do saber na Academia.

Pensar o Ensino no campo dos Estudos do Lazer permite situá-lo tanto no âmbito da formação docente em nível acadêmico, quanto no âmbito do ensino fundamental e médio. Já a Extensão é o vértice que evidencia a atuação do GEFuT em ações específicas que deram e continuam dando muitos frutos, entre elas, a participação no “Programa Academia & Futebol”, iniciado em 2020 e de abrangência nacional, e o “Programa Óbvio Ululante”, programa semanal da Rádio UFMG Educativa coordenado e realizado por integrantes do GEFuT desde 2010, resultante de um projeto de Extensão, atendendo ao perfil do veículo de comunicação no sentido de promover a divulgação científica, bem como debates em torno do futebol e do lazer. E a terceira e última seção do livro contempla os leitores com um conjunto de pesquisas dedicadas, entre outros, a levantamentos bibliográficos do campo dos Estudos do Lazer, empreendidos pelo Grupo, e a estudos de campo sobre estádios como “templos do torcer”, bem como sobre torcidas organizadas e políticas públicas.

Trata-se, pois, de uma contribuição significativa daquele que é o principal grupo de estudos da UFMG que tem por objeto de pesquisa o futebol, especificamente em sua relação com o ato de torcer pensado no âmbito do lazer. Conduzido com responsabilidade e esmero, o GEFuT promove, continuamente, a formação de recursos humanos, muito bem representados nesta publicação por vários “gefutenses genuínos”, e a difusão do saber para além dos muros da universidade, com potencial de alcançar as escolas, os clubes, as federações, a mídia e as instituições responsáveis por políticas públicas que promovam o esporte e o lazer para amplos segmentos da sociedade. Vida longa ao GEFuT!

Elcio Loureiro Cornelsen

Faculdade de Letras da UFMG Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq

Um dos nossos maiores cronistas e dramaturgos, apaixonado que era pelo futebol, certa feita exclamou: “Nossos escritores não sabem cobrar um reles lateral”. A frase foi replicada durante anos e, como usual nesses casos, foi várias vezes alterada. Alguns dizem, inclusive, que Nélson se referiu a um escanteio, não a um lateral. Não importa. O sentido é o mesmo. Sempre se a utilizou para expressar a concordância com o fato de que, por décadas, a intelectualidade brasileira manteve-se afastada daquele que, desde os anos iniciais do século XX, se caracterizou com um dos grandes, talvez o maior, fenômeno da cultura de massas do país (e do mundo).

Nélson cita a literatura como metáfora, e em outras ocasiões criticou mais diretamente a academia brasileira. De fato, um ambiente intelectual, inclusive o universitário, que se constituiu a partir de um *ethos* elitista não “perderia tempo” com essas “coisas mezinhas” do homem e mulher comuns – a telenovela, o samba, o esporte, ainda mais essa modalidade tão “bárbara”, o futebol.

A bem da verdade, em outros países se passou o mesmo. Por lá, todavia, pelo menos em algumas nações, mais cedo se percebeu o equívoco dessas compreensões e posturas, percebendo-se como esses fenômenos populares são fundamentais chaves explicativas. Mais ainda, notou-se que o intelectual poderia abandonar aquela atitude maçante e pedante, se jogando na vida, assumindo que gosta e pode gostar de tudo o que se oferece na vida social. Quem resiste ao carnaval? Quem resiste à festa?

Por aqui, foi na transição das décadas de 1970 e 1980 que a coisa começou a mudar com as reflexões e estudos pioneiros de nossa saudosa Simoni Guedes, de José Sérgio Leite Lopes, de Roberto da Matta, ao que se seguiram os importantes aportes de Maurício Murad e Ronaldo Helal, chegando mais recentemente, já na virada de séculos, aos já clássicos trabalhos de Leonardo Pereira e Luiz Henrique Toledo.

Nos dias de hoje, seria até difícil enumerar todos os investigadores e investigadoras, nos mais distintos níveis de formação, que se debruçam sobre o ludopédio. Em vários âmbitos, não só na academia, finalmente foi dado o devido crédito e importância ao esporte que, como nenhum outro, pelo menos de forma tão generalizada, é capaz de mobilizar paixões, cruzando-se com outros temas relevantes da cultura nacional. Não só cultura, aliás: economia, política, sociedade.

Entre essas relevantes iniciativas, há mais de 15 anos, na Universidade Federal de Minas Gerais, se estruturou o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas – GEFuT, liderado pelo professor Sílvio Ricardo da Silva que, para além de sua competência acadêmica, tem a enorme capacidade de ser o dinamizador de uma turma alegre, comprometida e competente que tem dado contribuições notáveis para a melhor compreensão do tema, registrando uma produção profícua fruto de seus trabalhos de pós-graduação e pesquisa.

O professor Sílvio Ricardo da Silva é para mim Silvão, amigo e irmão com o qual há décadas compartilho olhares sobre tudo da vida, para além do âmbito profissional, uma relação cimentada por nosso amor pelas coisas do Rio de Janeiro e da cariquice, por nós cultuadas mesmo em nossa performance pública.

Sendo ele vascaíno fervoroso e goleiro esforçado (certamente discordará dessa afirmação, preferindo-se ver como um exemplo de bom arqueiro), e eu flamenguista e só admirador do futebol como público, nossa amizade tem a força das parcerias que se constituem nesses sinais trocados e complementares, como as canções de João Bosco e Aldir Blanc, comparação obviamente apenas retórica já que nós dois não temos um átimo sequer da genialidade desses craques da música que ambos admiramos profundamente.

A amizade com Sílvio se espalhou para outros membros do grupo. E por eles, por diversas vezes, fui convocado a ajudar em algo, ainda que sempre ponderasse que futebol não é minha praia, já que sempre estive mais atento aos esportes pioneiros do século XIX. Graças a eles, fui instado a cometer algumas análises/interpretações sobre o ludopédio, entabuladas, na verdade, a partir do diálogo com a produção do GEFuT, que sempre acompanhei com admiração e atenção. Fundamentalmente, gosto dessa gente que é séria sem ser casmurra; que é comprometida sem perdera leveza. Sinto-me em casa com esse povo.

Assim sendo, o que temos na prática cotidiana do GEFuT é a superação da máxima de Nelson Rodrigues. Trata-se de intelectuais que sabem cobrar um lateral (ou escanteio), que admiram, torcem e se retorcem com o futebol, que entendem e procuram entender as coisas do povo (do qual se sentem e fazem parte), que lançam olhares generosos, mas não menos críticos sobre nosso esporte-rei, a nossa manifestação cultural mais célebre e democrática (ainda que, até mesmo por isso, tão açodada por interesses espúrios econômicos e políticos).

Ao percorrer as páginas a seguir, a leitora e o leitor encontrarão um pedacinho dessa incrível trajetória e dos aportes significativos lançados pelos pesquisadores e pesquisadoras do GeFut. Este livro é uma celebração e merece ser celebrado, da maneira que nós na universidade sabemos fazer, com debate sério e consequente, mas também da forma que muitos de nós deseja entabular, com alegria e fraternidade.

Lamento decepcionar o leitor e a leitora, mas uma coisa apenas poderá perspectivar, não encontrará neste livro que honrado prefacio. Tudo isso foi feito com enormes decibéis de risadas, uma parte das quais pude desfrutar. E lhes digo, se vocês obtiverem 10% desse prazer ao percorrer as páginas vindouras, já terão ao menos chegado perto da notável contribuição do GEFuT que ora comemoramos com essa síntese de seus esforços.

Victor Melo
Verão de 2023.

O ENSINO**FUTEBOL E CULTURA: A FORMAÇÃO COMO PILAR DA PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO 1**

Luiz Gustavo Nicácio
 Silvio Ricardo da Silva

OS CURSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE 9

Marina de Mattos Dantas
 Mauro Lúcio Maciel Júnior
 Mateus Alexandre Silva
 Amanda Maria Ramos Lopes

A EXTENSÃO**EDUCAÇÃO PARA E PELO FUTEBOL: MÚLTIPLAS PONTES ENTRE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO 21**

Thiago José Silva Santana
 Felipe Vinícius de Paula Abrantes

O PROJETO ACADEMIA E FUTEBOL – PERSPECTIVAS DE ENSINO PARA ALÉM DA BOLA ROLANDO32

Fábio Henrique França Rezende
 Danilo da Silva Ramos
 Túlio Moreira Torres
 Ana Luiza Pimenta Carvalho
 André Galvão Soares

UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR PARA O FUTEBOL E O TORCER: UMA CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL E TORCIDAS (GEFUT)46

Elcio Loureiro Cornelsen

REPENSANDO O ÓBVIO ULULANTE: PORQUE NADA É TÃO ÓBVIO ASSIM.....58

Luiza Aguiar dos Anjos
 Marina de Mattos Dantas
 Iago Fernandes Proença
 Luana de Oliveira Gomes

AS PESQUISAS**OBSERVATÓRIO DO TORCEDOR O APITO PARA BOLA EM JOGO70**

Luiz Gustavo Nicácio
 Thiago José Silva Santana
 André Silveira Gomes

OS LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS DO GEFUT SOBRE O FUTEBOL 80

Marcos de Abreu Melo
 Adriano Lopes de Souza
 Alexandre Francisco Alves

O FUTEBOL NO CAMPO DA HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES DO GEFUT ENTRE OS ANOS DE 2010 E 201793

Sarah Teixeira Soutto Mayor
 Georgino Jorge Souza Neto

OS TEMPLOS DO TORCER: O PERCURSO DO GEFUT NAS PESQUISAS SOBRE OS ESTÁDIOS 107

Priscila Augusta Ferreira Campos
 Christian Matheus Kolanski Vieira

OS ESTUDOS SOBRE TORCIDAS REALIZADAS NO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL E TORCIDAS (GEFUT) 2008 - 2022 130

Renato Machado Saldanha
 Fábio Henrique França Rezende
 Danilo da Silva Ramos
 Renata Alves Pinto Lemos
 João Martins Nogueira Júnior

A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO E FOCO DE PESQUISA NO FUTEBOL.. 140

Mateus Alexandre Silva
 Amarildo da Silva Araújo

UMA INESQUECÍVEL PARCERIA 140

Sarah Teixeira Soutto Mayor
 Pablo Alejandro Alabarces

SOBRE OS AUTORES 147

O ENSINO

FUTEBOL E CULTURA: A FORMAÇÃO COMO PILAR DA PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Luiz Gustavo Nicácio

Silvio Ricardo da Silva

Segundo Rosa *et al* (2011), a palavra currículo passou a ser utilizada no final do século XVI para definir o conjunto de estudos que deveriam ser realizados ao longo de um curso por alunos. Essa preocupação estava balizada no interesse de uma sistematização escolar para a aprendizagem. Nesta perspectiva há um conjunto de normativas e delimitações que por vezes podem engessar e limitar as potencialidades de uma determinada formação.

Ao pensar na trajetória do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), é essencial que nos debruçemos sobre suas incursões de diferentes formas nos currículos de cursos com os quais o grupo se manteve em contato contínuo. Desde 2006, mesmo antes da criação do grupo, a oferta de uma disciplina chamada Futebol e Cultura teve um caráter inovador na trajetória de inúmeros integrantes do GEFuT e de outros estudantes de graduação, em especial da Educação Física.

Em um livro que lança mão da trajetória de um grupo de pesquisa para evidenciar diferentes perspectivas do fazer científico, dos impactos sociais e da relevância social do futebol, parece-nos essencial ter no primeiro capítulo a emergência – tanto no sentido de surgimento, quanto no sentido de necessidade – de disciplinas que ampliem o olhar acerca deste fenômeno socio cultural.

Em 2006, o currículo da graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais, contava com uma disciplina de futebol, mas, que como a maioria das demais matérias que se dedicavam a um esporte se via vinculada aos aspectos técnicos, táticos e fisiológicos do jogar. Ainda que reconhecidamente parte da cultura brasileira, as dimensões socio culturais do futebol se mantinham a margem da formação de profissionais de Educação Física, fosse no bacharelado ou na licenciatura. Até hoje, o senso comum não consegue perspectivar essa formação mais ampliada para o curso de Educação Física, sugerindo que apenas a dimensão técnica basta. Mas ao refletir junto aos alunos inscritos, inclusive inseridos em clubes grandes à necessidade de alargamento da concepção sobre o que é aprender e ensinar futebol, há uma ampla aderência à proposta e a consequente reverberação disso em suas respectivas atuações.

Aqui é importante situar historicamente a ocorrência de diferentes marcos históricos da trajetória do GEFuT. A primeira oferta da disciplina ocorreu no segundo semestre de 2006, que se iniciou no mês de agosto daquele ano, ou seja, aproximadamente dois meses antes do grupo ser criado. É mesmo a pesquisa do Observatório do Torcedor, demanda do então Ministério do Esporte, é posterior a proposta da disciplina. A proposição desta inflexão no currículo da Educação Física daquele momento era então mais do que uma demanda de formação de um grupo, fundava-se numa percepção distinta sobre o formar profissionais da área para além de uma dimensão físico técnica.

Interrogar-nos pelos conteúdos de nossa docência é interrogar-nos por nossa função, por nós mesmos. O medo de perder os conteúdos é o medo de perder o sentido do nosso saber-fazer. Na ousadia pedagógica de repensar os conteúdos de nossa docência poderá estar o encontro de um novo sentido para nosso saber-fazer. (ARROYO, 2007, p.70)

Quando Arroyo propõe essa reflexão, ele fala muito para o lugar de docentes da educação básica, entretanto, isso vale para orientar nosso fazer docente em todos os níveis de formação. O entendimento que ensinar futebol está fundado no ensino do jogar apenas é uma perspectiva que pode ser tida como incontestável, afinal com o que trabalharão os profissionais de Educação Física ao se formar? Mas, ao nos questionarmos e investirmos em uma perspectiva ousada, como a oferta de “Futebol e cultura” naquele momento vai além do “encontro de um novo sentido para nosso saber-fazer” como dito pelo autor.

A percepção dos sujeitos em formação sobre suas possibilidades de atuação é diretamente impactada, pois os diálogos se ampliam na direção de políticas públicas, gestão de clubes, atuação com pesquisas, diálogos com museus entre outros abrindo aos graduandos a noção de que ao futebol não lhes cabe apenas a condição de treinamento no esporte.

Para além da formação profissional é preciso ter em mente que a universidade está em posição de formação humana. Os profissionais que se formam, ainda que não atuem diretamente com o futebol, podem, no desenvolvimento de estudos mais sensíveis a diversidade social em que estão imersos, ser capazes de melhores avaliações para orientar o desempenho de suas funções, sejam elas profissionais ou de outras esferas da vida. Murad (2009) ao falar dos usos políticos do futebol, destaca que é sim preciso estarmos atentos a eles, mas, no entanto, isso não é tudo quando pensamos no futebol, ou outros grandes eventos de massa. Não há um esgotamento em dizer que ele é “o ópio do povo” ou que “a culpa não é do futebol em si”. É preciso operar em uma perspectiva que compreenda as relações estabelecidas e em fluxo, as resistências, as denúncias promovidas a partir de dentro e do entorno, tudo isso coloca o futebol como um objeto importante para a formação dos graduandos.

Nessa perspectiva é que ocorre a primeira oferta da disciplina “Futebol e cultura”, de natureza optativa, com carga horária semestral de 45 horas, o que representou ao menos quinze encontros de três horas cada. Não havia um pré-requisito para matricular-se, tanto alunos dos semestres iniciais, quanto aqueles que já estavam para concluir poderiam cursar a disciplina. Se a ideia era mobilizar, conquistar espaços, ser contra hegemônico, não havia motivos da existência de requisitos mínimos para que se cursasse.

A narrativa que se segue se mistura com a história do GEFuT e ajuda a evidenciar a organicidade do desenvolvimento do grupo em relação as ações que foram propostas ao longo destes mais de 16 anos.

A proposta para o semestre se anunciava a partir de sete eixos: Futebol na sociedade brasileira; Futebol e gênero; Futebol e racismo; Futebol e linguagens; Industria do futebol; Futebol e superstição; Futebol e torcida. Cabe ressaltar que alguns desses tópicos foram substituídos ou ampliados, de acordo com a conjuntura apresentada pela nossa sociedade e mais especificamente, pelo próprio futebol.

Como ponto de partida, a primeira aula previa no plano de ensino as “experiências dos atores da disciplina”. Como dito por Magalhães e Teixeira (2021, p.15), “no Brasil, o futebol é um esporte que desperta interesses, paixões e incessantes debates”. E se no cotidiano este fenômeno já suscita o debate, qual a melhor forma de dar início a uma disciplina que propunha, segundo seu plano de ensino:

- Estimular a reflexão dos alunos acerca do futebol como um fenômeno socio cultural;
- Refletir sobre as diversas manifestações sociais ocorridas através do futebol;
- Apresentar diversas linguagens que retratam o futebol;

Iniciar compartilhando as experiências colocou e segue colocando em outras ofertas, os discentes em um ambiente próximo, conhecido, podemos dizer que para muitos de intimidade. Ao mesmo tempo, ao serem apresentados a proposta da disciplina com uma diversidade de temas, variedade de recursos didáticos para as aulas e amplo referencial acadêmico provoca a sensação de que pensar o que há de novo sobre esse lugar tão próximo.

Na primeira oferta lembremos que as aulas se iniciam sem a existência do GEFuT, e de uma turma de aproximadamente 35 alunos, ao menos oito compuseram o escrete gefutense em algum momento ao longo destes 16 anos. Por que é importante destacar isso? Bom, primeiro porque pode exemplificar como uma temática que era pouco ou nada explorada nos corredores da EEEFTO ao ser componente de uma disciplina não se encerra na própria disciplina e pode conceder a universidade inovação do ponto de vista do ensino,

pesquisa e extensão ao abrir essa porta na formação profissional. Segundo, ao longo do texto buscaremos exemplificar como a disciplina alimentou outras ações do GEFuT, de outros grupos e como foi reinventada a partir do que ela mesma fundamentou.

SOBRE ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS E A DINÂMICA DE APRENDER SOBRE APRENDER

Para debater cada um dos tópicos aqui apresentados, recorreremos a estrutura da primeira oferta da disciplina “Futebol e cultura”, mas as reflexões percorrem os diferentes anos e níveis de ensino em que a temática foi desenvolvida a partir de uma disciplina, por vezes com nomes distintos, mas sempre numa perspectiva muito próximo, ainda que níveis de aprofundamento que visava se adequar a graduação ou a pós *strictu sensu*.

Ao longo do semestre, as formas de desenvolver o conteúdo variaram à medida que cada novo assunto se apresentava, e é preciso dar visibilidade a um dos eixos temáticos, futebol e linguagens. Lançar mão de filmes, fossem eles curtas, longas, documentários é uma estratégia não só didática, mas relacionada ao conteúdo desenvolvido. Simultaneamente eram formas de levantar um debate e de demonstrar a perfusão do futebol na sociedade percebendo o número de produções audiovisuais que se dedicaram a retratá-lo e refletir acerca da sua constância na sociedade, seja no Brasil ou em outros lugares do mundo. O mesmo pode ser dito pelo uso de músicas e da literatura. A respeito do bate bola entre literatura e futebol, Hollanda e Silva (2021, p. 56) destacam que um olhar direcionado a literatura tradicional, enviesada pelos chamados clássicos e eruditos poderia sugerir que esses elementos “não estabelecem relações relevantes na cultura brasileira, o que seria realmente estarrecedor, e talvez pudesse ser explicado pelo caráter elitista que a atividade literária, ao contrário do esporte sempre teve em nosso país”. Ao problematizar mais a fundo o assunto, os autores exploram a diversidade de produções apontando as crônicas e colunas esportivas como um ambiente em que de maneira mais ampliada essa relação poderia ser percebida. A literatura, entendida como uma produção de seu tempo e que traz consigo marcas sociais pode ser um exemplo de como os caminhos didáticos se confundem com o próprio conteúdo.

Durante os primeiros anos em que Futebol e cultura foi oferecida, em especial na graduação, uma crônica chamada “Futebol de rua” de Luís Fernando Veríssimo era prontamente reconhecida pelos alunos do curso, se não completamente, mas em vários dos seus elementos. E numa rememoração várias questões importantes sobre a construção social brasileira e do futebol emergiam. Ao passo que com o passar dos anos, o número de

alunos que se reconhece na narrativa de Veríssimo, diminuiu e isso também contribui no processo formativo no fluxo da disciplina.

Muitas vezes temida pelos próprios docentes, a avaliação, foi ao longo dos anos outro caminho para formação. Um dos instrumentos de avaliação que se fez presente já na primeira turma foi a “Elaboração e apresentação de um trabalho de campo”. De certo, não são todos os estudantes que se encaminharão na carreira acadêmica ou como pesquisadores, contudo, parece importante durante o processo formativo o incentivo a compreensão de diferentes formas de aprender. Fazer pesquisa é uma delas e há diferentes formas de realizá-las. Ao propor uma pesquisa de campo, o convite feito era de mover o olhar para uma nova posição em um determinado ponto que poderia ou não fazer parte do cotidiano desses alunos. Estádios, bares, museus, escolas, lojas, clubes, campos de várzea e outros dos mais diversos espaços se tornam a partir desta escolha avaliativa espaços de aprendizagem. Ao buscar aprender como aprender nessas incursões a campo os graduandos faziam mais do que cumprir uma tarefa a ser entregue, tinham um componente de aula como a produção de conhecimento. Aprender a formular uma questão de pesquisa, delimitar objetivos dessa ida a campo, como responder as perguntas elaboradas e posteriormente como compartilhar não está circunscrito numa tarefa da disciplina, transborda na direção de uma formação do sujeito que por ela passa.

Associado ao trabalho de campo outra ferramenta avaliativa era utilizada, a escrita de um texto em formato de artigo, sobre uma das temáticas da disciplina. É interessante pensar que ainda que recorrente esta ferramenta poucas vezes se relaciona com um gosto pessoal. Escrever sobre algo que é muitas vezes caro ao aluno se mostra um novo desafio, uma vez que aquilo que antes fazia parte apenas de rodas de conversa, encontros de amigos e situações semelhantes, agora deveria ganhar um outro tom, engajado em um maior compromisso reflexivo e fundamentado.

A diversidade de estratégias de avaliação, assim como outros pilares da disciplina beberam da fonte das produções do GEFuT, os projetos de extensão, as pesquisas desenvolvidas, as atividades de formação em outras frentes como cursos para professores ou profissionais de redes públicas de secretarias de esporte, ecoaram ao longo dos anos nas escolhas avaliativas. A disciplina teve um papel de criadouro e espaço de testagem de estratégias, tal como assim também foram as demais ações do GEFuT.

REFERENCIAIS DIVERSOS VISANDO UMA FORMAÇÃO AMPLIADA

O referencial teórico utilizado ao longo dos anos tem um ponto em comum, a diversidade de origem. Não só por se vincular a um programa de estudos interdisciplinares

do lazer, pelo campo do lazer comportar uma variedade de áreas as disciplinas sempre tiveram um forte apelo interdisciplinar. Remetendo novamente ao segundo semestre de 2006, a bibliografia busca se manter atual e bebendo da fonte da antropologia, história, sociologia, educação física, história, letras entre outras.

As referências utilizadas na disciplina iam desde Universo do Futebol, de DaMatta e colaboradores (1982), um grande marco nas produções sobre o futebol nas ciências humanas, até o livro organizado por Jocimar Daolio (2005), Futebol, Cultura e Sociedade. Lembremos que a disseminação da informação não era tão agilizada quanto hoje em termos de acesso as produções mais recentes, de todo modo, a literatura base transitava entre clássicos e as mais recentes publicações. O que segue sendo uma premissa até os dias de hoje.

No ano de 2008, o GEFuT realizou a primeira versão de uma pesquisa intitulada Levantamento da Produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Que viria a ter uma atualização e ampliação de 2016 até 2018. Estas pesquisas, permitiu que um vasto número de artigos, livros, teses e dissertações de áreas distintas fossem incorporadas a literatura das disciplinas. A primeira versão desta pesquisa resultou em um livro (SILVA ET ALL, 2009), que aglutinava e dividia em categorias essa produção, o que ao mesmo tempo que qualificava e ampliava o referencial da disciplina se tornou material da própria disciplina.

A percepção de que o objeto da disciplina estava disperso em uma variedade grande de áreas e de formas de interpela-lo dava mais força a característica de rompimento dos horizontes vislumbrados na atuação dos participantes da disciplina.

Ao longo dos anos, as pesquisas do GEFuT, fossem elas coletivas ou nas dissertações e teses defendidas por integrantes do grupo, foram muitas vezes se incorporaram ao referencial e trouxeram um importante elemento inovador, a regionalidade do conhecimento. Ao analisarmos a produção sobre o futebol, essa até então era muito centrada no eixo Rio-São Paulo. O levantamento e as pesquisas produzidas no grupo puderam incorporar dados mais próximos a realidade dos participantes. Em semelhante medida em que as disciplinas, na graduação e na pós, tiveram papel fundamental na formação de muitos integrantes do grupo, o GEFuT subsidiou a qualificação delas.

Os horizontes da premissa disciplinar foram ampliados nos anos de 2016 e 2017, quando um integrante do GEFuT, discente na primeira turma de “Futebol e Cultura” em 2006, assume a docência no curso de Geografia do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) campus Ouro Preto para ministrar a disciplina “o Futebol e as ciências sociais”. A natureza desta, também era optativa e já existia na grade do curso antes mesmo da

chegada do docente ao quadro efetivo do IFMG. O destaque aqui é válido em razão de duas questões. A primeira que o convite para que o professor assumisse a oferta se deu pela trajetória no interior do GEFuT e o reconhecimento alcançado pelas produções do grupo, em especial as produções do levantamento, anteriormente citado. A segunda está alinhada ao tópico sobre o qual discorreremos aqui, a diversidade do referencial utilizado permitiu aproximações com as ciências humanas que deram condição ao desenvolvimento do trabalho em um curso distinto a área de formação inicial do professor. A própria geografia ofereceu várias produções importantes ao longo dos anos, como os trabalhos de Milton Santos, Gilmar Mascarenhas, Yi-Fu Tuan entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados pouco mais de 16 anos de existência do GEFuT, é facilmente reconhecido por seus integrantes e egressos a importância das disciplinas, aqui representadas pelo nome “Futebol e cultura”. Se como dito anteriormente para formação na graduação em Educação Física este tempo/espaço representava uma ampliação do campo de visão dos discentes, para o grupo em si, representou mais do que isso. Primeiro, há um orgulho em se matricular na disciplina, sendo participante do grupo, é um símbolo de distinção perante aos colegas. Há também uma narrativa de que, mesmo aqueles e aquelas que não gostavam de futebol, passaram a ter mais atenção e argumentos de discussão sobre o esporte. E por fim, o fato de a disciplina tratar de maneira indireta sobre a atuação dos futuros egressos nos diversos espaços com a temática futebol, isso traz segurança para os primeiros anos de trabalho docente.

Os tempos da universidade são escassos pois os compromissos muitas vezes se sobrepõem e existe a necessidade de escolha. As reuniões semanais recebem demandas administrativas e uma especificidade de linha de estudo. As obrigações formais com a formação em termos de créditos a cumprir, estágios e outras responsabilidades podem comprometer o aprofundamento. Desta maneira, para o grupo, a oferta destas disciplinas se converteu no que poderíamos chamar de categoria de base no caso da oferta na graduação e subida aos profissionais no caso da pós. Brincadeiras à parte, à medida em que o arcabouço teórico do GEFuT se ampliava, a chegada de novos integrantes se fazia facilitada ao cursar “Futebol e Cultura”. No esteio das incorporações do referencial utilizado, das metodologias desenvolvidas, dos convidados que compareceram ao longo dos anos os novatos se viam imersos no universo acadêmico que estavam buscando ao se inserir no grupo. Ao se matricularem, eles têm a possibilidade de viver a trajetória do

GEFuT condensada em um semestre de maneira intensa para que possam fruir bem o grupo e trazer suas contribuições para a produção do conhecimento.

Já quando ofertada na pós graduação, outras características se destacam. A densidade dos debates se amplia, as expectativas acerca da temática agora dialogam com objetos de pesquisa específicos ao passo que pessoas que não são participantes do GEFuT podem contribuir a partir de outros objetos de pesquisa e outros referenciais que muitas vezes acabam por dialogar e abrir portas as investigações destes sujeitos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 9.Edição. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baeta; GUEDES, Simoni Lahud.; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**. Pinakothek.1982.

DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas – Autores associados. 2005.

HOLLANDA, Bernardo Buarque; SILVA, Marcelino Rodrigues da. Futebol e literatura no Brasil: um caso crônico. In: MAGALHÃES, Livia Gonçalves. TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Futebol na sala de aula: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de ciências sociais e de história**. Niterói – Eduff, 2021.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Apresentação – O futebol no campo do ensino. In: MAGALHÃES, Livia Gonçalves. TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Futebol na sala de aula: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de ciências sociais e de história**. Niterói – Eduff, 2021.

MURAD, Maurio. **Sociologia e Educação Física: diálogos, linguagens do corpo, esportes**. Rio de Janeiro - FGV Editora. 2009

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ansanello; CORRÊA, Bianca Rodrigues; ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão do currículo. **Currículo sem fronteiras**. V.11, n1, p.198-217, Jan/Jun, 2011.

SILVA, Silvio Ricardo da; NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu. **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, 2009.

OS CURSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE

Marina de Mattos Dantas

Mauro Lúcio Maciel Júnior

Mateus Alexandre Silva

Amanda Maria Ramos Lopes

INTRODUÇÃO

O conhecimento está em todos os lugares, transita por espaços formais e informais, comporta experiências acumuladas nas vivências coletivas e individuais, de modo que pode ser formalizado ou desfrutado sem muitas regras.

A tríade ensino-pesquisa-extensão, que compõe as bases do ensino superior no Brasil, é um exemplo da formalização do conhecimento, não como um fim, mas um meio, pois o conhecimento está em constante desenvolvimento. Nas relações entre algo já produzido, objetivos traçados, experiências individuais e coletivas, além de incontáveis fatores que podem influenciar neste processo, o conhecimento se ramifica e se expande.

Um apontamento indispensável a ser feito, quando o foco está dirigido para a contínua construção do conhecimento, é a sua característica pluridirecional. Essa é uma das bases que sustenta as ações do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT, desde a sua criação, em 2006, a partir do Estatuto de Defesa do Torcedor (BRASIL, 2003), Lei federal do início dos anos 2000 que suscitou debates e originou a pesquisa que fundou o grupo. Aquela investigação buscou ouvir e debater com torcedores as imposições deste documento.

O princípio do diálogo na construção do conhecimento faz parte, desde então, das ações encabeçadas pelo GEFuT. De início, a conversa se dava entre o professor Silvío Ricardo da Silva, coordenador do grupo, e estudantes de graduação em Educação Física da UFMG, que foram se qualificando, realizando seus cursos de mestrado e doutorado, ao mesmo tempo que continuavam no grupo, entre idas e vindas, convivendo e exercitando aspectos importantes da vida profissional de docentes e pesquisadores. Desse modo, a composição atual do grupo contempla desde estudantes de graduação em Educação Física e outros cursos dotados de interfaces com o futebol, até doutores e doutoras em Estudos do Lazer, Ciências Sociais e outras áreas, alguns tendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer estágios pós-doutorais.

Nas reuniões, há espaço e incentivo para que cada um se posicione, constituindo, assim, uma marca do grupo. No início das atividades, quando a composição do GEFuT era basicamente de alunos de graduação com a coordenação do professor Silvio, a dinâmica supracitada já existia. De lá até o início do ano de 2020 as reuniões eram presenciais e semanais, constituindo espaço de estudos e de organização das demandas do grupo.

Os cursos de formação propostos pelo GEFuT têm em suas bases diretrizes temáticas (que podem partir de demandas estabelecidas ou espontâneas), o conhecimento construído e que circula nas reuniões de estudo e nos projetos de pesquisa, as experiências adquiridas na extensão universitária e as contribuições dos projetos individuais de trabalhos de conclusão de curso, mestrado, doutorado e pós-doutorado dos membros envolvidos no processo, direta e indiretamente.

Produzir conhecimento é um dos objetivos da pesquisa, o atendimento à comunidade é uma característica marcante da extensão universitária e cursos de formação são expoentes do ensino. Porém, nos moldes como estes acontecem, há uma fusão, desejável e incentivada, entre a pesquisa, a extensão e o ensino, princípios que sustentam o ensino universitário no Brasil, mas que, nem sempre, se materializam de maneira equânime. Nesse sentido há no GEFuT um empenho contínuo nessa articulação, buscando o desenvolvimento em todas as instâncias citadas.

Os cursos de formação enriquecem os debates acerca do futebol, principalmente nas áreas das ciências sociais e humanas, bases do conteúdo trabalhado. O público alvo das ações também proporciona trocas, seja ele composto por pessoas sem nenhum vínculo com a área acadêmica, estudantes ou profissionais já formados. Desde o contato direto com os participantes, passando pelo conteúdo programado, até as experiências trocadas, cada elemento ocupa uma parcela na produção desse conhecimento.

Partindo desse ponto, falar dos cursos de formação do GEFuT é também falar sobre a nossa formação continuada como sujeitos e professores-pesquisadores enquanto construímos e lembramos a história do grupo através de suas ações de formação. Assim, neste capítulo, dividimos essa história em três momentos: a disciplina que foi um dos pontos de origem do grupo, os cursos de formação de curta duração oferecidos para outros públicos, e as experiências de cursos de extensão mais perenes, desenvolvidos até o ano de 2022, nos momentos antecedentes à publicação deste livro.

FUTEBOL E CULTURA¹

Foi apresentada no capítulo 1, como se deu a organização e a dinâmica de funcionamento da disciplina Futebol e Cultura. Retomaremos aqui, brevemente, a exposição acerca da mesma, uma vez que, a partir desta disciplina a maior parte dos cursos de formação docente se basearam. Apresentando-se como um componente curricular não obrigatório do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a disciplina “Futebol e Cultura” foi ofertada pela primeira vez no ano de 2006. Planejada e ministrada pelo professor Silvio Ricardo da Silva, ela está em vigência ainda nos dias atuais, preenchendo uma lacuna comum aos cursos de formação da área da Educação Física, que possuem uma tendência de tratar o fenômeno esportivo hegemonicamente pelas óticas da prática e do desempenho competitivo.

Sem reduzir a importância desses aspectos, mas adotando a compreensão de que há diversos atravessamentos que se manifestam nas inserções do futebol na sociedade, tal disciplina apresenta, desde sua concepção, o objetivo de trabalhar com essa modalidade enquanto fenômeno sociocultural. Ao analisar os programas construídos ao longo dos anos, pode-se dizer que esse é um ponto de permanência da matéria, capaz de dar o tom dos contornos que “Futebol e Cultura” foi assumindo historicamente. Como exemplos, podem ser mencionados debates envolvendo as histórias do futebol, as violências ligadas à modalidade, questões relativas a aspectos envolvendo gênero, raça, racismo e lgbtphobia no esporte, a diversidade de modos de torcer, a gentrificação dos espaços futebolísticos, a pertinência e os significados de processos de elitização, as crenças e a presença de superstições e, até mesmo, as possibilidades educativas, de lazer e de trabalho geradas pelas novas tecnologias, tais como as representadas pelos jogos eletrônicos e o mundo virtual.

Ao longo dos quinze anos desde a primeira vez em que foi ofertada, esse tem sido um objetivo da disciplina “Futebol e Cultura”, bem como uma marca que tem deixado em quem tem a oportunidade de cursá-la. Para que isso ocorra, vale ressaltar a importância do GEFuT nos debates levados para a sala de aula e destacar o espaço que essa matéria abre para a formação de integrantes do grupo, por vezes diretamente envolvidos em sua concepção e realização, através de vivências possibilitadas pelo estágio docente da pós-graduação.

1. Neste livro, o capítulo 1 intitulado, “Futebol e cultura: a formação como pilar da pesquisa, ensino e extensão” aborda de forma detalhada a estruturação da disciplina e de que forma ela contribuiu para que fossem pensados e organizados os cursos de formação docente.

CURSOS E OFICINAS

O curso realizado junto a professores do Colégio Pitágoras, em 2010, foi o primeiro curso de formação/extensão do GEFuT para professores do Ensino Básico, realizado pelo professor Silvio com egressos da graduação em Educação Física e mestrandos do Curso de Pós-graduação em Lazer da EEEFTO-UFMG (Carlos Eduardo Lages, Luiz Gustavo Nicácio e Marcos de Abreu Melo) e licenciandos e graduandos do Curso de Graduação em Educação Física da EEEFTO-UFMG (Luiz Gomes, Letícia Castilho, entre outros), todos membros do GEFuT. A temática da educação para e pelo torcer era o principal foco do grupo, que ainda não tinha suas linhas de pesquisa especificadas. Por conta de uma pesquisa realizada com torcedores no Mineirão sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e outra com torcidas organizadas em Belo Horizonte (SILVA et al., 2007), o grupo começava a pensar diversas questões que envolviam o futebol e especificamente o torcer como prática de lazer e seus atores e agentes, desdobrando-se daí alguns trabalhos de conclusão de curso na graduação em Educação Física e de mestrado, realizados no Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer - atual Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG) - em frentes diversas: o torcer nas escolas (NICÁCIO, 2010) e nos estádios (OLIVEIRA, 2009), especificamente a relação das mulheres com os estádios (CAMPOS, 2010) e o perfil de torcedores organizados (PRAÇA, 2011), a história do torcer em Belo Horizonte (SOUZA NETO, 2010), o lazer nas torcidas (GOMES, 2011), as violências nas torcidas e estádios (MELO, 2009), a construção de rivalidades entre torcidas (BESCHIZZA, 2012), torcidas no interior de Minas Gerais (SILVA, 2011), o futebol nos jogos eletrônicos (RODRIGUES, 2011) e os preparativos para a Copa do Mundo FIFA de 2014 (LAGES, 2012), que seria realizada no Brasil, bem como os impactos sociais de se sediar um megaevento e sua reverberação nas mídias (ABRANTES, 2010) e até mesmo o torcer no Volei (CRUZ, 2012).

A oficina para professores do Colégio Pitágoras Cidade Jardim, teve como título “O Futebol como elemento cultural – Metodologias possíveis na Escola”. Aconteceu em dois encontros de duas horas cada, no período da noite, nos dias 22 de março e 19 de abril de 2010². A proposta foi de compartilhar o que havia sido produzido nos anos de trabalho no Centro Pedagógico (CP) e no Colégio Técnico da UFMG (Coltec), a partir de diferentes perspectivas didáticas e fundamentação pedagógica.

A organização dos conteúdos seguindo a ordem de fundamentação teórica mais intensa, diálogo sobre notícias recentes e conteúdo retirado de mídias virtuais mostrou-se como uma boa alternativa para uma intervenção destinada a professores, incluindo as

2. Inicialmente, o intervalo previsto entre os encontros era de 15 dias. Contudo, uma paralisação dos professores da Rede Particular de Ensino de Belo Horizonte alterou os planos.

temáticas gênero, violência, espetáculo esportivo e manifestações do torcer em meio ao cronograma³.

Entre os encontros, uma “Para Casa” foi solicitado aos participantes - elaborar metodologias de ações que envolvessem o futebol e trazer reflexões sobre este processo para o segundo e último encontro que incluía a retomada rápida dos pontos apresentados no primeiro dia; a exposição das metodologias pedagógicas pelos professores, envolvendo o tema futebol, que ficaram como “Para Casa”; a exposição das metodologias pelo grupo, também com o tema futebol, que já haviam sido desenvolvidas em outras ações da extensão; e a realização da avaliação da intervenção por meio de uma ficha previamente elaborada pelo grupo que deveria ser preenchida pelos professores presentes.

“O futebol está tão presente em nosso cotidiano que até professores que não o tem como objeto de estudos reagem a ele de maneira intensa”. Assim relatou Letícia Castilho Álvares, estudante recém ingressada no GEFuT e que ficou responsável por produzir os relatos sobre a oficina. A estudante também registrou que, além das temáticas levantadas pelos ministrantes da intervenção, outras emergiram nos encontros: a ditadura militar brasileira como um forte contexto do futebol daquele período; o filme/documentário sobre o jogo Haiti x Brasil, o “jogo da paz”, que retrataria o contexto da missão brasileira naquele país; a relação que existe ou não no fato de no Brasil o período das eleições coincidir com a realização da Copa do Mundo; o uso que alguns políticos ou seus partidos fazem do futebol para destacar a sua imagem; o uso dos estádios de futebol para a realização de discursos políticos; uma análise mais profunda sobre a profissão “jogador de futebol”, suas condições de trabalho, o tráfico de jogadores brasileiros para o exterior, a qualidade da formação educacional de aspirantes à profissão; a coluna chamada “Bitoque” que fazia parte do jornal mineiro Diário da Tarde na década de 1980, que trazia charges e diferentes gêneros textuais, fazendo uso de muito humor ironia para tratar do tema futebol.

Letícia ainda pontuou que:

A exposição dos temas realizada pelo Prof. Silvio foi percebida como bastante instigante para pensar sobre a relação deles com o cotidiano. Sua particular maneira de dizer sobre futebol, tentando fazer com que os ouvintes tragam para o momento as suas relações e sentimentos envolvendo um tema que é tão latente à realidade do país, torna-se muito apropriada para a construção de questionamentos e também para um bom desenvolvimento do conteúdo (Letícia Castilho Álvares, 04 de maio de 2010).

3. O roteiro de ações contemplava: Apresentação do GEFuT – sua história e suas ações; A importância do futebol na sociedade; Futebol na rede – possibilidades no mundo virtual; Futebol como elemento cultural à luz das ciências; Metodologias – uma abordagem teórica; Dinâmica de criação de metodologias; Metodologias em prática; Subsídios para o trabalho de professores – bibliografia e filmografia; Avaliação.

Esse curso também foi base para outras oficinas que aconteceriam em eventos, como no CineFoot⁴ e no I Futebol nas Gerais; respectivamente em Montes Claros e Belo Horizonte, nos anos de 2010 e 2011. A primeira teve como público-alvo 40 estudantes do Ensino Médio e a segunda, professores de Educação Física do Ensino Básico. Os dois encontros abordaram uma pré-história e história do futebol moderno, do torcer e o trabalho desses temas através de jogos e filmes.

Tais oficinas tiveram um papel importante na formação de docentes para atuar na Educação Básica e também no estímulo para a formação continuada, pois, posteriormente, vários estudantes de graduação envolvidos tanto na formação, como os cursistas, realizaram seus mestrados e doutorados.

Quando pesquisas maiores surgiram no grupo, as atividades de formação específicas ficaram mais restritas à disciplina Futebol e Cultura e suas variações nos cursos de Graduação em Educação Física na UFMG e na pós-graduação em Estudos do Lazer. Anos mais tarde, em 2016, um projeto que articulava o Programa Óbvio Ululante, no ar desde 2010, com as experiências de oficinas anteriores, resultando no projeto “Óbvio Ululante: o futebol e suas transversalidades nas ondas do rádio”, efeito das discussões semanais que rolavam na rádio. Pela primeira vez as questões de gênero e raça, além das de classe (que já apareciam anteriormente) começam a atravessar as conversas nos projetos de formação do GEFuT, influenciando também a disciplina Futebol e Cultura. Modificação importante nos interesses de trabalho do grupo que acompanhava o aumento da visibilidade de lutas sociais relacionadas às mulheres, à população LGBTQIA+ e ao racismo no futebol, potencializados e protagonizados pelo surgimento das torcidas *queer* e do Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

O formato desse curso, desenvolvido junto a uma escola da rede estadual de ensino em Belo Horizonte, integrava oficinas sobre as temáticas com a produção de um quadro para o programa da rádio no final do semestre, articulando um pouco mais as relações entre ensino, pesquisa e extensão, onde essas temáticas transversais eram trabalhadas.

Semanalmente e em horário contrário ao das aulas, as oficinas eram realizadas nas próprias escolas, facilitadas pelo grupo que compunha a produção do programa também semanalmente.

Por fim, no ano de 2018, ocorreu uma formação direcionada a monitores dos programas de Educação Integral, da Rede Municipal de Educação, da Prefeitura de Belo Horizonte. Esses sujeitos atuavam nos Programas Escola Integrada, Escola nas Férias e

4. Organizado por Georgino Jorge de Souza Neto, professor da Unimontes e também integrante do GEFuT

Escola Aberta, e estiveram envolvidos em ações teórico-práticas, dentro das perspectivas de trabalho do “Futebol para além da bola rolando”.

As atividades foram divididas em blocos, realizados na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG e no Museu Brasileiro do Futebol (MBF), do Mineirão. Os participantes da formação foram separados em grupos, a fim de que todos pudessem, em uma determinada data, estar presentes em cada um dos locais mencionados.

Ao final do trabalho, era esperado que as experiências e conhecimentos compartilhados entre monitores e integrantes do GEFuT, pudessem ser integradas aos trabalhos educativos realizados nos programas de contraturno escolar, oferecidos pela Prefeitura de Belo Horizonte.

PÓS-PANDEMIA⁵ E CURSOS *ON-LINE*

Como poderá ser observado ao longo do livro, as pesquisas desenvolvidas no GEFuT contemplam diversas áreas. Essa interdisciplinaridade, aliada à crescente influência que as mídias e redes sociais digitais têm apresentado no contexto do futebol, incentivou a realização de mais um curso de extensão. Denominado “Futebol, mídia e sociedade: contribuições para se pensar a atualidade”, ele ocorreu no segundo semestre de 2022 visando aperfeiçoar a compreensão de temas contemporâneos em ciências humanas e sociais que atravessam o futebol em suas variadas expressões.

Nesse sentido, o curso foi voltado para jornalistas e estudantes de comunicação social (Relações Públicas, Jornalismo, Publicidade e Propaganda), ainda que aberto para qualquer pessoa interessada. Como entendemos que esse público-alvo é responsável por produzir muitos conteúdos acerca do futebol, o objetivo inicial era oferecer um espaço formativo para exposição e debate sobre questões relacionadas ao futebol e os impactos que esta modalidade tem no cotidiano de diversas pessoas.

Foi interessante que, ao público inicial que se pretendia atingir, somaram-se estudantes e profissionais de diversas áreas (Educação Física, História, Direito), demonstrando uma demanda reprimida por espaços de formação com essas características, além de possibilitar um produtivo diálogo interdisciplinar entre os cursistas.

Com a carga horária total de 32 horas, o curso apresentou um formato com aulas *on-line*, aos sábados e com frequência quinzenal. Outra possibilidade foi cursar as aulas como

5. Do início da pandemia de Covid-19, em 2020, em diante.

minicursos de quatro horas, certificados individualmente, o que gerou uma movimentação diferenciada de pessoas em cada encontro.

As aulas abordavam conteúdos específicos e eram ministradas por pesquisadores membros do GEFuT, em grande parte também envolvidos com o desenvolvimento da pesquisa sobre torcidas organizadas, movimentos e coletivos de torcedores, que fazia parte do projeto “Academia e Futebol”, desenvolvido entre os anos de 2020 e 2022. Como encerramento e avaliação, a intenção era que os participantes do curso produzissem um texto acadêmico, jornalístico ou outro material sobre as temáticas abordadas ao longo do curso, materializando com uma produção os momentos formativos do curso. Dessa forma, a extensão universitária conseguiria, uma vez mais, promover espaços de construção de conhecimento.

Sobre os conteúdos abordados, Danilo Ramos e Renato Saldanha ministraram a primeira aula do curso com discussões sobre as relações entre “Futebol e Política”, pensando em como o fenômeno pode ser um instrumento político de mobilização popular e/ou como forma de alienação.

No segundo encontro, foi a vez de Marina Dantas e Mateus Silva conduzirem o curso com a temática “Futebol, Infância e Juventude”, a partir das diversidades de vivências possibilitadas pelo fenômeno do futebol.

Em seguida, o tema “Gênero e Sexualidade” foi abordado pelas pesquisadoras Renata Lemos e Bárbara Mendes, trazendo reflexões acerca das hierarquias de gênero construídas na sociedade e, portanto, presentes no contexto futebolístico.

Para o encontro sobre as “Relações Étnico-raciais”, Danilo Ramos e Felipe Abrantes, ministraram uma aula abordando o racismo ainda manifestado em todos os âmbitos do esporte.

Com foco na área da comunicação esportiva, Mauro Lúcio Maciel Júnior e Iago Proença conduziram a quinta aula com discussões sobre “Futebol e Mídia”, abordando desde as relações históricas da mídia brasileira até o marketing esportivo atual.

Trazendo um pouco mais sobre a diversidade de torcidas e do torcer, Renato Saldanha e Fábio Rezende conduziram o encontro denominado “Futebol, Torcida e Torcedores”.

Contribuindo com as atualidades do futebol moderno, a última temática apresentada no curso foi a “Mercantilização do Futebol, SAFs e Implicações para o Torcer”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Priscila Campos e Christian Vieira.

Para finalizar o curso, as pesquisadoras e organizadoras da extensão, Marina Dantas e Amanda Lopes realizaram um seminário integrativo, momento avaliativo do percurso e com apresentações dos produtos construídos pelos cursistas.

Além da oferta do curso, o projeto “Academia e Futebol” também atendia crianças e adolescentes externos à universidade oferecendo aulas gratuitas de iniciação esportiva e de futsal. As aulas foram ministradas por estudantes do curso de Educação Física da UFMG que são integrantes do GEFuT. Dessa forma, ele funciona como uma via de mão dupla, contribuindo com o aprendizado de crianças que, muitas vezes, as famílias não teriam condições financeiras para arcar com aulas em alguma instituição privada, e, também, capacitando os futuros profissionais de Educação Física matriculados na universidade. Essa formação contempla desde o planejamento de aulas conforme as unidades didáticas trabalhadas, até a gestão do projeto, afinal, os estudantes são os responsáveis pelas matrículas, divulgação, pelo relacionamento com as famílias, por reservar os espaços das aulas, entre outras atribuições.

Para Fábio Rezende, integrante do GEFuT e um dos responsáveis pelo andamento do projeto, é gratificante ver o desenvolvimento das crianças e receber tantos retornos positivos sobre o trabalho. Isso é um sinal de que o objetivo da extensão foi alcançado, possibilitando atividades de lazer e aprendizado para a comunidade e formação para os estudantes. Vale ressaltar que o projeto iniciou suas atividades em março de 2022, ou seja, os alunos se encontravam logo após um período de dois anos de inatividade física em decorrência da Covid-19. Também há de se considerar que a grande maioria das casas dessas crianças e adolescentes não possuem espaços disponíveis para atividades de lazer como aulas esportivas, o que justifica a necessidade de se trabalhar habilidades técnicas do futebol e futsal, bem como questões iniciais de coordenação motora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto neste capítulo, fica evidenciada a importância da união entre ensino e extensão, integrando a comunidade às discussões e conhecimentos produzidos na Universidade.

Nos casos aqui relatados, vimos que a disciplina “Futebol e Cultura” contribui com a formação de graduandos ao apresentar e debater questões sociais contemporâneas sobre o futebol. Já os cursos e oficinas foram experiências fundamentais para analisar o envolvimento das pessoas externas com as temáticas. Dessa forma, profissionais de diferentes áreas foram incentivados a refletir sobre como podem agir no contexto futebolístico a fim de engrandecer o espetáculo esportivo democraticamente.

Ao longo dos anos, o GEFuT vem consolidando modos de se fazer pesquisa. As ações de extensão possibilitam que o ensino seja compartilhado em prol da capacitação de todos. Quando iniciado, o grupo contava com poucas intervenções, e, a partir do curso no Pitágoras, outras iniciativas e financiamentos surgiram.

A relação ensino e extensão é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que o conhecimento construído na universidade se integra à comunidade, esta possibilita novas pesquisas, novas intervenções e novas temáticas. Isso fica evidenciado ao se pensar na história do GEFuT, pois quanto mais o grupo se expandiu através das ações de extensão, mais ampla as pesquisas ficaram, abrangendo temas atuais. Além disso, a extensão traz o ensino para perto, ou seja, por dentro das atualidades e daquilo que é realmente necessário. A pesquisa não pode ser estática, pois a sociedade não é estática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.671.htm. Acesso em: 23 nov. 2022.

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula. Mídia e sua manifestação diante da Copa de 2014. 2010. 46 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BESCHIZZA, Ricardo Silva. Atlético X Cruzeiro: um clássico, uma rivalidade, uma queda. 2012. 34 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Mulheres Torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube Presentes no Mineirão. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CRUZ, Ranucy Campos Marçal da. Torcer no voleibol: um estudo a partir da percepção dos torcedores do Vivo Minas e do Sada Cruzeiro. 2012. 57 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

GOMES, André Silveira. Para além dos estádios de futebol – as manifestações de lazer das torcidas organizadas do Cruzeiro Esporte Clube. 2011. 35 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LAGES, Carlos Eduardo Dias Munaier Lages. A copa de 2014 na capital mineira e relações com as políticas públicas de esporte e lazer: estudo a partir de projetos que compõem o planejamento estratégico integrado do estado de Minas Gerais e prefeitura de Belo Horizonte. 2012. 211f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MELO, Marcos de Abreu. As determinações do estatuto de defesa do torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. 2009. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural**: inspiração e prática pedagógica. 2 ed. - Jundiá-SP: Paco, 2019.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

OLIVEIRA, Letícia Morais de França. A escolha pelo setor das cadeiras especiais do estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) pelos torcedores do Cruzeiro Esporte Clube. 2009. 32 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PRAÇA, Gibson Moreira. Perfil de torcedores organizados da Torcida Organizada Galoucura. 2011. 48 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RODRIGUES, Mariana Alves. À sombra das chuteiras virtuais: futebol e lazer nas quatro linhas do jogo eletrônico. 2011. 96f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, S. R. ; NICÁCIO, L. G. ; SILVA JUNIOR, M. S. L. E. ; VIEIRA, Y. V. G. . FUTEBOL E TORCIDA: UM ESTUDO SOBRE O ESTATUTO DE DEFESA DO TORCEDOR NO CAMPEONATO BRASILEIRO DE 2006 NA CIDADE DE BELO HORIZONTE. *Lecturas Educación Física y Deportes*, v. 107, p. 5, 2007.

SILVA, Tiago Felipe da. O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo esporte clube democrata. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA NETO, Georgino Jorge. A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

A EXTENSÃO

EDUCAÇÃO PARA E PELO FUTEBOL: MÚLTIPLAS PONTES ENTRE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

Thiago José Silva Santana

Felipe Vinícius de Paula Abrantes

Continuando a difusão das produções do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) ao longo de seus 16 anos de trajetória, este capítulo que abre o segundo eixo deste livro irá expor algumas das várias ações de extensão produzidas pelo grupo. Ao todo foram 16 ações produzidas pelo GEFuT entre cursos, eventos e projetos que estão cadastradas no Sistema de Informação da Extensão (SIEEx) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)¹. Porém, optamos por destacar neste momento as intervenções realizadas junto à educação básica, bem como as propostas de formação continuada para professores, professoras de Educação Física e outras disciplinas e também para outros profissionais educadores atuantes em projetos ligados à este nível da educação nacional.

Nosso objetivo, além de contar de forma breve, uma relevante parte da história das ações do GEFuT, também é apresentar a importância da ações extensão de um modo geral. Como estes projetos: podem se aliar à pesquisa e ao ensino; e como se configuram como uma maneira de alimentar a aproximação entre universidade e comunidade, promovendo, a divulgação da ciência, bem como a formação cidadã.

Para isso apresentaremos o projeto de educação para/pelo torcer no futebol realizados em dois momentos e em duas etapas distintas da educação básica: o ensino fundamental e o ensino médio. Bem como ressaltar a importância de tais projetos enquanto momento formativo dos universitários envolvidos com a sua realização.

As ações de extensão, ao lado do ensino e da pesquisa, compõe o tripé que referencia as atividades formativas da UFMG. Segundo a Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) em seu artigo 43 no inciso VII a extensão deve “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na

1. Para conferir as ações produzidas pelo grupo acesse: https://sistemas.ufmg.br/siex/PesquisarAcaoExtensao.do?linhaExtensao=0&codMembro=_&departamento=&areaTematica=0&grandeArea=0&idLista=1666299441292&d-16544-o=2&ultimaOrdenacaoLista=0&d-16544-p=1&membro=SILVIO+RICARDO+DA+SILVA&palavraChave=&d-16544-s=1&unidade=&areaTematicaAfim=0&page=0&dataInicio=DD%2FMM%2FAAAA&status=0®istro=&data-Termino=DD%2FMM%2FAAAA&tipo=&Submit=Pesquisar&tipoBolsa=0 acesso em 08 de outubro de 2022.

instituição” (p.33). A partir do ponto de vista da legislação fica nítida a importância social da extensão como promotora da difusão da produção acadêmica junto a sociedade. Também fica nítida que a extensão oferece benefícios sociais que o bem estar social. Além desses aspectos ainda podemos também vislumbrar a extensão enquanto uma das formas de a universidade dar retorno à sociedade e de prestação de contas dos investimentos públicos em educação.

A LDB apresenta o importante papel social da extensão. Tendo isso em vista os projetos de extensão universitária compõe uma política pública de abrangência nacional que promovem o encontro entre a universidade e a sociedade, esta pensada do ponto de vista mais amplo. Os projetos de extensão do GEFuT estão situados em sua concepção no contexto da UFMG que por sua vez é signatária da Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU). O conceito de extensão universitária segundo este documento é apresentado da seguinte forma:

“A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (p.16).

Dessa forma, é a partir deste conceito de extensão universitária que os programas e projetos da universidade devem se referenciar. De forma a completar a importância da extensão apresentada na LDN, o PNEU amplia e apresenta diretrizes para referenciar a elaboração de atividades de extensão universitária. Segundo tal documento as diretrizes para a extensão universitária são (apud NOGUEIRA, 2000): “Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Estudante e, finalmente, Impacto e Transformação Social” (p.17). Além dessas diretrizes, a PNEU também aponta seis princípios que deve referenciar:

1. a ciência, a arte e a tecnologia devem alicerçar-se nas prioridades do local, da região, do País;

2. a Universidade não pode imaginar-se proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, ela deve ser sensível a seus problemas e apelos, sejam os expressos pelos grupos sociais com os quais interage, sejam aqueles definidos ou apreendidos por meio de suas atividades próprias de Ensino, Pesquisa e Extensão;

3. a Universidade deve participar dos movimentos sociais, priorizando ações que visem à superação da desigualdade e da exclusão social existentes no Brasil;

4. a ação cidadã das Universidades não pode prescindir da efetiva difusão e democratização dos saberes nelas produzidos, de tal forma que as populações, cujos problemas se tornam objeto da pesquisa acadêmica, sejam também consideradas sujeito desse conhecimento, tendo, portanto,

pleno direito de acesso às informações resultantes dessas pesquisas;

5. a prestação de serviços deve ser produto de interesse acadêmico, científico, filosófico, tecnológico e artístico do Ensino, Pesquisa e Extensão, devendo ser encarada como um trabalho social, ou seja, ação deliberada que se constitui a partir e sobre a realidade objetiva, produzindo conhecimentos que visem à transformação social;

6. a atuação junto ao sistema de ensino público deve se constituir em uma das diretrizes prioritárias para o fortalecimento da educação básica através de contribuições técnico-científicas e colaboração na construção e difusão dos valores da cidadania. (PNEU, p. 22-23, **grifo nosso**).

Tais diretrizes e princípios mostram a complexidade que envolve a formulação e a implementação de ações de extensão. Nesse sentido vale destacar brevemente aqui a importância da extensão enquanto importante elemento na formação dos estudantes universitários, que será retomada mais adiante. Assim como os princípios 1, 4 e 6, destacados anteriormente que entendemos como mais emblemáticos das ações desenvolvidas pelo GEFuT que serão destacadas nesse texto.

O GEFuT ao longo do seu tempo de atuação desenvolveu ações de extensão referenciadas nas pesquisas acerca do futebol e do torcer sob o prisma das ciências humanas. Foram ações que objetivaram tanto a divulgação científica e cultural acerca do torcer no futebol para estudantes de escolas públicas quanto a formação para profissionais que atuam ou em formação no âmbito escolar. Abordaremos nesse texto os projetos voltados para estudantes da educação básica.

O projeto “Educação para/pelo futebol enquanto uma manifestação do lazer: o torcer em Belo Horizonte (Ciclo de Debates: A paixão clubística e o torcer em Belo Horizonte)” teve sua primeira versão em 2009. Ao longo de um ano projeto realizou uma série de intervenções junto aos estudantes do ensino fundamental em escolas públicas onde foi tematizada “A paixão clubística e o torcer em Belo Horizonte”.

Realizar uma série de intervenções junto aos alunos do ensino fundamental e médio de doze escolas públicas de Belo Horizonte, com idade a partir de quatorze anos, sobre o tema: “A paixão clubística e o torcer em Belo Horizonte”. A partir desse atuação na educação básica o projeto também teve como objetivos específicos: “1) Produzir material pedagógico para auxiliar professores das escolas participantes; 2) Contribuir com o processo de formação contínua dos professores das escolas participantes; 3) Estabelecer um diálogo entre as instituições, sendo algumas delas: a universidade, a escola, as torcidas organizadas, entre outras; 4) Ampliar o universo cultural dos estudantes que participaram do projeto no que tange ao torcer e temas relacionados”².

2. Informações disponíveis em: <https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarProjeto.do?id=44695> acesso em 8 de outubro de 2022.

O projeto teve continuidade nos anos seguintes nos quais foram ampliados seus objetivos, sendo alguns deles: Ampliar o universo cultural dos alunos e professores participantes do projeto; Criar um curso contínuo sobre Futebol e Torcer, que acontecesse nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG no contra turno escolar e sendo aberto a adolescentes do ensino médio e fundamental da comunidade ao redor da UFMG; Registrar e sistematizar os planejamentos das aulas e oficinas realizadas, gerando um acervo de materiais que servirá para a construção de um material didático destinado a professores. Em meio a acertos e equívocos, o grupo avaliou que alguns passos precisariam ser revistos e o principal deles foi a realização dessas atividades no contra turno dentro da EEFFTO. Observamos no momento que mesmo sendo próximo das escolas do entorno o deslocamento das crianças e jovens para a UFMG era um desafio que naquele momento não tínhamos, naquele momento, condições de superar. Assim, pensamos: “Temos duas escolas de ensino básico dentro da UFMG. Porque não, começarmos por elas?”

Assim, apresentamos o projeto de extensão do grupo no Centro Pedagógico (CP) da UFMG. Escola de ensino fundamental do 1º ao 3º ciclo de formação. Nosso primeiro interlocutor dentro da escola foi o professor Cláudio Emanuel dos santos, pertencente ao núcleo de artes do CP e naquele período, coordenador do Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), na escola.

Cabe aqui, explicitar o que é o GTD. Essa iniciativa é um projeto pedagógico do CP e objetiva ofertar:

“um tempo de ampliação curricular, em que os estudantes participam de oficinas variadas (práticas corporais, robótica, clube de ciências, teatro, astronomia, redes sociais, iniciação científica etc.). Dessa forma, em um dia letivo no CP, os estudantes dos três ciclos têm três aulas (de 90 minutos) de um componente curricular da base nacional comum e uma aula (também de 90 minutos) de GTD” (CENTRO PEDAGÓGICO, 2011).

Tendo essas características, o GTD foi uma excelente forma de “entrar no CP” e oferecer aos estudantes uma oficina que trabalhasse com as discussões acerca do futebol e do torcer que pensávamos para o projeto de extensão do GEFuT. Um ponto bastante positivo que destacamos para a proposta que tínhamos para o projeto consistia na possibilidade dos próprios alunos se inscreverem no GTD de sua preferência. Julgávamos isso como algo importante, no sentido de haver o maior envolvimento possível e a facilitação da percepção de relevância por parte da turma ao que seria trabalhado durante os semestres.

As oficinas aconteciam semanalmente, em encontros de uma hora e trinta minutos. Nestas aulas, os conteúdos abordados eram organizados em blocos temáticos, como por exemplo, bloco de história do futebol. Portanto, no bloco, eram trabalhados aspectos

ligados à história do futebol de maneira ampla (suas origens como esporte), história dos clubes de Belo Horizonte, história das torcidas, mitos fundadores do futebol no Brasil, entre outras abordagens. E desta maneira seguimos com todos os conteúdos que eram elencados como: violência no futebol; gênero e sexualidade no futebol; racismo no futebol; as diferentes formas de jogar e torcer no futebol; futebol e os jogos eletrônicos; o futebol expresso nas artes, enfim, procurávamos ampliar ao máximo o trato do conhecimento sobre o futebol.

Para essa tarefa, tínhamos as mais diversas formas de abordagem pedagógica, que foram pensadas e definidas em grupo, através das reuniões de planejamento das ações de extensão que o GEFuT promovia. Dentre elas, além das aulas expositivas, fazíamos debates, rodas de conversa, visitas à museus, clubes e centros de treinamento. Em alguns encontros conseguimos levar para o CP pessoas que eram envolvidas com o futebol para falar com os estudantes, como por exemplo, membros de torcidas organizadas, árbitros de futebol, pessoas ligadas à federação Mineira de Futebol, jornalistas esportivos, entre outros convidados.

Também, é claro, que lançávamos mão de atividades práticas para trabalhar diferentes temáticas com os alunos inscritos no GTD. Do trato da história do futebol, passando pelo torcer e pela organização administrativa de clubes. Sempre buscávamos pensar em aulas que os alunos pudessem “discutir” estes assuntos também por meio da experiência corporal. Alguns exemplos disso apresentaremos nos parágrafos que seguem.

Uma destas atividades que exemplificam é o “vamos fazer timinho”. Ao realizarmos essa atividade tínhamos a intenção de abordar algumas questões, como o processo de criação dos clubes, a organização administrativa, o movimento de torcidas (com criação de bandeiras, cânticos, ou seja, o pertencimento). No primeiro momento, a turma era dividida em dois grandes grupos e cada um desses grupos deveria criar um clube. Nome, cores, escudo, mascote, torcida... Enfim, tudo que eles conseguissem mimetizar dos clubes que eles torcem ou acompanham. Além da criação dos clubes, eles deveriam se organizar para uma partida com alunos (meninos e meninas) que fossem representantes do clube em campo, para finalmente realizarem o jogo com a participação de todos (inclusive na torcida, para pensarmos a questão do pertencimento).

Outra atividade que os alunos gostavam bastante era a que denominamos “jogadas e ídolos”. Nesta atividade os alunos em duplas (ou trios) dependendo do tamanho da turma pesquisavam no laboratório de informática vídeos de lances que eles gostam por acharem bonitos, importantes ou outros motivos. Depois desse momento de pesquisa, a atividade tinha continuidade na quadra com a recriação dos lances pesquisados pelos alunos. Primeiro faziam a descrição verbal da jogada e depois executavam. No terceiro momento

a turma assistia cada lance escolhido e avaliava se os colegas conseguiram descrever e recriar o trecho escolhido.

A “roda cultural do futebol” foi uma atividade que realizávamos para tratar do diálogo entre o campo das artes e o futebol. Para fazer essa espécie de mostra cultural, combinávamos com os alunos antecipadamente, organizando-os em pequenos grupos e cada um desses grupos ficava responsável por montar um *stand* para mostrar um tipo de arte relacionando-a ao futebol. Tínhamos portanto exposição sobre música e futebol, coleção e colecionadores de artefatos de futebol, fotografias e ilustrações sobre futebol, literatura e futebol, entre outras formas de arte em diálogo com o futebol. No dia da mostra, alunos e professores de toda a escola eram convidados para conhecer e interagir com o trabalho preparado pelos alunos.

Uma experiência muito marcante neste trabalho realizado no CP foi a viagem que fizemos com os alunos ao Rio de Janeiro (RJ). A ideia era que eles pudessem conhecer, o Maracanã, São Januário (estádios e museus desses locais) e um jogo do campeonato Brasileiro à noite. Assim que chegamos ao RJ por volta das 8 da manhã, fizemos uma caminhada e o café da manhã no Parque da Tijuca. Depois fomos visitar o Maracanã, logo em seguida o Estádio de São Januário. Após o almoço, ainda em São Januário, fizemos uma ida à praia e esta foi a primeira experiência para alguns alunos. Ao sair da praia, fomos tomar banho em uma academia, que nos cedeu os vestiários. E finalmente, partimos para assistir Fluminense e Atlético Paranaense no Maracanã. Terminada a partida, fizemos um lanche com todos os alunos, professores e monitores e voltamos para estrada a caminho de Belo Horizonte.

Várias outras atividades foram realizadas no CP ao longo do tempo em que o projeto de extensão atuou na escola. O legado dessa história se perpetua, tanto em novas ações do grupo quanto na trajetória profissional dos bolsistas e voluntários que atuaram nesse período.

No colégio Técnico da UFMG, o COLTEC, também tivemos a oportunidade de realizar as ações da extensão. A realidade que foi posta ao grupo foi diferente em relação ao CP. No COLTEC não tivemos como entrar fazendo parte de forma institucional da grade curricular como aconteceu no Centro Pedagógico por meio do GTD. Mas não quer dizer também que não tivemos o apoio para realização do trabalho. O setor acadêmico de Educação Física do COLTEC, nos deu o suporte necessário para que os encontros pudessem acontecer, sobretudo reservando salas de aula e quadra, disponibilizando materiais (bolas, coletes, etc.) que por ventura pudessem ser imprescindíveis para as aulas.

A divulgação aos alunos foi realizada entregando panfletos na porta da escola, e por meio de cartazes. Neste momento, informávamos o horário dos encontros, local, data de início e um breve objetivo do projeto. Como não fazíamos parte do “currículo prescrito” entramos através do currículo oculto³. Utilizando para isso o horário do intervalo dos estudantes. Por termos que oferecer as oficinas neste horário de almoço (intervalo entre as aulas matutinas e vespertinas), não conseguíamos formar turmas muito grandes (giravam sempre em torno de 6 a 8 estudantes). Contudo, os jovens que se inscreviam, estavam bastante motivados para participar dos encontros. Esse fato fez com que as aulas no COLTEC, oferecesse a possibilidade, de um aprofundamento grande do conteúdo, tanto em relação a abrangência dos temas propostos, quanto à complexidade no trato dos mesmos.

Temos como exemplo, as discussões que fizemos em relação ao Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), onde fizemos a leitura e análise de fragmentos do texto da lei e questionamos juntamente com os alunos a aplicabilidade de alguns artigos, ou se em outros esportes (que não o futebol) aquele estatuto seria exequível.

Outro aspecto distinto que os estudantes do COLTEC apresentavam em comparação aos alunos do CP era que tínhamos uma boa resposta quando pedíamos que os alunos alguma tarefa para ser apresentada no encontro seguinte. Conseguimos também implementar uma avaliação para os estudantes ao final de cada semestre, permitindo que além das atividades, também colocássemos em teste propostas e ideias avaliativas.

Em 2016, o projeto se articulou com outro projeto de extensão do GEFuT, o programa de rádio Óbvio Ululante. No projeto intitulado “Educação Pelo Futebol Através das Ondas do Rádio” o objetivo foi a partir do programa Óbvio Ululante articular os saberes entre a universidade, a escola e a comunidade, para a construção de saberes acerca de futebol como elemento cultural e de transformação social. Além disso o projeto buscou a partir dos saberes produzidos no espaço escolar, dialogar e compartilhar os saberes construídos no espaço da rádio, bem como organizar um arquivo com as memórias dos programas, como pautas, entrevistas, entre outros elementos desse universo.

Além das escolas que já tinham se estabelecido como parceiras do GEFuT, com este novo foco do projeto, entramos também na Escola Estadual Francisco Menezes Filho, localizada no bairro Ouro Preto em Belo Horizonte. Para que os estudantes não precisassem se deslocar até a UFMG, conseguimos um horário junto à escola para realizar encontros semanais com os alunos do ensino médio que se interessaram pela proposta.

3. Silva (2003) aponta que as aprendizagens informais que acontecem no ambiente da escola compõe o currículo oculto. Segundo o autor, “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. Como no nosso caso, uma atividade de extensão universitária que ocorria no ambiente da escola nos intervalos.

Além das discussões que já eram feitas nos anos anteriores, buscamos também que os alunos do ensino básico pudessem contribuir na elaboração de pautas e matérias a serem veiculadas no programa Óbvio Ululante. Assim, os alunos escreveram quadros, trouxeram áudios de depoimentos de amigos e familiares sobre futebol (como no quadro “Meu gol de placa⁴”) e ao final do percurso eles foram convidados para participações no programa ao vivo, na Rádio UFMG Educativa.

Ressaltamos que além da importância que este projeto de extensão possui por si só, ele ainda ganha mais relevância, uma vez que a experiência adquirida pelo GEFuT realizando por vários anos esse projeto, possibilitou a escrita de um livro⁵ (SILVA; CORDEIRO e CAMPOS, 2016) que aborda de forma aprofundada as temáticas que são possíveis de serem trabalhadas na escola ou outros espaços educativos. Ao longo e ao final de cada um dos 12 capítulos são dadas dicas de atividades, filmes, músicas que podem ser utilizadas naquele determinado tema.

Entendemos que essa articulação entre os projetos de extensão do GEFuT que foi realizada, demonstram as inúmeras possibilidades de aprofundamento e quão ricas podem ser as experiências que um projeto dessa natureza podem proporcionar. As ações, dessa forma, buscaram auxiliar na formação cidadã dos estudantes das escolas que participaram do projeto. A partir da divulgação da produção científica e cultural buscamos apresentar uma gama de conhecimentos mais elaborados acerca do futebol. Com isso ao apresentar esses outros aspectos do mundo do futebol objetiva ir além daquilo que Betti (2001) define como falação esportiva feita pelas empresas de comunicação⁶. Assim, o projeto também teve como finalidade a construir uma visão mais crítica e menos ingênua acerca do futebol. Ao tentar levar um conhecimento elaborado, mais complexo acerca do universo do futebol, buscamos também contribuir para o pensamento crítico acerca do esporte e afastar representações simplistas e preconceituosas, em especial acerca da prática do torcer. Essa formação do torcedor é um elemento fundamental para contribuir para uma sociedade fundada na cidadania, em especial no direito social de acesso ao lazer.

Outro aspecto importante no que tange a extensão do GEFuT, foi a preocupação do GEFuT com a formação continuada de professores atuantes nas escolas públicas e privadas do ensino básico. Assim, entendemos a importância de levar a experiência e as discussões acumuladas ao longo dos primeiros anos de estudo do grupo e das ações da extensão, mas agora obviamente, com uma linguagem adequada para propiciar a formação

4. Neste quadro as pessoas convidadas contam a história de um gol que ficou na memória de torcedor ou mesmo enquanto jogador.

5. SILVA, Sílvia Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. (Orgs.). O ensino do futebol: para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016, 236p.

6. Para o autor a falação esportiva consiste em se abordar o futebol a partir de seus elementos pontuais e factuais como contratações, fazer previsões, informar e atualizar gol, criar polêmicas, construir rivalidades, entre outros.

de docentes para o trato sobre o futebol e o torcer em suas aulas. No capítulo anterior⁷, essas ações do grupo foram pormenorizadas e explicitadas, bem como o impacto que essas formações podem possibilitar. Porém gostaríamos de abordar mais detidamente uma dessas formações que foram feitas pelo GEFuT, pois ela faz coro ao que tratamos neste capítulo. A convite da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, fomos convidados para realizar um curso de formação para os monitores do programa Escola Aberta⁸ da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH).

Esse curso se diferenciou dos demais tratados no capítulo 2, pois nosso público (os monitores) não necessariamente possuíam uma formação superior, em que pese o grande conhecimento adquirido na prática, que a maioria deles demonstrou durante o curso. Assim, nós fizemos uma grande parte prática com esses monitores para que pudessem experimentar corporalmente a proposta que estávamos levando. Iniciamos com uma exposição mostrando a importância do trabalho com o futebol em um país como o Brasil, bem como as amplas possibilidades de abordagens que o futebol permite. Após esse momento realizamos muitas das atividades práticas que já fazíamos com os alunos no CP e no COLTEC.

Visávamos com isso uma formação teórica, mas sobretudo prática, em que intencionamos que essas “diferentes formas de jogar” o futebol, esses diferentes futebóis, também pudessem chegar às comunidades e bairros da cidade de Belo Horizonte. Ou em um cenário ainda melhor, que fossem vivenciados e posteriormente recriados por esses monitores e o público que eles atendiam.

A partir desse diálogo que foi estabelecido entre a universidade e as escolas, ficou evidenciado o papel de promoção da cultura e do conhecimento produzido pela universidade. Em especial às pesquisas e estudos acerca do futebol realizados no GEFuT. Essa relação entre universidade e sociedade mediada pelo conhecimento científico também contribuiu para a formação dos universitários participantes dos projetos.

A participação de alunos e alunas nos projetos do GEFuT como bolsistas ou voluntários, é um aspecto importante para a formação acadêmica e de uma futura atuação profissional. Consideramos que os projetos de extensão que o GEFuT proporcionou e proporciona, são como uma espécie de laboratório de prática docente, onde os participantes do grupo e dos projetos de extensão são encorajados a exercitar a criatividade para pensar em aulas práticas e teóricas sobre o futebol, as diferentes ferramentas de avaliação e as

7. Capítulo 2: Os cursos de formação docente.

8. Programa da PBH em que atividades esportivas e culturais são oferecidas para a comunidade do entorno nas escolas aos sábados e domingos. Segundo a prefeitura mais de 160 mil participantes por mês em toda a cidade. Fonte: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-aberta>

abordagens e os assuntos mais diversos que permitam uma discussão e o aprofundamento acerca do conhecimento sobre esse fenômeno sociocultural.

Além disso, entendemos que este espaço é um espaço de formação acadêmica, uma vez que as ações de extensão são um importante e diferenciado momento de vivenciar as diversas possibilidades que a universidade pública oferece. Consideramos diferenciado por este ser uma das principais formas na qual a universidade se encontra diretamente com a sociedade.

Vale ressaltar também o valor do ato de participar dos projetos de extensão do GEFuT, uma vez que, com essa participação os estudantes puderam vivenciar o ambiente de pesquisas coletivas e individuais, os estudos e as discussões em um grupo acadêmico, a elaboração das atividades e demais tarefas, bem como sua efetiva participação protagonista como docente nas escolas. Assim, as temos a convicção que estas experiências contribuiriam sobremaneira para a formação de muitos membros do GEFuT enquanto futuros professores. A experiência da docência no âmbito da extensão universitária configurou-se em um tempo/espaço singular de formação, sobretudo para pensarmos um tema tão relevante para a sociedade brasileira que é o futebol.

Mantendo essa mesma trajetória e estratégia de junção entre extensão, ensino e pesquisa, o GEFuT atualmente conta com um trabalho de extensão dentro de um projeto “guarda-chuva” intitulado Academia e Futebol. Este projeto é uma iniciativa do Ministério da Cidadania por meio da Secretaria Especial de Esportes. No GEFuT o projeto é trabalhado em três grandes eixos: pesquisa, extensão e evento acadêmico. Convidamos para seguir a leitura, em que no próximo capítulo, o projeto de extensão Academia e Futebol será apresentado e detalhado, sendo portanto, a continuidade deste acúmulo de saber forjado e propagado pelo GEFuT por mais de quinze anos de produção acadêmica.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE. **Escola Aberta**. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-aberta> Acesso: 28/11/2022.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Revista Motrivivência**. Ano XII, n. 17, set. 2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996. Brasília – DF, Brasil. 1996.

CENTRO PEDAGÓGICO. **Proposta Pedagógica: CP uma escola de tempo integral**. Belo Horizonte - MG, 2011.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU)**. E-book. Manaus – AM. Maio, 2012. 68p.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1997-2000. Belo Horizonte: Proex/UFMG; O Fórum, 2000, 196p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. (Orgs.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016, 236p.

O PROJETO ACADEMIA E FUTEBOL – PERSPECTIVAS DE ENSINO PARA ALÉM DA BOLA ROLANDO

Fábio Henrique França Rezende

Danilo da Silva Ramos

Túlio Moreira Torres

Ana Luiza Pimenta Carvalho

André Galvão Soares

INTRODUÇÃO

O Programa Academia & Futebol¹ teve início no ano de 2020 e seu objetivo é de oportunizar a prática esportiva e as opções de lazer² para as pessoas, por meio do ensino do futsal e futebol, com aulas práticas e, em alguns momentos, teóricas. O referido é uma iniciativa da Secretaria Especial do Esporte e é vinculado ao Ministério da Cidadania e por tratar-se de um Programa nacional, possui diferentes núcleos em vários estados do país. É necessário destacar que a escolha das sedes foi realizada via editais.

No ano de 2020, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) iniciou a participação no processo seletivo do Projeto Academia & Futebol, representando a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Após as etapas avaliativas, indicadas em edital, conseguiu aprovação para ingressar no Programa e assim tivemos a instalação de um núcleo na UFMG.

O Programa Academia & Futebol se estrutura em três eixos, sendo:

- Eixo 1 (intervenção) - Trata-se de um Projeto (Projeto Academia & Futebol) com aulas práticas de futsal e de futebol com crianças, adolescentes e adultos. Estas aulas ocorrem nas quadras da EEFFTO e no Centro Esportivo Universitário (CEU) da UFMG. Em suma, o Eixo 1 é composto por cinco turmas, as quais são divididas da seguinte forma: T1 (6 a 8 anos, crianças do gênero masculino e feminino); T2 (9 a 14 anos, gênero feminino); T3 (9 a 14 anos, gênero masculino); T4 (15 anos em diante, gênero feminino) e T5 (15 anos em diante, gê-

1. Para maiores informações sobre o programa, acesse: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/ou-tros/programa-academia-futebol>.

2. O lazer é um direito social como disposto na constituição brasileira (BRASIL, 1988). Gomes (2014), entende o lazer como uma necessidade humana e uma dimensão da cultura, baseado na articulação de três elementos fundamentais: ludicidade, manifestações culturais e tempo/espaço social.

nero masculino). As aulas acontecem três vezes por semana para cada turma, com duração máxima de 1h30min. A formação das turmas está condicionada à existência de 30 vagas disponíveis para cada, totalizando um número máximo (total) de 150 alunos e alunas.

- Eixo 2 - Refere-se à execução de uma pesquisa sobre o perfil dos (as) torcedores (as) de coletivos, movimentos e torcidas organizadas. No momento da escrita deste texto, a pesquisa está em fase de análise dos dados e de escrita de dois capítulos para livros.
- Eixo 3 - Está ligado à organização e realização de um evento científico pelo núcleo, intitula-se “IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL - FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER - III FUTEBOL NAS GERAIS” e foi realizado nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2022³.

O capítulo deste livro tem como objetivo relatar e refletir a experiência de coordenadores, subcoordenadores, professores e estagiários do Eixo 1 do Programa Academia & Futebol - núcleo UFMG. Nossa equipe é formada por sete integrantes, sendo: um coordenador geral; um subcoordenador; dois professores; dois estagiários e uma estagiária voluntária. Explicado de forma resumida as características principais do Eixo 1, vamos para as experiências.

A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO ACADEMIA & FUTEBOL NA UFMG

Após a aprovação da implementação do núcleo, o Projeto tinha previsão de iniciar suas ações no ano de 2020. Contudo, houve a paralisação das atividades presenciais na UFMG devido à pandemia da Covid-19⁴, em março de 2020, conforme PORTARIA N° 1819, DE 18 DE MARÇO DE 2020 da UFMG⁵. O Eixo 1 (intervenção), em virtude das políticas de prevenção à Covid-19, teve seu início adiado, assim, aguardamos a autorização do retorno das atividades presenciais na UFMG, e seguindo as orientações da RESOLUÇÃO N° 01/2022, DE 13 DE JANEIRO DE 2022, que autoriza o retorno das atividades presenciais da Universidade, demos continuidade em nossa ação no Eixo 1. Para iniciar as atividades, foi realizado um processo de seleção com o intuito de definir a equipe de trabalho e, terminada esta etapa, iniciou-se a formação pedagógica dos selecionados.

Definida nossa equipe, demos continuidade ao planejamento realizado anteriormente e nos organizamos para fazer a divulgação do início do Projeto (Eixo 1) na UFMG, explicando e dando ciência que estava aberto o período de matrículas, as quais foram

3. Para maiores informações sobre o evento, acesse: <https://eventogefut2022.wixsite.com/simposio>

4. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) o Covid-19 “é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca”, causa da morte de 6.606.624 até finalização deste escrito (dados da OMS), dados atualizados podem ser verificados em <https://covid19.who.int/>

5. O acesso a todas portarias e decisões relacionadas ao enfrentamento do Covid-19 podem ser acessadas em <https://ufmg.br/coronavirus/informes-a-comunidade>

realizadas entre os meses de fevereiro e março de 2022. Nos meses de janeiro e fevereiro de 2022 as reuniões de toda a equipe estavam organizadas com a finalidade de planejar e de estruturar a divulgação do Eixo 1. Escolas públicas que estão localizadas na regional da Pampulha⁶ foram mapeadas e contatadas previamente, via telefone e e-mail, para que pudéssemos explicar sobre o Projeto Academia & Futebol e como se dariam as ações do Eixo 1 na UFMG.

Ao todo, visitamos 16 escolas públicas, nas quais conversamos sobre o assunto com os responsáveis dos turnos que ali se encontravam (em sua maioria, diretores e supervisores das escolas). Em seguida, recebemos a autorização de todas as escolas públicas para realizar a divulgação presencial nas salas de aula e fixamos folders de divulgação nas referidas salas e em pontos estratégicos das escolas. Também estivemos em duas escolas particulares, apresentamos o Projeto para os gestores que se encontravam, mas não fomos autorizados a divulgá-lo em sala de aula pois, segundo os mesmos, as escolas já possuíam escolinhas de futsal e de outras modalidades esportivas no contraturno escolar e a divulgação de um Projeto externo à escola e de caráter gratuito poderia tirar alunos matriculados das escolinhas.

Em relação à divulgação do Eixo 1, os membros do GEFuT que não participam de maneira direta desse Eixo auxiliaram no mapeamento de escolas públicas próximas à UFMG e naquelas que não constavam na listagem inicial para o contato presencial. O processo de matrículas ocorreu de duas maneiras: presencial, na sala do GEFuT, durante a semana (segunda, quarta e sexta) no turno da manhã, de 8h às 11h, no turno da tarde de 14h às 17h, e de forma virtual via formulário do Google, o acesso a este se dava por meio de um *QRcode*⁷. As divulgações foram realizadas nas redes sociais e em outros meios digitais como endereço eletrônico. Além disso, colocamos uma faixa na entrada da EEFFTO, com o objetivo de informar o início do Projeto para as pessoas que passavam pela Avenida Carlos Luz, número 6627, endereço da EEFFTO. Por conseguinte, após a organização de difusão do Eixo 1 e o processo de matrículas e resolução de dúvidas sobre o Projeto, as aulas práticas tiveram início ao final do mês de março de 2022.

O Projeto é também um meio de desenvolvimento e formação de futuros professores de Educação Física, visto que, todo o conteúdo a ser trabalhado em cada aula é formulado e discutido em reuniões pedagógicas semanais. Além disso, todos os materiais oriundos da intervenção teórico-prática do Eixo 1 vêm sendo arquivados, com variadas finalidades, como a utilização para textos acadêmicos, elaboração de materiais didáticos e afins,

6. A cidade de Belo Horizonte é dividida em nove regionais e o curso de Educação Física da UFMG, bem como o Centro Esportivo Universitário se encontram na regional Pampulha, por isso a escolha por esta regional.

7. Código de Resposta Rápida é um código em formato geométrico, o mais usado é o quadrado, que contém informações de endereços da internet, podendo direcionar a páginas selecionadas.

prestações de contas entre outros. Este processo formativo está em diálogo com toda a trajetória do grupo, que ao longo de sua história mobiliza a interlocução entre ensino, pesquisa e extensão.

Cabe ressaltar que o Eixo 1 está registrado como uma ação de extensão na UFMG⁸. Para Nozaki, Ferreira e Hunger (2015), a extensão universitária deve ser reconhecida como tendo um papel relevante para formação inicial e atuação de professores de Educação Física. Há nesse campo de ação uma troca entre os professores e os alunos, na qual ambos adquirem novos conhecimentos e experiências práticas. No âmbito dos docentes, outras valências se mostraram presentes, como o auxílio à elaboração de planos de aula, a organização e manutenção dos materiais, as relações burocráticas dentro da UFMG e do CEU, convívio com profissionais que estão inseridos nos ambientes das aulas (seguranças, porteiros, auxiliares de limpeza, zeladores) e outros docentes de Projetos de extensão vinculados à Universidade. Ademais, os profissionais do Eixo 1 atuam como gestores, no processo de divulgação, planificação das turmas (totalização dos alunos, alunos presentes e faltantes), realização de matrículas e também são encarregados de tirar dúvidas e passar informações para os alunos e responsáveis. Nesse sentido, existe a possibilidade de os professores em formação mobilizarem também uma construção identitária docente particular que segue ao longo da vida e os pontos de discussão dos próximos parágrafos residem neste aspecto.

DO PLANEJAMENTO À PRÁTICA: DIÁLOGOS ENTRE A EQUIPE ATÉ O INÍCIO DAS AULAS

Os sete membros que compõem a equipe do Eixo 1 participam ativamente de todas as ações e decisões tomadas em relação ao Projeto, sendo este aspecto parte do caráter pedagógico proposto por seu coordenador: aprender na prática. Além das reuniões, é necessário indicar a existência de um grupo para comunicação na rede social *WhatsApp*, onde podemos expor pensamentos, dúvidas, propostas e opiniões, bem como ter acesso a base de dados para comunicação. O e-mail e o “*Google Drive*” são outras bases de informações importantes que utilizamos, sendo, o segundo, um local em que são armazenados documentos dos alunos e das alunas, planilhas de inscrições, fotos das aulas, atas de reuniões, planos de ensino e planos de aulas de cada uma das cinco turmas.

Para a montagem de cada um dos cinco planos de ensino (um para cada turma), nos reunimos de maneira presencial e virtual (online) a depender da necessidade de discussão e agenda. Nestes espaços discutimos temáticas que deveriam ser trabalhadas no decorrer do ano, de forma a tratar quatro fundamentos apontados por Caldeira (2001): a

8. Sistema de Informação de Extensão - SIEEX nº 404466.

intencionalidade do trabalho docente, a articulação entre teoria e prática, o trabalho coletivo e o reconhecimento do caráter subjetivo e social do trabalho docente. Bossle (2002,p.33), distingue planejamento e plano, entendendo o primeiro como “o processo de reflexão, racionalização, organização e coordenação da ação docente, que visa articular a atividade escolar e a problemática do contexto social. Já o plano é o produto, que pode ser explicitado na forma de registro, de documento ou não”.

Nesse sentido, a elaboração dos planos de ensino se deu conforme as características de cada turma. Estas foram observadas pelos professores do Eixo 1 no primeiro mês de aulas e à medida que novos alunos ingressaram ao Projeto. Por isso, os planos começaram a ser elaborados no mês de abril, momento em que já tínhamos um número considerável de inscrições realizadas e as turmas definidas. Ao decorrer do período de aulas estipulado, estes planos podem sofrer alterações por diversos fatores externos e/ou internos, porém, até o momento, não tivemos a necessidade de alterá-los, decisão tomada após discussões, análises e caracterizações realizadas internamente.

Já com relação aos planos de aula, estes são elaborados semanalmente, seguindo os conteúdos estabelecidos nos planos de ensino e consoante às características e demandas atuais de cada turma. O plano de aula é um instrumento que sistematiza os conhecimentos, atividades e procedimentos que se pretende realizar numa determinada aula, tendo em vista o que se espera alcançar como objetivos junto aos alunos. As etapas que compõem a estrutura dos nossos planos de aulas são: cabeçalho, tema central da aula, objetivo geral e específico, local, atividades/conteúdos e avaliação, a qual se dá, na maioria das vezes, por meio de fotografias, vídeos, relatos de responsáveis, participação dos alunos durante as tarefas propostas e conversas entre os professores sobre a percepção que estão tendo das aulas, do desempenho, evolução e/ou dificuldades dos alunos presentes. Como forma de registro, também anotamos, ao final de cada aula, o nome de todos que participaram da mesma e um comentário sobre tal, feito pelo professor responsável por elaborar e aplicar o plano de aula em questão, a fim de deixar o seu posicionamento com relação ao desenvolvimento da aula anotado e compartilhado com os outros membros do Eixo 1 que não estavam presentes naquele momento.

QUEM SÃO OS BENEFICIADOS PELO PROJETO ACADEMIA & FUTEBOL?

As duas primeiras semanas de aula serviram como um período de conhecimento e de caracterização das turmas presentes nas aulas. Momento este que serviu para observarmos as vivências motoras anteriores ao Projeto, o nível de conhecimento das semelhanças e das diferenças entre o futebol e o futsal e o entendimento que os alunos

e responsáveis possuem a respeito do caráter social e de transformação relacionado ao esporte. Em síntese, cada turma possui características específicas com relação aos fatores exemplificados, por exemplo:

A T1 é composta por crianças de 6 a 8 anos dos gêneros masculino e feminino. Em sua maioria, não possuem experiências anteriores com o futsal e o futebol e a maior frequência dos alunos dessa turma vem sendo aos finais de semana, pois alguns possuem aulas à tarde e/ou os responsáveis não têm disponibilidade para levá-los ao Projeto durante a semana. Percebemos, desta forma, que eles vivenciam as dinâmicas trabalhadas em aula como forma de diversão e convivência/sociabilidade com outras crianças. Esses fatos são relevantes, visto que estavam há cerca de dois anos cumprindo as políticas de isolamento social, em seus respectivos ambientes domésticos, devido à pandemia da Covid-19.

A T2 é uma das turmas composta exclusivamente por meninas de 9 a 14 anos de idade. Observamos que essa é uma lacuna presente na sociedade em relação ao esporte feminino. Essa divisão é significativa, pois tem o intuito de dar espaço para manifestações singulares. Goellner (2005) ressalta que atualmente a preocupação central da prática esportiva é a masculinização dos corpos femininos. Em cima disso, percebemos, por meio da evolução das aulas, que as meninas se sentem mais à vontade para vivenciarem e experimentarem a prática do futsal e do futebol, pelo motivo de, nesses momentos, se reconhecerem como protagonistas da ação.

No entanto, o número de alunas matriculadas, ainda é relativamente baixo em comparação às outras turmas do Projeto. A maioria das meninas é iniciante e não possui experiências prévias nas modalidades. Acreditamos que estas características se dão por um contexto histórico e estrutural da sociedade brasileira. Em 1941 foi aprovado o Decreto-Lei Nº 3.199. No artigo 54 se fazia presente a proibição para mulheres de práticas esportivas consideradas masculinizantes e que, portanto, se apresentavam fora dos padrões femininos exigidos pela sociedade da época. Goellner (2005), cita que entre essas práticas esportivas interditas estavam as lutas, o futebol, o polo aquático e o rúgbi, por exemplo. Outro aspecto que podemos relacionar ao debatermos as invisibilidades e barreiras no futsal e no futebol feminino é a desigualdade de gênero, conforme aponta Broch (2021). Em nosso entendimento, conseguir manter uma turma com estas características tem a importância social de democratizar o acesso a essas modalidades em todas as suas amplitudes.

A T3 é composta apenas por meninos de 9 a 14 anos de idade. Alguns possuem capacidades coordenativas mais desenvolvidas em relação a outros, fato que direcionou a realização de um trabalho coletivo para cada turma, mas que também tem como objetivo desenvolver e aprimorar as capacidades individuais de cada aluno. Em resumo, a maior parte dos alunos procuram as aulas para melhorar quesitos técnicos, tal como, o passe, o

drible e a finalização. Contudo, buscamos ensinar outros conteúdos que entendemos que não podem ser negligenciados no processo de ensino-aprendizagem, como: a importância do respeito ao jogar, a convivência com as diferenças, além de pautas como o racismo e a homofobia⁹.

A T4 é a segunda turma exclusivamente feminina do Projeto e possui alunas de faixa etária ampla (16 a 45 anos) tendo em vista que há apenas limite inferior, a partir de 15 anos, para participação. Esta turma conta com mães de alunos de outras turmas. Existem diferenças tanto na capacidade motora, como nas experiências anteriores delas no futsal e no futebol. Uma característica que chama a atenção é o objetivo que as participantes têm ao fazer as aulas: as mais novas visam o aprendizado da modalidade, já as mais velhas visam melhorar o condicionamento físico e sair do sedentarismo. As aulas desta turma têm apresentado momentos que consideramos importantes. Dentre eles, o resgate de valores sentimentais e de memórias afetivas da infância/adolescência de alunas que estão em uma faixa etária mais avançada e que não praticavam esportes de forma corriqueira há alguns anos. Outro ponto interessante desta turma é o encontro com o pensamento de Goellner (2010), em que a construção social e cultural envolve um conjunto de demarcações que marcam os corpos, identificando, a partir de determinada prática, o que é ser masculino e/ou feminino. Nesse contexto, possuímos alunos que se sentem mais à vontade ao praticar o esporte na T4 ao invés da T5, turma para pessoas do gênero masculino na mesma faixa etária. Essa particularidade é dialoga com o pensamento de Louro (2014), em que não são as características sexuais que definem o que é ser masculino ou feminino, mas sim o que é pensado, representado e construído historicamente na sociedade.

Por fim, a T5, para pessoas a partir de 15 anos, é uma turma exclusivamente masculina e possui uma taxa de ocupação das vagas em torno de 40%. No entanto, os alunos presentes são sempre os mesmos, o que facilita um trabalho continuado mais eficaz. Os meninos têm pouca experiência sistematizada nas modalidades, mas a vivência da prática do futsal e do futebol é acentuada, assim como a competitividade. Boa parte da turma já se conhecia antes de entrar no Projeto por estudarem na mesma escola. Além disso, nesta turma também temos a presença de pais de alunos da turma T1 que, por gostarem do trabalho que vem sendo realizado no Eixo 1, também se matricularam no Projeto, com o intuito das aulas os auxiliarem em quesitos como: sair do sedentarismo e sociabilidade. Nessa turma, é possível visualizar o valor cultural da prática do futsal. Os meninos vivem o esporte, jogam na escola, na quadra próxima à suas casas, assistem

9. Borillo (2001), afirma que homofobia não é apenas a presença de sentimentos e emoções contrários a pessoas homossexuais. Como também manifestações sociais preconceituosas, violentas e discriminatórias contra homossexuais, bissexuais e transgêneros, envolvendo os campos culturais, políticos, institucionais, jurídicos, sociológicos, educacionais e antropológicos.

aos principais campeonatos e frequentam o Projeto. A convivência entre eles se apresenta como necessária para mostrar a importância do respeito às regras, às diferenças e apresentar possibilidades de interpretação do mundo que estão além das tradicionalmente reverberadas pelo senso comum.

RELATOS DOS PROFESSORES E PROFESSORAS ENVOLVIDOS COM O PROJETO

Neste tópico apresentamos as experiências que marcaram a docência dos professores que atuam no Eixo 1 do Projeto Academia & Futebol. É necessário apontar aqui um duplo movimento presente nas narrativas a seguir, como dito, por Nozaki, Ferreira e Hunger (2015), às práticas formativas como as de extensão se mostraram potentes em duas frentes, a de aprender a ensinar e a de aprender a ser professor. Os relatos apresentados de forma resumida a seguir mostram que ambas estão presentes na trajetória destes.

“O Projeto Academia & Futebol tem sido uma importante oportunidade de poder colocar os conhecimentos que venho adquirindo e performando ao longo da minha formação na Educação Física, sobretudo no que diz respeito ao ensino do futebol para além da bola rolando, como dito por Silva, Nicácio e Campos (2021), que abrange o “saber” como tão importante quanto o “fazer”. Me formei em 2019, então ainda estou nos anos iniciais da minha profissão e por isso, o Eixo 1 do Projeto Academia & Futebol tem possibilitado que eu aprimore a minha docência e a minha gestão no que diz respeito ao processo de divulgação, matrículas, planejamento e execução das aulas” (Professor 1).

“A experiência dos alunos tem sido relatada pelos responsáveis a cada execução prática do Projeto. Durante o piquenique no CEU, que foi o evento de encerramento do primeiro semestre, pude ouvir alguns relatos de responsáveis sobre a importância do Projeto para as crianças. Em suma, eles disseram que o Projeto veio em um momento essencial, visto que estamos retornando de um cenário de distanciamento social, devido à pandemia da Covid-19. O caráter gratuito do Projeto e a atenção dos professores com as crianças, também foram fatores que estavam presentes nos discursos dos responsáveis” (Professor 1).

“Me formei em Educação Física, na modalidade Licenciatura, ao final de 2020 e iniciei, logo em seguida, a continuidade de estudos para a modalidade Bacharelado. Dar aulas de futsal e futebol está sendo um desafio importante, uma vez que eu nunca havia tido esta experiência. Entretanto, digo que o Projeto Academia & Futebol entrou em minha vida no momento correto: para me desafiar, sair da zona de conforto e me mostrar a competência que tenho para ministrar uma boa aula, mesmo quando a temática não

é de meu total domínio, uma vez que, assim como afirma Daolio (1997), trabalhar com uma prática esportiva vai além do ensino de regras, técnicas e táticas, sendo necessário contextualizar essa prática na realidade sociocultural em que se encontra. Busco estudar e me informar diariamente e fico feliz quando vejo que o meu esforço tem ajudado inúmeras crianças, adolescentes e adultos que participam das aulas.” (Professor 2).

“Um ponto a ser ressaltado por mim neste relato, refere-se ao fato de mães de alunos, sobretudo da turma T1, terem começado a participar das aulas da turma T4: após uma aula da T1, eu estava conversando sobre o Projeto com uma destas mães, explicando melhor sobre os objetivos, conteúdos e divisões de turmas, quando ela demonstra o interesse em participar, visto que estava a muito tempo sem realizar nenhum tipo de exercício físico e estava com dificuldades de realizar até mesmo atividades do seu dia a dia devido à falta de condicionamento. Na aula seguinte, ela aparece, juntamente com suas duas filhas mais velhas e sua cunhada, para também participarem da aula. Além disso, resalto que, além da melhora do condicionamento físico que tiveram, o interesse pelo futsal e futebol tornou-se um aspecto relevante e que as fazem continuar participando do Projeto” (Professor 2).

“O Projeto Academia & Futebol é o primeiro Projeto social que participo. Desde que entrei na Universidade, passei a buscar oportunidades de colocar em prática os conhecimentos que venho adquirindo na graduação em Educação Física, modalidade Bacharelado. Quando conheci o Projeto, achei o conteúdo sensacional e fiquei animado por poder fazer parte desse seleto grupo de professores. Cada turma e aluno(a) nos ensinam algo novo a cada aula, assim como ensinamos eles(as). Ensinar um pouco mais sobre a modalidade futsal e futebol às crianças é uma grande responsabilidade e os outros professores, que possuem mais experiências na área, têm me auxiliado a planejar e atuar durante as atividades, assim como as disciplinas ligadas à temática que tenho buscado realizar na Universidade, promovendo, como exposto por Silva, Nicácio e Campos (2021), uma ampliação do meu conhecimento e uma visão de trabalho interdisciplinar, sem me basear somente nos aspectos práticos das modalidades” (Professor 3).

“Um caso que me chamou a atenção foi o primeiro momento que um aluno me chamou de professor e pediu dicas para melhorar taticamente durante as partidas. Esse movimento era algo que eu mesmo fazia um ou dois anos atrás com meus antigos técnicos. Ao escutar a pergunta fiquei impressionado pela confiança que o garoto teve em mim para dar a ele dicas e conselhos. Esse é um exemplo de situação que vivenciamos diariamente. Outro aspecto que percebo como gratificante e observo em inúmeras aulas, é a gratidão dos(as) alunos(as) pelas aulas e por poderem praticar o esporte que gostam. Além deles, os pais ficam muito gratos pelos cuidados com seus(suas) filhos(as) e, como forma de retribuí-los, planejamos sempre algumas atividades que envolvam os(as) filhos(as) e os

responsáveis, para que eles tenham a oportunidade de se divertir ao lado das crianças” (Professor 3).

“Acredito que a evolução tenha sido mútua ao longo desse primeiro período de Projeto, uma vez que é evidente o desenvolvimento dos alunos, tanto em questões motoras, quanto técnicas e táticas, nas regras do jogo e no entendimento para além da performance. Prova disso, são alunas que no início das aulas não conseguiam realizar habilidades motoras fundamentais, por exemplo, o correr. Atualmente, elas já realizam movimentos complexos dentro do jogo, como correr e conduzir a bola simultaneamente, assim como colocar em prática, de maneira efetiva, diferentes fundamentos técnicos: chutar, dominar a bola com a sola do pé, dar um passe preciso e conduzir a bola com maior precisão” (Professor 4).

“O meu crescimento como professora também foi nítido, já que está sendo minha primeira experiência como educadora, podendo estar à frente desse processo desde a criação de planos de aula, até a aplicação dos mesmos. Ademais, a maturidade e confiança foi sendo criada a cada reunião e aula com os professores e coordenadores, que nos oferecem uma autonomia e incentivo essencial. Por ser um Projeto de extensão e de caráter social, observamos diversas realidades e buscamos aplicar conteúdos baseados em metodologias diferentes, como sugerido por Silva, Nicácio e Campos (2021). Além disso, é gratificante poder acompanhar de perto a evolução de cada aluno, poder ver que nosso esforço para ministrar uma boa aula, assim como deles na participação da mesma, está tendo resultados positivos. Ao mesmo tempo, observar a gratidão dos pais e alunos pelo Projeto e tudo que ele causa na vida dessas pessoas, uma vez que, por ser um Projeto social gratuito, possibilita vivências que muitas pessoas não teriam acesso. Prova disso, é o fato de que uma mãe de nossos alunos mudou sua rotina e passou a ir para o trabalho a pé ao invés de carro, para que fosse possível levar seu filho às nossas aulas, além de que atualmente ela faz parte do Projeto como aluna, especificamente da turma T4” (Professor 4).

“Ao longo do período em que tenho atuado como voluntário no Projeto, muitos aspectos têm chamado a minha atenção, mas vou destacar apenas três deles aqui. O primeiro diz respeito à relação entre os(as) estudantes e as suas famílias. Tento observar, durante as aulas, qual é a reação dos pais em relação aos filhos, e essa troca é muito interessante, principalmente com a turma dos mais novos. As crianças, o tempo todo, ficam observando se os pais estão prestando atenção naquilo que estão fazendo. Ficam muito felizes quando acertam algo que foi proposto e quando os pais as elogiam. Certamente, essa interação contribui para aumentar a autoestima dos participantes e para estreitar os laços entre eles e as famílias. Outro elemento interessante em relação a esse mesmo

aspecto se refere ao desejo expresso por alguns pais e mães de também participarem das atividades. Durante uma aula no final de semana, por exemplo, os pais de uma aluna foram levá-la e ficaram no clube enquanto a aula não acabava. Depois de um tempo, eles pediram uma bola emprestada para ficarem brincando em outra quadra. Achei aquilo muito interessante, pois eles viram ali não somente um momento de lazer para a filha, mas para eles também. Na aula de domingo, está sendo cada vez mais comum pais e mães participarem da aula da T4 e T5, pois são as turmas com os alunos mais velhos. Quando eles descobrem que podem também participar das aulas, sempre ficam surpresos e felizes. Essa possibilidade de interação entre pessoas de gerações diferentes da mesma família também é, em minha avaliação, um dado muito importante do Projeto.” (Professor 5)

“O segundo aspecto que gostaria de destacar se relaciona à atuação junto às crianças pequenas. Posso dizer que minha turma favorita é a T1, pois os(as) alunos(as) estão sempre muito felizes e empolgados(as) e isso me motiva muito. Sempre fico observando o raciocínio deles(as): quando passamos alguma atividade mais desafiadora, ficamos um tempo pensando em como realizá-la. Como são muito novos(as) e o Projeto é, de modo geral, a primeira experiência da maioria com o futsal, quase todas as atividades exigem a elaboração de estratégias, muitas delas muito criativas. Penso, assim, que a participação no Projeto contribui para o desenvolvimento geral das crianças, e não apenas o motor.” (Professor 5)

“O último aspecto se refere à minha própria experiência como educador em formação. Está sendo a primeira vez que dou aulas em um Projeto social, e estou gostando bastante. Quando recebi o convite para participar como voluntário, criei bastante expectativa, e posso dizer que a expectativa não somente foi cumprida como está sendo ultrapassada. Todo dia é um dia de aprendizado: vou para dar aulas, mas sou eu quem aprendo mais, não somente com os(as) outros(as) professores(as), que agregam muito ao Projeto, mas também com os(as) alunos(as). O Projeto contribui, assim, também para a formação de novos educadores.” (Professor 5).

A extensão tem o potencial de promover o encontro entre a sociedade e a comunidade acadêmica. Os relatos apresentados nos mobilizam no sentido de nos fazermos mais sensíveis a sua relevância ao simultaneamente atender a demandas sociais, promover a formação de profissionais – especificamente no caso do Projeto de professores –, alimentar as questões que fomentam novos problemas de pesquisa, entre outros pontos. A necessidade de romper com o modelo de ensino centrado na racionalidade técnica (NOZAKI, FERREIRA, HUNGER, 2015) tem forte apoio na extensão. É essencial que ao realizarmos os projetos nos debruçamos não só nos impactos da ação em si, mas,

também, em como estes se conectam a formação profissional e as pesquisas que estão em caráter de contínuo diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o Eixo 1 do Programa Academia & Futebol - núcleo UFMG busca incluir em suas atividades pessoas com faixa etária de 6 anos em diante de todos os gêneros por meio das modalidades esportivas futsal e futebol. Em nosso entendimento, esses esportes possuem pontos fracos que consideramos estruturais na nossa sociedade, como a iniquidade do conhecimento e do acesso à prática em variados espaços que possibilitem a reflexão crítica e a função desses esportes para além da performance.

Na nossa concepção, a função esportiva não é a primordial pois ela vem acompanhada de outras facetas importantes que o esporte pode nos apresentar, como: relações de pertencimento e sociabilidade (SIMMEL, 2006) adquiridas pelos participantes, gosto pelo esporte, que anteriormente não se apresentava como inclusivo para todos os alunos matriculados, e o acesso a uma prática de lazer gratuita, direito este garantido pela Constituição de 1988.

Acrescentamos o fato de que, por vezes, a prática pode confluir em um espaço excludente para aqueles “menos habilidosos”. Esta característica pode ser desconstruída com diversas ações, inclusive via projetos como este. A respeito disso, Silva, Neto e Campos (2011) apontam que o futebol é uma possibilidade de lazer com variadas possibilidades de práticas, que apesar de ter o futebol como o cerne, não estão presas exclusivamente à bola rolando. Citando como exemplo a sociabilidade dos indivíduos (jogadores e jogadoras, torcedores e torcedoras, vendedores e vendedoras e afins), fruição contemplativa da torcida, possibilidade de mercado específico e daí por diante. Ou seja, o Projeto é também um espaço de lazer, tanto para os praticantes, quanto para seus responsáveis. Além disso, podemos considerar a interação dos praticantes com seus responsáveis um espaço de criação e de fortalecimento de laços, inclusive em ações específicas realizadas pelo Projeto como o Piquenique em comemoração ao dia das crianças¹⁰.

Já os relatos apresentados descrevem que o Eixo 1 do Projeto possibilita aos professores e estagiários uma experiência prática dinâmica, que vem contribuindo para uma formação profissional dos mesmos, de modo a possibilitar que eles sejam capazes de unir teoria e prática em seus processos de atuação. Como apontam em seu estudo Wittizorecki e Neto (2005), sobre a importância de uma formação completa para os docentes, que os possibilite refletir, compreender e desconstruir/reconstruir, quando necessário, seu processo

10. Foto disponível em <https://www.instagram.com/p/Cj0vyPwpg31/>

de intervenção. Paralelamente, entendemos como pontos fortes do Academia & Futebol: a heterogeneidade das turmas, no que se refere à idade, classe social, coordenação motora e conhecimento específico sobre as modalidades desenvolvidas, o que tem nos permitido realizar uma prática coletiva e individual interessante e imersa às realidades existentes. Além disso, as ações para além da bola rolando possuem aceitação e participação de todas as turmas e responsáveis e a presença deles como alunos das turmas T4 e T5, fatos que nos apresentam um cenário de satisfação e concordância com o trabalho realizado até o momento.

Em suma, após voltarmos nosso olhar para o desenvolvimento do Eixo 1 do Projeto Academia & Futebol, percebemos a partir dos relatos que o Projeto pode ser caracterizado como uma prática de lazer, em toda sua amplitude, ao passo que verificamos a existência de possibilidades para a sociabilidade, desenvolvimento pessoal, sentimento de pertencimento para os seus participantes em variados aspectos, a prática do futebol e futsal e outras características que podemos englobar no conceito de lazer. Em um texto publicado no site Ludopédio, Dantas (2020) indagava: “Por que falamos tanto sobre futebol?”. Como parte dos elementos trazidos à tona pela autora, indicamos neste texto construído com múltiplos olhares, que o futsal e o futebol, através de um Projeto de extensão, integram a vida de seus praticantes (alunos e seus responsáveis) e, então, como não falar tanto de algo que é parte da vida?

REFERÊNCIAS

BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física - Uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, Porto Alegre, V.8, n. 1, p.31 -39, jan/abril, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em: 08 de novembro de 2022.

BROCH, Marina. **Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero**. *Temporalidades*, [s. l.], v. 13, n. 1, ed. 35, p. 695-705, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283>. Acesso em: 8 set. 2022.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. “A formação de professores de educação física: quais saberes e quais habilidades?”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.22, n.3, p.97-103. Maio, 2001.

DANTAS, Marina de Mattos. Por que falamos tanto sobre futebol? **Ludopédio**, São Paulo, v. 130, n. 7, 2020.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997

GOELLNER, Silvana Vilodre. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n.2. p. 143-151, abr./jun.2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. "A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade." **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

GOMES, C.L. Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer - RBEL**, v. 1, p. 3-20, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

NOZAKI, Joyce Mayumi. FERREIRA, Lilian Aparecida. HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. Evidências formativas da extensão universitária na docência em Educação Física. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 1, p. 228-241, 2015.

SILVA, Silvio Ricardo da; NETO, Georgino Jorge de Souza; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Lazer, Torcidas e Futebol. In: ISAYAMA, Helder Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2001, p. 111-125.

SILVA, Silvio Ricardo da; NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. O futebol nas aulas de educação física para além da bola rolando. In: MAGALHÃES, Livia Gonçalves; TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Futebol na sala de aula: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de Ciências Sociais e de História**. Niterói: Eduff, 2021, p. 251-269.

SIMMEL, Georg. (2006). **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar.

WITTIZORECKI, E. S.; MOLINA NETO, V. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Movimento**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 47-70, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2861. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2861>. Acesso em: 23 nov. 2022.

UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR PARA O FUTEBOL E O TORCER: UMA CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL E TORCIDAS (GEFUT)

Elcio Loureiro Cornelsen¹

A Gilmar Mascarenhas e Renato Pompeu

(in memoriam)

Há pouco mais de 16 anos, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), sediado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, fundado em 2006 e coordenado por Silvio Ricardo da Silva, iniciava uma trajetória que levaria à sua consolidação como o principal grupo de estudos da UFMG que tem por objeto de pesquisa o futebol, especificamente em sua relação com o ato de torcer. Em suas várias atividades, destaca-se não só a produção do conhecimento sobre futebol e torcidas, na formação de recursos humanos através da orientação de pesquisas em diversos níveis – graduação (TCC e Iniciação Científica) e pós-graduação (Mestrado e Doutorado e Pós-Doutorado), como também a fundamental contribuição para a elaboração de políticas públicas nos âmbitos do esporte e do lazer.

Dentre os eventos organizados pelo GEFuT na última década, destacam-se as três primeiras edições do Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, realizadas em 2013, 2016 e, respectivamente, 2018, sobre as quais discorreremos a seguir. Sem dúvida, um dos aspectos que nortearam a concepção, organização e realização desse evento foi o seu caráter transdisciplinar, ao possibilitar a interlocução entre pesquisadores de diversas áreas, instituições acadêmicas e organizações extramuros da sociedade civil, o que colaborou para a formação de intercâmbio de pesquisa tanto no Brasil, quanto no Exterior, algo fundamental para políticas institucionais de internacionalização, como também para a atuação de pesquisa em seu alcance e impacto social. Ressalta-se também o apoio institucional que possibilitou a organização e realização das três primeiras edições, promovido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL), pela Diretoria da Escola

1. Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (UFMG), pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (POSLIT), pela Diretoria da Faculdade de Letras (UFMG), pelo Museu Brasileiro do Futebol (MBF), do Estádio do Mineirão, e pelo Memorial Minas Gerais Vale.

Por sua natureza, enquanto objeto de estudos, o futebol nos conduz às zonas de fronteira entre diversas disciplinas, ou melhor, a pontos de interseção que nos permitem concebê-los a partir de um olhar transdisciplinar. Tem sido, justamente, esse olhar que tem orientado a direção tomada nas edições do Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer. Não é por acaso que cada uma delas tenha conglomerado pesquisadores de diversas áreas, permitindo um diálogo profícuo entre elas, sobretudo das áreas de Educação Física, História, Ciências Sociais, Comunicação, Letras e Artes. Aqui, podemos pensar também no significado cultural que o futebol brasileiro desempenha desde os primórdios, em uma dimensão que assume características de um “fato social total”, conceito cunhado pelo sociólogo francês Marcel Mauss (1872-1950) em seu famoso “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas” (1920), “por um lado, ao refletir sobre a necessidade de se pensar os fatos sociais em sua totalidade e, por outro, ao postular que determinados fenômenos sociais têm o poder de abranger, de maneira ontológica, todo aspecto de um dado sistema social concreto” (CORNELSEN; BRINATI; GUIMARÃES, 2020, p. 5). Tal argumento vai ao encontro do pensamento do sociólogo português António da Silva Costa, ao afirmar que “o futebol é uma das principais chaves de leitura de nossa sociedade. E tudo isso é facilitado, sobretudo, pela natureza profundamente simbólica desse esporte e por seu funcionamento eminentemente ritualístico” (COSTA, 2006, p. 9).

Devemos ressaltar, aqui, que corroboramos o ponto de vista do físico e teórico romeno Basarab Nicolescu, autor d’*O Manifesto da Transdisciplinaridade*, ao definir que um dado objeto pode ser estudado pela ótica em conjunto de diversas áreas, de modo que o objeto será enriquecido pelo cruzamento de várias disciplinas, lembrando que, para além de uma pluridisciplinaridade, a transdisciplinaridade indicaria algo que, ao mesmo tempo, está entre as disciplinas, através das disciplinas diferentes e além de qualquer disciplina em sua unicidade (NICOLESCU, 2001).

O I SIMPÓSIO INTERNACIONAL FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER

O I Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer foi realizado de 18 a 20 de setembro de 2013 no Memorial Minas Gerais Vale, em Belo Horizonte, e contou em sua programação com a participação de pesquisadores de diversas instituições

de ensino superior do Brasil e do Exterior: o historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda (CPDOC-FGV), o cientista social Detlev Claussen (Leibniz Universität Hannover, Alemanha), o historiador e Docente em Comunicação Social Francisco Pinheiro (Universidade de Coimbra, Portugal), o saudoso geógrafo Gilmar Mascarenhas (UERJ), o Docente em Comunicação Social José Carlos Marques (UNESP), o historiador Luiz Carlos Ribeiro (UFPR), o Docente de Educação Física Luiz Carlos Rigo (UFPel), o teórico da literatura Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG), os sociólogos Mauricio Murad (UERJ; Universo) e Pablo Alabarces (Universidad de Buenos Aires, Argentina), o historiador Raphael Rajão Ribeiro (então Mestre da UFMG; hoje, Docente do IFC), o sociólogo Richard Giulianotti (University of Loughborough, Inglaterra), o Docente de Educação Física Sérgio Settani Giglio (então Doutorando da USP; hoje, Docente da UNICAMP e um dos fundadores e Presidente do Instituto Ludopédio), o historiador Victor Andrade de Melo (UFRJ), e o antropólogo Martin Christoph Curi Spörl (UFF; atualmente, Assistente Social no Projeto para Torcedores Adolescentes do clube Fürth (*Fanprojekt*) da *Kinderarche Fürth*, na Alemanha). O evento contou também com a ilustre presença do saudoso escritor Renato Pompeu (1941-2014), autor do romance *A saída do primeiro tempo* (1978) e do conto *Memórias de uma bola de futebol* (2002), entre outras obras célebres.



cartaz da primeira edição do Simpósio

Todos esses nomes nos permitem vislumbrar que, desde o início, a pluralidade tem sido uma característica do Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, até pela própria natureza de sua concepção, ao juntar propostas do GEFuT – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas e do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, da Faculdade de Letras da UFMG. Na primeira edição, predominou o viés das áreas de Sociologia e de História na abordagem dessa proposta transdisciplinar, seguidas das áreas de Educação Física, Comunicação, Antropologia, Geografia e Letras. Além disso, das contribuições individuais resultou a publicação de um livro: Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer (2015), publicado pela Editora Jaguatirica, do Rio de Janeiro.



capa do livro organizado por Günther Augustin,
Elcio Loureiro Cornelsen e Sílvia Ricardo da Silva (2015)

O II SIMPÓSIO INTERNACIONAL FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER

O II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer foi realizado de 08 a 10 de setembro de 2016 no Museu Brasileiro do Futebol (MBF), no Estádio do Mineirão, e nos espaços da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO-UFGM), por ocasião da comemoração de 10 anos de fundação do GEFuT. Nessa edição, o Simpósio contou em sua programação com a participação de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil e do Exterior, como já havia ocorrido na primeira edição: o antropólogo Arlei Sander Damo (UFRGS), o historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda (CPDOC-FGV), o germanista Elcio Loureiro Cornelsen (UFGM), o geógrafo Gilmar Mascarenhas (UERJ), o Docente em Comunicação Social José Carlos Marques (UNESP), o historiador Julio D. Frydenberg (Universidad Nacional de San Martín

– UNSAM, Argentina), o economista e Doutor em Educação Física Marcelo Weishaupt Proni (UNICAMP), os sociólogos Mauricio Murad (UERJ; Universo) e Ramon Llopis-Goig (Universidad de Valencia, Espanha), a Docente de Educação Física Silvana Vilodre Goellner (UFRGS), e um grupo de pesquisadores do GEFuT capitaneado pelo Docente de Educação Física Silvio Ricardo da Silva (UFMG), dentre os quais, atualmente, vários atuam como Docentes no ensino fundamental, médio ou superior: a Docente de Educação Física Priscila Augusta Ferreira Campos (UFOP), Alexandre Francisco Alves (Mestre em Estudos do Lazer e Professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Betim-MG), Christian Matheus Kolanski Vieira (Doutorando em Estudos do Lazer; UFMG), Felipe Vinicius de Paula Abrantes (Doutor em Estudos do Lazer e Professor de Educação Física no município de Santa Luzia-MG), Jefferson Nicássio Queiroga de Aquino (Mestre em Estudos do Lazer; Professor de Educação Física no Ensino Fundamental em Vila Velha-ES), Luiz Gustavo Nicácio (Doutorando em Estudos do Lazer e Professor de Educação Física no Colégio Técnico da UFMG) e a psicóloga social Marina de Mattos Dantas (UFPI).



arte gráfica da segunda edição do Simpósio

Essa edição do Simpósio contou com três atividades culturais: a gravação e transmissão ao vivo do Programa Óbvio Ululante, da Rádio UFMG Educativa, coordenado por Thiago José Silva Santana; a exposição “Mulheres no Futebol”, coordenada por Silvana Vilodre Goellner (UFRGS); o lançamento do vol. 1, n. 1 (dossiê “Jogar sem bola, pensando o futebol”) da *FuLiA/UFMG – Revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes*

(<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/index>), que, hoje, já se encontra no vol. 7 e é avaliada como A4 no Qualis-Periódicos da CAPES, que conta com a inestimável atuação de Gustavo Cerqueira Guimarães (Cátedra Guimarães Rosa, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique) como Editor Geral e de Raphael Rajão Ribeiro (IFC) como Editor de Seção. Além das atividades culturais, foram realizadas também cinco sessões de comunicações orais, em que pesquisadores de diversas instituições puderam divulgar suas pesquisas concluídas ou em andamento.

Com relação à programação, na segunda edição do Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer buscou-se um equilíbrio maior entre as áreas contempladas – Antropologia, Sociologia, História, Geografia, Comunicação, Economia, Letras e Educação Física, sendo que esta última foi representada por um número maior de pesquisadores e pesquisadoras que apresentaram um trabalho coletivo da produtividade do GEFuT na formação de recursos humanos através de pesquisa, intitulado “Pesquisas sobre futebol nas Ciências Humanas e Sociais: um mapa a ser analisado”. Desse modo, foram contempladas questões como gênero (mulheres no futebol), políticas públicas (futebol e direito à cidade), memória (o futebol no campo das Letras e da História), economia (gestão esportiva), globalização do esporte (o futebol europeu e sua influência mundo afora), e o futebol em sua relação com as Ciências Humanas e Sociais (estudos analíticos e mapeamentos estatísticos). Dessa edição resultou uma segunda publicação: o vol. II de Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer – produção acadêmica sobre futebol: análises e perspectivas (2017), publicado pela Editora Jaguatirica, do Rio de Janeiro.

FUTEBOL LINGUAGEM ARTES CULTURA E LAZER

VOL. II

ORGANIZAÇÃO
ELCIO LOUREIRO CORNELSEN
PRISCILA A. F. CAMPOS
SILVIO RICARDO DA SILVA



Capa do livro organizado por Priscila Augusta Ferreira Campos,
Silvio Ricardo da Silva e Elcio Loureiro Cornelsen (2017)

Como poderemos constatar a seguir, a edição posterior manteve as atividades culturais e a pluralidade das duas primeiras edições, todavia, integrando também representantes de instituições não acadêmicas e organizações da sociedade civil, aspecto fundamental para que haja interação entre a academia e a sociedade.

O III SIMPÓSIO INTERNACIONAL FUTEBOL, LINGUAGEM, ARTES, CULTURA E LAZER

O III Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, que teve por tema “as violências no/do futebol”, foi realizado de 13 a 15 de setembro de 2018 no Museu Brasileiro do Futebol (MBF), no Estádio do Mineirão. Desta feita, nessa edição

participaram pesquisadores de instituições de ensino superior do Brasil e do Exterior, e também jornalistas e representantes de organizações da sociedade civil, que lidam com o tema, sobretudo em relação a violências de gênero, LGBTfobia e racismo no contexto do futebol: o teórico da literatura Adélcio de Sousa Cruz (UFV), o docente em Comunicação Social Carlos D'Andrea (UFMG), os Doutores em Educação Gustavo Andrada Bandeira (UFRGS) e Gustavo Coelho (UERJ), o antropólogo José Garriga Zucal (Universidad Nacional de San Martin, Argentina), Marcelo Carvalho, Diretor do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, o sociólogo Mauricio Murad (UERJ; Universo), a antropóloga Rosana da Câmara Teixeira (UFF), a Docente de Educação Física Silvana Villodre Goellner (UFRGS); Flávio Martins, integrante da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG), os jornalistas esportivos Isabelly Moraes Fernandes (Rádio Inconfidência, Belo Horizonte) e José Augusto Toscano (Rádio Inconfidência, Belo Horizonte), Leonardo Caputo, Coordenador do Centro Integrado de Comando e Controle (CICC), da Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, a jornalista e produtora cultural Luciane de Castro (Portal Ludopédio; FMD – Futebol, Mídia e Democracia), o Professor de Educação Física Luciano Jorge de Jesus (Secretaria de Educação de Minas Gerais) e Samuel Lloyd, Diretor do Estádio do Mineirão. Assim como na segunda edição, na terceira foi realizada a atividade cultural de abertura com a gravação e transmissão ao vivo do Programa Óbvio Ululante, da Rádio UFMG Educativa, coordenado por João Pedro. O Simpósio contou, ainda, com quatro mesas redondas destinadas a comunicações orais de pesquisadores.



flyer da terceira edição do Simpósio

A programação dessa edição do Simpósio nos permite aferir que houve um rigoroso equilíbrio entre o número de pesquisadores que atuam como Docentes em instituições de ensino superior nas áreas de Antropologia, Educação Física, Comunicação, Educação e Letras, e o número de representantes de veículos de comunicação e organizações municipais e da sociedade civil. Sem dúvida, este é um aspecto que demanda destaque por sua relevância ao aproximar a academia da sociedade a partir do tema proposto, no sentido de pensá-lo não só a partir da produção acadêmica de pesquisa, mas, sobretudo, dando voz àqueles que lidam com o tema no dia a dia de sua atuação profissional ou de lazer: o Observatório da Discriminação Racial no Futebol (<https://observatorioracialfutebol.com.br/>), que tem por objetivo o monitoramento e a divulgação de casos de racismo no futebol, propondo ações informativas e educativas que contribuam para a erradicação da intolerância racial na sociedade brasileira; a Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG; <https://anatorg.com.br/quem-somos/>), fundada em 2014 para conglomerar torcidas organizadas no intuito de promover uma série de ações que visem interesses comuns a elas, entre outras, a defesa e a proteção dos direitos dos torcedores, o apoio e o desenvolvimento de ações para melhoria da prática de atividades esportivas e culturais desenvolvidas pelas torcidas organizadas, e a promoção de assistência social beneficente nas áreas esportivas; a Rádio Inconfidência (Belo Horizonte) e a atuação de profissionais na locução e no jornalismo esportivo; a Secretaria de Segurança Pública e o desenvolvimento de políticas públicas que visem à segurança de torcedores e do patrimônio público ou privado em praças de esportes; o Estádio do Mineirão enquanto espaço esportivo de lazer e entretenimento; a Secretaria de Educação de Minas Gerais, no interesse de divulgação de estudos que resultem em práticas educativas para a convivência com a diversidade no torcer.

Neste caso, baseados em postulados do teórico Américo Sommerman (UFBA), estamos diante de uma “transdisciplinaridade de tipo pluridisciplinar”, por estabelecer “um diálogo com os saberes não disciplinares dos diversos atores sociais” (SOMMERMAN, 2011, p. 85). Desse modo, para além do que a academia tem a dizer sobre a violência no/do futebol, atores sociais tiveram a oportunidade de contribuir para a formação e o intercâmbio de conhecimento em torno desse tema, seja na perspectiva de promotores de eventos esportivos, seja na perspectiva de agentes da mídia e de organizações não acadêmicas.

A EDIÇÃO ATUAL E OS RUMOS DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL – A GUIA DE CONCLUSÃO

O lançamento desta publicação ocorrerá durante a 4ª edição do Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer, realizado de 12 a 14 de novembro

de 2022 na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, organizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (GEFuT), capitaneado por Silvio Ricardo da Silva. O tema desta edição é “Torcidas Organizadas, movimentos e coletivos de torcedoras/es: Múltiplos Olhares”.



flyer da quarta edição do Simpósio

Conforme o tema indica, o olhar transdisciplinar e múltiplo na quarta edição do Simpósio estará voltado para o torcer em diversos âmbitos de organização coletiva, não só nas tradicionais torcidas organizadas, como também em movimentos e coletivos que conglomeram torcedoras e torcedores em torno de pautas específicas, especialmente as pautas políticas e as de gênero. De certo modo, uma tendência que já se identificava na terceira edição – a de uma interação maior entre academia e extramuros – se intensificou.

Além de contar com atividades culturais, entre elas a gravação e transmissão ao vivo do programa *Obvio Ululante*, da Rádio UFMG Educativa, coordenado atualmente por Iago Proença, com o tema “Torcidas Organizadas no Brasil”, e com sessões de comunicações orais, a programação traz diversos nomes que atuam no âmbito do futebol: a cientista social Maria Verónica Moreira (Universidad de Buenos Aires, Argentina), o jornalista Breiller Pires (ESPN Brasil), Cleomar Marques de Paula, integrante da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG), o historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda (CPDOC-FGV), Patrícia Ferreira, integrante do Coletivo Elis Vive e do Movimento Nacional de Mulheres de Arquibancada, Pablo Yañez Mena, integrante da torcida Los de Abajo (Chile), a antropóloga Rosana da Câmara Teixeira (UFF), o psicólogo social Felipe Tavares Paes Lopes (Universidade de Sorocaba), o historiador Caio Lucas Morais Pinheiro (UFC), a psicóloga social Marina de Mattos Dantas (UFPI), a cientista social Carol Moraes

(Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais – FLACSO), Renato Gomes, integrante do coletivo Torcidas Antifascistas Unidas Nordeste (TAU-Nordeste), Irlan Simões, Doutor em Comunicação Social e jornalista (Na Bancada/Redação SporTV) e Alex Minduin, integrante da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG). Pela programação, constata-se um potencial diálogo entre a academia – Antropologia, Ciências Sociais, Comunicação, Educação Física, História e Psicologia – e representantes da imprensa e das organizações torcedoras, muito profícuo em termos de interlocução do âmbito acadêmico com a sociedade.

Por fim, será muito interessante, *a posteriori*, avaliar como se estabeleceu a interlocução de pesquisadores de diversas áreas que contemplam o futebol enquanto objeto de estudo com diretores e integrantes de associações e torcidas organizadas, com gestores da administração pública e privada, com professores da educação básica e do ensino superior, e com demais profissionais do futebol. Sem dúvida há um horizonte promissor de atuação do GEFuT e de futuras edições desse que é um dos principais simpósios internacionais organizados no Brasil.

REFERÊNCIAS

AUGUSTIN, Günther; CORNELSEN, Elcio Loureiro; SILVA, Silvio Ricardo da (orgs.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Ed. Jagaútica, 2015.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; CORNELSEN, Elcio Loureiro; SILVA, Silvio Ricardo da (orgs.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Vol. II: Produção acadêmica sobre futebol – análises e perspectivas, Rio de Janeiro: Ed. Jagaútica, 2017.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; BRINATI, Francisco Ângelo; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira. Olhares para um fato social total. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; BRINATI, Francisco Ângelo; GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira (orgs.). *Futebol: fato social total*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2020, p. 5-10.

COSTA, Antônio da Silva. Apresentação. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Licy Consuelo (orgs.). *Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006, p. 9-12.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 2ª. ed. São Paulo: Triom, 2001.

SOMMERMAN, Américo. Complexidade e Transdisciplinaridade. *Revista Terceiro Incluído*. UFG. v. 1, n. 1, p. 77-89, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/14390>. Acesso em: 28 out. 2022.

REPENSANDO O ÓBVIO ULULANTE: PORQUE NADA É TÃO ÓBVIO ASSIM

Luiza Aguiar dos Anjos

Marina de Mattos Dantas

Iago Fernandes Proença

Luana de Oliveira Gomes

INTRODUÇÃO

No Brasil, a relação entre rádio e futebol é antiga. Sabe-se que resumos de jogos eram noticiados nas emissoras desde os primórdios desse meio de comunicação, na década de 1920 (SILVA e MEDEIROS, 2007) e, em 1931, houve a primeira transmissão ao vivo de uma partida completa (SOARES, 1994; ORTRIWANO, 1985). Tanto um quanto outro viviam um processo de profissionalização e popularização e se ajudaram nesse processo: “o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e em um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa” (SOARES, 1994, p.17).

Márcio Guerra (2002) chama atenção para o estilo construído na narração esportiva radiofônica, dialogando com o imaginário do/a torcedor/a:

A prática e a produção de um clima de encantamento durante o jogo e a sensação de equidade que ele proporciona, em princípio, com igualdade de chances e de possibilidades. A narração de uma partida pelo rádio se utiliza do conhecimento desse encanto e busca nos recursos empregados levar a magia do espetáculo ao torcedor, fazendo com ele praticamente outro jogo (GUERRA, 2002, p. 11)

A exaltação da importância de cada lance, a riqueza de detalhes, os bordões criativos, tudo isso fez com que nem mesmo o surgimento e popularização da televisão suplantasse as transmissões no rádio.

Outro valor do rádio é sua contribuição no acompanhamento de clubes locais, por vezes subvalorizados ou até mesmo ignorados pelos canais televisivos (VIEIRA; SILVA, 2014).

É também por reconhecer essa relação íntima entre rádio e futebol que o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) realiza desde 2010 o programa Óbvio Ululante, projeto de extensão materializado em um programa de rádio. Outro motivador é o entendimento dos veículos de comunicação como espaços ricos para pautar questões

socialmente relevantes e promover discussões críticas sobre o futebol, uma abordagem nem sempre priorizada em emissoras comerciais.

Trata-se, assim, de reconhecer a presença do futebol no rádio como prática de lazer presente na vida de tantos/as brasileiros/as e capaz de comunicar de forma divertida, leve e, ao mesmo tempo, educativa. O Óbvio Ululante pode ser entendido, assim, como uma forma de divulgação científica, ao trazer informações e discussões oriundas de diversas pesquisas sobre futebol ancoradas nas Ciências Humanas e Sociais, em diferentes formatos e frequentemente trazidas para pensar questões cotidianas desse universo (ANJOS; SANTANA, 2015).

Pensar sobre o Óbvio (com o perdão do trocadilho) é tarefa constante daqueles que se envolvem com a sua produção. Nesse sentido, em outros momentos, publicamos produções frutos desse processo que também expressam as continuidades e descontinuidades desse projeto (SANTANA; ANJOS, 2014; ANJOS; SANTANA, 2015; ANJOS; DANTAS, 2019; DANTAS; ANJOS, 2019; SANTOS et al., 2019)¹.

Tendo isso em vista, esse capítulo traz um panorama atualizado do Óbvio Ululante, narrando sua trajetória, refletindo sobre processos e decisões tomadas ao longo desses anos e suas modificações ao longo desses 12 anos.

O INÍCIO

“Porque não temos um programa sobre futebol na Rádio UFMG Educativa?”

O autor da pergunta acima era Cleiber Pacífico, então diretor do núcleo de produção da emissora universitária. Em parte, retórica, a questão foi direcionada a alguém que, por acaso, estava nos estúdios da Rádio e que se apresentou como professora de Educação Física.

A pergunta antecipava um convite. A Rádio UFMG Educativa possui conteúdos diversificados e, parte deles, é produzida por um sistema de colaboração, no qual pessoas e grupos, geralmente ligados à universidade, são responsáveis por um programa, contando com o apoio de estrutura e orientação da emissora. A intenção era que a visitante ajudasse a preencher aquela lacuna². Por ironia do destino, ela integrava o GEFuT e propôs levar a proposta aos/às colegas de grupo.

É importante ressaltar que, como esse livro evidencia, o GEFuT não apenas se dedica aos estudos e pesquisas do futebol, o que lhe concede propriedade para a empreitada

1. Para além dos artigos em anais e revistas, os momentos das reuniões do grupo e de apresentação de trabalhos em congressos compuseram a caminhada de produção do programa.

2. Essa era também uma reivindicação dos estudantes do curso de Comunicação Social da UFMG, que têm na Rádio um espaço de formação.

proposta, como é um grupo que tem uma intensa e contínua dedicação à extensão. Soma-se a isso, a já mencionada relação íntima que o futebol possui com o rádio. O aceite foi rápido.

Essa conversa aconteceu no segundo semestre de 2009 e, ao longo dos meses seguintes, membros do GEFuT e da Rádio UFMG se reuniram regularmente para construir o que seria aquele programa sobre futebol. Chegou-se a proposta de um programa de cerca de 50 minutos, dividido em quadros que contemplavam três grupos:

Um primeiro, de caráter mais emocional, que inclui histórias pessoais contadas por quem as viveu e também conteúdos artísticos sobre futebol, como crônicas e poesias, ou sugestões de filmes e exposições. Um segundo é voltado à história e tradição, relatando lembranças marcantes e descrevendo momentos, personalidades, equipes e espaços célebres do universo futebolístico. Já o terceiro tem caráter mais argumentativo e factual, incluindo entrevistas, debates e discussões sobre assuntos que estão em voga (MELO et al., 2012, p.58).

Em entrevista concedida em 2011, o então coordenador executivo da Rádio, Elias Santos, afirmou que a construção do conteúdo futebolístico da emissora se guiava por um tripé que compreendia: dar visibilidade às pesquisas sobre o tema produzidas pela UFMG, contribuir com a formação profissional na área de esportes dos graduandos em Comunicação Social e oferecer à população “um programa diferente” (ANJOS; SOUZA, 2011). Pacífico, em entrevista para o próprio Óbvio Ululante, em 2019, complementa ao lembrar que a emissora não tinha uma proposta exata do que seria esse programa. “A gente sabia o que a gente não queria”³.

Sua estreia foi em 20 de maio de 2010. Inicialmente era gravado e editado antes de ir ao ar, passando a ser ao vivo no ano de 2013, a partir do amadurecimento do programa e de seus integrantes. Segue, todavia, com a duração de cerca de 50 minutos e frequência semanal, originalmente definidas.

A primeira equipe contava com sete membros do GEFuT, todos/as professores/as de Educação Física, que se alternavam na produção dos quadros e na participação a cada edição: André Gomes da Silveira, Luiz Gustavo Gomes, Luiz Gustavo Nicácio, Luiza Aguiar dos Anjos, Marcos de Abreu Melo, Tiago Felipe da Silva e Silvio Ricardo da Silva. O âncora que conduzia o programa era um estudante de Comunicação vinculado à Rádio. Primeiramente Bruno Pinheiro, que, ainda no curso do primeiro ano de programa, foi substituído por Thiago Cirqueira.

3. Entrevista de Elias Santos ao Programa Óbvio Ululante do dia 11 de setembro de 2019. Disponível em <<https://fb.watch/dMOaKrGRX6/>>. Acesso em 20 de julho de 2022.

A colaboração entre a equipe da Rádio e integrantes do GEFuT foi fundamental para o êxito do Óbvio Ululante. Os âncoras contribuíram significativamente para que compreendêssemos o estilo radiofônico e para, a partir de sua condução, garantir a fluência do programa. Especialmente nos anos iniciais, era comum (e necessário) que Pacífico nos desse conselhos a partir do seu olhar de comunicador. Também foram cruciais as orientações dos técnicos de som Gilberto Correia e Judson Porto. O primeiro foi também quem criou uma série de vinhetas que dava identidade sonora aos quadros do programa, as quais foram usadas durante cinco temporadas, sendo substituídas em 2015 por novas vinhetas gravadas por Felipe Assumpção. Felipe foi também responsável pela criação e execução de um quadro experimental, a “charge sonora”. Embora fosse produzida de forma independente, sem participação dos demais integrantes do Óbvio, a inclusão do quadro estava alinhada ao desejo da equipe de proporcionar novas formas de abordar o futebol.

O GEFuT, por sua vez, foi “dando cara” ao futebol abordado no Óbvio Ululante. Para Elias Santos, é justamente olhando para dentro da Universidade que o tratamento do esporte pela Rádio UFMG Educativa pode se diferenciar daquele feito por emissoras comerciais, com condições técnicas superiores (ANJOS; SOUZA, 2011). Pacífico complementa ao lembrar que o futebol é analisado na Academia sob diferentes vieses que poderiam ser contemplados em uma rádio universitária. O Óbvio Ululante, assim, acompanha o perfil do GEFuT de assumir a perspectiva das Ciências Humanas e Sociais, mas, ao mesmo tempo, engajar-se em temas diversos: história, política, gênero, raça, educação etc. E, além disso, de ter nas torcidas e torcedores/as um interesse especial.

2013: UMA PRIMEIRA REFORMULAÇÃO

Às vésperas da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, e dos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro, o Óbvio passava por sua primeira reformulação. As mudanças decorrem em especial pela mudança da equipe. Vários integrantes do GEFuT se graduaram nos anos anteriores e novos integrantes foram incorporados ao grupo, não somente da área da Educação Física, mas também da Psicologia, Comunicação, Turismo e das Ciências Sociais. Esse crescimento do grupo passa pelo estímulo crescente aos estudos sobre futebol, alavancado pela agenda das mídias tradicionais e também pelo fomento à Pós-Graduação no Brasil.

Esses novos integrantes, de origens diversas, e os antigos, agora mais experientes, deram um novo corpo à produção do programa, que passou a contar com a organização de Thiago José Silva Santana e também com a participação de mais mulheres: Em 2013, Marina de Mattos Dantas, psicóloga e doutoranda em Ciências Sociais, e Sarah Teixeira

Soutto Mayor, doutoranda em Estudos do Lazer, e Bárbara Gonçalves Mendes, mestranda em Psicologia, em 2014.

A inserção de novas mulheres não implicou, diretamente e imediatamente, em uma maior atenção ao futebol jogado por mulheres no programa. Isso ocorreu de forma mais explícita a partir da entrada de um quadro mensal dedicado à categoria, o Mulheres em Campo, a partir de 2015. Na ocasião, Luiza, uma das pessoas que participou da criação do Óbvio, estava cursando Doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Silvana Vilodre Goellner, importante pesquisadora e militante do futebol de mulheres. A imersão nas diversas atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelo grupo coordenado por Silvana levou à proposta do quadro, em parceria com duas colegas mestrandas: Pâmela Joras e Suellen Ramos. A coluna segue sendo parte da programação até hoje, sendo que, a partir de 2020, passou para as mãos de Renata Lemos, gefutense com formação em História e Relações Públicas que deu prosseguimento à produção junto a Bárbara Mendes e, posteriormente, Amanda Lopes.

O “Mulheres em Campo” foi um marco no processo de sensibilização do Óbvio Ululante sobre a importância de pautar o futebol de mulheres de forma mais efetiva, percebendo inclusive que o tema não poderia estar limitado àquele momento do programa.

Nesse período, essa era uma de três colunas mensais produzidas por colaboradores/as, que se somavam aos vários quadros produzidos pela equipe efetiva do Óbvio na composição do conteúdo do programa. As outras duas eram o “*Hat Trick*”, que abordava de forma breve e criativa três lances do noticiário do futebol, escrita pelo jornalista Enderson Cunha desde 2013, e, posteriormente, a “Professor do Apito”.

Presente a partir de 2019, essa última foi motivada pela implementação do VAR (sigla em inglês para árbitro assistente de vídeo) no futebol brasileiro. Com o tema “em alta”, o árbitro e professor universitário Álvaro Quelhas foi convidado a assumir a coluna. Diferentemente do que é comum na mídia comercial, as discussões levantadas no quadro não se relacionam com a compreensão das regras com a ajuda de um especialista. Analisar diferentes aspectos em torno da adoção dessa nova tecnologia, mas também a reformulação da comissão de arbitragem e a participação de mulheres na função foram assuntos presentes.

Os quadros realizados pela equipe de produção também estavam aptos a mudanças. “Futebol e política” e “Reflexões Ululantes” surgiram quando houve o desejo mais recorrente de discussões com ênfase nesse encontro. Outra novidade foi o “Momento Tafareeeeeel”, idealizado por Felipe Abrantes para homenagear as grandes defesas e inserido na programação em 2015.

Nessa reformulação, uma segunda mulher assumiria a condução dos programas ao vivo por um ano, Yolanda Assunção, que posteriormente foi substituída por Rafael Miguel, então estudante de Comunicação, que interrompeu a rotatividade de apresentadores/as vivida até então, permanecendo no Óbvio Ululante por quatro anos, até pouco depois de concluir sua graduação. naquele momento, o programa se consolidava como um espaço formativo importante para os/as estudantes pesquisadores que semanalmente tinham aquele espaço de aprendizagem técnica, humana e de conteúdo relacionado ao radialismo esportivo, área historicamente renegada no campo do jornalismo e que ainda não encontrava muito espaço para seu desenvolvimento na FAFICH antes que os professores Carlos D'Andrea e Ana Carolina Vimieiro abrissem campo na faculdade para os estudos dos esportes, aproximadamente naquela mesma época. Por meio do espaço do Óbvio Ululante, Pacífico e Elias, durante o tempo que estiveram na Rádio UFMG Educativa, foram importantes formadores dessa geração de estudantes que buscava agregar à sua graduação experiências que proporcionassem uma aproximação com o universo dos esportes.

Outro aspecto importante daquele momento foi a guinada política e o amadurecimento do grupo, agora com um quantitativo maior de mestrandos e doutorandos. Temáticas relacionadas às questões das mulheres no futebol, bem como da população LGBTQIA+⁴ e, mais timidamente, sobre o racismo, antes tratado quase exclusivamente pelos quadros trazido por Luciano Jorge de Jesus, professor de Educação Física que contribuiu com o Óbvio entre os anos de 2013 e 2017, começaram a aparecer cada vez com mais frequência no programa, impulsionadas pela recente visibilização de lutas contra desigualdades sociais históricas no Brasil e no mundo e que faziam do futebol mais um campo de embates.

Ainda em 2013, o surgimento das torcidas *queer*, que, em alguns casos, incomodavam torcedores mais conservadores com a alteração da cor dos escudos de seus clubes para pautar a opressão de pessoas LGBTQIA+, sobretudo nos estádios, visibilizava uma gama de agrupamentos torcedores que se organizavam a partir de pautas até então pouco levadas em consideração pelos organizadores do espetáculo. Nesse mesmo sentido, crescia a visibilidade das torcidas antifascistas em Belo Horizonte e pelo Brasil, e o programa não passaria incólume por todas essas transformações.

4. Lésbicas, gays, bissexuais, Travestis, transexuais e transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais e outras identidades sexuais ou de gênero não normativas.

2018: UMA SEGUNDA REFORMULAÇÃO

Na temporada de 2018, Rafael Miguel foi substituído por João Pedro Viegas na condução do programa, o que, em meio a outras alterações, acabou confluindo em uma nova reformulação do Óbvio.

Algumas dessas alterações foram frutos do amadurecimento do GEFuT como grupo de pesquisa. Quando o programa foi criado, o GEFuT tinha um perfil jovem, que incluía, além de seu coordenador, apenas estudantes de graduação e mestrandos da área da Educação Física. Durante esses anos, o grupo adquiriu uma característica interdisciplinar, com pesquisadores de outras áreas do conhecimento passando (e alguns permanecendo) pelo coletivo. Além disso, o coletivo foi se tornando mais experiente, incluindo também doutorandos, doutores e pós-doutorandos.

Ademais, o número de pesquisas concluídas e em andamento relacionadas ao futebol e/ou ao torcer aumentou, fornecendo mais elementos para a produção dos quadros que se conectam de maneira direta com a experiência dos pesquisadores envolvidos na produção do programa (DANTAS, ANJOS, 2019).

João Pedro, todavia, permaneceu por pouco tempo à frente do programa. Em uma aparente contradição, os escalados para capitanear o processo de renovação foram, então, alguns novos integrantes do GEFuT. O coordenador Silvio Ricardo da Silva, identificava naquele momento a necessidade de trazer uma nova identidade para o programa e, para isso, convidou para assumir a coordenação do Óbvio Ululante o jornalista e servidor da UFMG Iago Proença. Junto a ele, vieram os estudantes de Comunicação Social da UFMG, Yves Vieira, Thiago Peruch e Beatriz Kalil.

Apesar do desejo de renovação, havia a intenção de manter a linha editorial do programa e, para isso, os novos participantes necessariamente deveriam fazer parte do grupo, participando de suas reuniões científicas. Tornaram-se, assim, gefutenses. Esse envolvimento marcou uma nova fase. Se, até então, os apresentadores se relacionavam com o GEFuT de forma pontual, quase exclusivamente através da participação no Óbvio, agora havia uma relação notavelmente mais próxima. Com isso, o desenvolvimento do programa pôde receber maior influência de questões próprias do campo da Comunicação, assim como o GEFuT pôde contribuir de forma mais ativa no modo dos três graduandos compreenderem e abordarem o futebol.

Num primeiro momento, Beatriz, Yves e Thiago atuaram como comentaristas, num processo de treinamento, visando assumir o posto de apresentadores do programa, naquele momento ocupado por Iago Proença. Além disso, foram responsáveis pelo processo de transformação digital do conteúdo produzido no Óbvio. Com o advento dos agregadores de podcast, buscaram uma extensão do programa para um formato de streaming, possibilitando

que este pudesse ser ouvido em qualquer local e horário. A disponibilização do Óbvio para essas plataformas começou em agosto de 2019. Retomamos, também, as transmissões ao vivo no Facebook e a utilização frequente das redes sociais, com intenção de ampliar o público ouvinte, e possibilitar sua interação nas pautas debatidas.

A renovação envolveu dificuldades no treinamento dos/as demais comentaristas e colaboradores/as, bem como no estabelecimento de certo alinhamento na condução dos apresentadores/as, mas respeitando o estilo de cada um. Foram muitas reuniões debatendo as características de condução de cada um/a dos quatro, para que chegássemos em um formato que garantisse um padrão para o programa.

Consolidando um processo iniciado no período anterior, os debates referentes às mulheres, a pessoas LGBTQIA+ e ao racismo no futebol, seguiram cada vez mais frequentes. Novos integrantes do programa, os doutorandos do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer Danilo Ramos e João Nogueira Júnior, com trajetórias pessoais, de militância e de estudo ligadas aos dois últimos temas, respectivamente, certamente ajudaram a tornar esses debates mais qualificados.

A crescente atenção a casos de LGBTFobia e racismo praticado por atletas e ou torcedores motivou a realização de diversos quadros e entrevistas no Óbvio Ululante, entre as quais destacamos as com Marcelo Carvalho, líder do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, e Tiago César, ex-coordenador do Núcleo de Ações Afirmativas do Esporte Club Bahia.

No curso desse processo, em 2020, fomos interpelados pela pandemia da COVID-19. O processo de produção do Óbvio Ululante foi obviamente impactado pelas necessárias restrições sanitárias implementadas pela UFMG e pelo município. Buscando soluções para esta nova realidade, a equipe técnica e de produção da rádio construíram estratégias para a transmissão remota da programação da UFMG Educativa.

Desde a primeira quarta-feira de isolamento físico, no dia 25 de março de 2020, ao fim da medida, em 20 de abril de 2022, o Óbvio Ululante se manteve no ar de forma contínua, levando ao ouvinte discussões acerca do futebol mesmo no contexto da pandemia.

Na temporada de 2021, projetos pessoais e a finalização da graduação levaram à saída de Beatriz, Thiago e Yves, que estavam conosco desde o segundo período da graduação, figuras essenciais na condução e desenvolvimento desse período do Óbvio Ululante. A apresentação do Óbvio Ululante voltou, com isso, a ser exercida por uma única pessoa, a nova integrante Luana Gomes, bolsista do projeto.

2022 E O QUE SERÁ QUE SERÁ

Por vezes, pensar sobre o que nos parece óbvio gera uma sensação de repetição, de inutilidade. Mas, por outro lado, se não pensamos sobre o óbvio, se não questionamos aquilo que nos parece dado, corremos o risco de nos alienar dos processos que constituem as verdades sobre o mundo (e o futebol) tal como outros as pensaram.

O maior sinal de crescimento para alguns pode ser medido pelo número de membros de um grupo, ou pela quantidade de projetos em andamento. O Óbvio Ululante tem seu crescimento expresso pelo pequeno estúdio movimentado e discussões cada vez mais atuais, capazes de contemplar parcelas distintas da população.

A cada programa, tratamos de futebol não só como uma paixão, mas contemplando também aspectos sociais, políticos e econômicos que o permeiam. Discutir futebol enquanto formador de opinião e mantenedor de comportamentos fora dos campos, além dos próprios times e suas decisões administrativas amplia a compreensão acerca do cotidiano das pessoas e de como o esporte vem sendo tratado no mundo.

Entre baixas e altas de participantes com perfis e trajetórias variadas, o Óbvio se mantém no ar há 13 anos. Importante ressaltar como essa diversidade é essencial para nossas rodas. Quanto mais pudermos ter diferentes visões do futebol presentes, mais somos capazes de ampliar as discussões que chegam até nossos ouvintes, cumprindo assim a missão do programa.

A tecnologia utilizada para as transmissões também se modificou bastante com o passar dos anos, trazendo novas formas e temporalidades diferentes na comunicação com o/a ouvinte. Através de diferentes plataformas como as mídias sociais e a produção dos podcasts, é possível situar o projeto em um contexto de chamada a diferentes públicos, atingindo diferentes audiências. Recentemente também o programa tem contado com espaço mais amplo de divulgação dos trabalhos realizados dentro do GEFuT como um todo, o que potencializa o futebol do programa a públicos que não estão na universidade de outros modos.

O processo de indagação é uma das essências do projeto que se manteve com as reformulações e que tem seu espaço garantido atualmente. O questionamento e o desejo de se aprofundar em questões latentes, compreendendo as dinâmicas complexas que circundam a nossa sociedade, tomando os diferentes pontos de vista, fornecem ao ouvinte do programa além das informações de manchete sobre craques e placares, momentos de reflexão além dos passes. Isso extrapola os campos, vai para as arquibancadas e arenas não só dos grandes centros, mas também para pequenos estádios, levantando discussões

sobre a sua reforma e o apego ao tradicional, centro de memórias de muitos torcedores, mas também nas ligas de bairro e nos campeonatos escolares.

A própria volta ao regime presencial trouxe a necessidade de desenvolver uma nova relação com o programa e uma readaptação dos envolvidos na cadeia produtiva do Óbvio Ululante. O processo de estarmos próximos, porém seguindo as regras de distanciamento social implementadas pela UFMG, bem como a experiência de fazer o programa com o uso da máscara, que acaba exigindo uma dicção e um tom de voz diferenciados para garantir que o ouvinte compreenda o que está indo ao ar, foi um dos nossos grandes desafios. Além de, claro, conseguir trazer a equipe de volta para os estúdios, considerando as agendas e o tempo de locomoção, bem como as saídas importantes de pessoal ocorridas nos últimos anos, muitas em decorrência da diminuição vertiginosa dos investimentos nas universidades

O programa conta atualmente com voluntários, bolsistas e membros do GEFuT, além do apoio técnico da Rádio UFMG Educativa. Um trabalho compartilhado que demanda organização, colaboração e responsabilidade para a escrita dos quadros, envio e elaboração de roteiro, realização de entrevistas, participação ao vivo, entre outras demandas necessárias para o programa acontecer.

E é disso que o Óbvio Ululante é feito. Das discussões, dos aprendizados, das participações especiais pelo grupo do *Whatsapp* e do frio na barriga quando entramos no ar, além de um processo de constante evolução.

É por isso que pensar sobre o Óbvio Ululante continua sendo importante. Não somente para narrar e registrar uma história, mas para, como produtores e produtoras, podermos avaliar os caminhos escolhidos, levantar novas ideias e continuarmos atentos/as ao que, no futebol, não é tão óbvio assim.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luiza A. Reflexões sobre o futebol nas ondas do rádio. *Rádio-Leituras*, Ouro Preto, v.2, n. 1, jan./jul. 2011.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; DANTAS, Marina. Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária. In: Eliane Albuquerque; Norma Meireles. (Org.). *Rádios Universitárias: experiências e perspectivas*. 1ed. João Pessoa: CCTA, 2019, p. 327-344.

ANJOS, Luiza A.; SANTANA, Thiago José da Silva. Óbvio Ululante: Futebol e Divulgação Científica no Rádio. *Ludopédio*, v.67, n.5, 2015.

ANJOS, Luiza A.; SOUZA, Tiago Cirqueira. O FUTEBOL NAS ONDAS DO RÁDIO: A EXPERIÊNCIA DA RÁDIO UFMG EDUCATIVA. I Seminário Futebol nas Gerais, 2011.

DANTAS, Marina de M; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Óbvio Ululante: a trajetória de um programa sobre futebol em uma rádio universitária. Pensar a prática (Online), v. 22, p. 1-12, 2019.

GUERRA, Márcio de Oliveira. Rádio X TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

MELO, Marcos de A.; ANJOS, Luiza A. dos; LAGES, Carlos E. D. M.; BRAGA, Luiz G.G.; ABRANTES, Felipe V. de P.. A escola e o rádio como possibilidades de construção de conhecimentos e de diálogo com a sociedade tendo o futebol como eixo. Os projetos de extensão do GEFuT In: O futebol nas Gerais. SILVA, Silvio R. da; DEBORTOLI, José A. de O.; SILVA, Tiago F. da. organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ORTRIWANO, G. S.. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

SANTANA, Thiago J. S.; ANJOS, Luiza A.. Programa Óbvio Ululante: Futebol e Divulgação Científica no Rádio. In: Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, 2014, São Paulo. Anais do Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, 2014. v. 2.

SANTOS, Elias; SANTANA, Thiago J. S.; ABRANTES, Felipe V. P. ; DANTAS, Marina M.; SILVA, Silvio R. . Rádio, futebol e lazer: a experiência do Óbvio Ululante na Rádio UFMG Educativa. In: Christianne Luce Gomes; José Alfredo Debortoli; Luciano Pereira da Silva. (Org.). Lazer, práticas sociais e mediação cultural. 1 ed.: Autores Associados, 2019, p. 111-127.

SILVA, Gilson Luiz Piber; MEDEIROS, Tiago Aquiles Ribeiro. Radiojornalismo Esportivo: Juventude e Experiência nas Transmissões Esportivas da Rádio Universidade de Santa Maria – 800 AM. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul, 8, 2007, Passo Fundo. Anais... Passo Fundo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, v.1, p.1-13.

SOARES, E.. A bola no ar. São Paulo: Summus, 1994.113p.

VIEIRA, A. L. M.; SILVA, F. J. M. O Papel do Rádio na Divulgação do Futebol Local. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 16, 2014, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014, v. 1, p. 1-1.

AS PESQUISAS

OBSERVATÓRIO DO TORCEDOR O APITO PARA BOLA EM JOGO

Luiz Gustavo Nicácio

Thiago José Silva Santana

André Silveira Gomes

Este capítulo lança olhar sobre um marco histórico na trajetória do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), poderíamos até chamar a pesquisa a qual nos dedicamos discutir aqui de mito fundador do GEFuT. Mayor e Souza Neto (2014) explicam que a construção de mitos fundadores está profundamente enraizada na tentativa de manutenção de um conjunto de ideias, valores e formas de agir de um determinado grupo social. Não à toa, o futebol brasileiro é repleto destes mitos, sendo o mais conhecido deles Charles Miller frequentemente associado a chegada do futebol ao Brasil.

Nosso exercício de reflexão se refere a pesquisa desenvolvida a partir de agosto de 2006, denominada Observatório do Torcedor (Observatório), proposta pelo então Ministério do Esporte e convidou para execução pesquisadores atuantes em seis diferentes universidades federais brasileiras situadas em capitais nas quais houvessem grandes clubes de futebol disputando a série A do campeonato brasileiro de futebol praticado por homens naquele ano.

A época do convite a compor a equipe nacional, não existia GEFuT ou mesmo a perspectiva de sua criação, alguns dos integrantes do momento da fundação do grupo nem ao menos se conheciam e vislumbrar o decorrer dessa última década e meia não seria algo palatável nem em devaneios.

Chamar a pesquisa do Observatório de mito fundador não quer lhe implicar um lugar de “sem ela o grupo não existiria”. Nosso esforço ao longo do texto é de rememorar, descrever e problematizar os elementos de sua execução ao passo de que na sua realização, ideias, valores e formas de agir “gefutenses” já se faziam presentes e se fortaleceram de tal forma “que suas raízes é que demarcam a forma do GEFuT ser GEFuT” e isso poderia ter ocorrido mesmo que a proposição de pesquisa feita pelo Ministério do Esporte fosse proposta em outro objeto tendo o futebol numa perspectiva das ciências humanas em pauta.

A proposta da pesquisa foi realizada pelo Ministério do Esporte, o problema de pesquisa inicial estava posto – o cumprimento das determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) estava sendo realizado? Os instrumentos de coleta de dados já estavam elaborados, um questionário para aplicação junto a torcedores no interior do estádio e um formulário de verificação do cumprimento do EDT a ser preenchido no momento dos jogos.

O núcleo para pesquisa recebeu duas bolsas com pagamento direto do Ministério e caberia ao coordenador selecionar da maneira mais adequada para a definição destes bolsistas. O critério principal para aquele momento era que quem ocupasse esse lugar gostasse de futebol e frequentasse estádio. Eis aqui um primeiro elemento importante para pensarmos o processo formativo em fluxo contínuo e orgânico do GEFuT. O eixo da pesquisa já havia chegado pronto, a perspectiva era de início imediato sem capacidade de uma preparação anterior de familiarização com o campo, sem incursões exploratórias entre outras questões.

Gostar de futebol e ser frequentador de estádios tinha a possibilidade de trazer ao bolsista o conhecimento de códigos e práticas dos estádios, das temporalidades, dos ritos e de formas de se comportar. Ao mesmo tempo convidava esses bolsistas a prática científica. Gomes e Amaral afirmam que

a investigação sistematizada, sobretudo quando coloca em foco práticas profissionais cotidianas, como o lazer, devem transgredir os conhecimentos patenteados e puramente especulativos e ir além, buscando novas ideias, propondo novas hipóteses a fim de tentar novas soluções, firmes e coerentes do ponto de vista epistemológico. (2005, p.9)

Os bolsistas estavam a partir de então numa outra posição nos estádios, a de observador atento, de pesquisador, mas não um pesquisador qualquer, um que vivia o campo.

A partir deste olhar foram selecionados dois estudantes em situação distinta no curso do Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Um deles acabara de concluir seu primeiro período e havia sido aluno do coordenador da pesquisa em uma disciplina relacionada aos estudos do lazer demonstrando comprometimento e vínculo com o futebol. O outro ia para seu último semestre na graduação, não tinha nenhum contato com o coordenador e entrou no radar por indicação de outra pesquisadora que lhe orientava no trabalho de conclusão de curso. Não havia tempo hábil para uma seleção com abertura de edital, banca, provas, entrevistas, uma vez que entre o contato para o convite para a participação na pesquisa e envio dos nomes dos envolvidos o tempo foi de aproximadamente cinco dias. Logo em sequência um dos bolsistas já viajaria para Brasília para uma reunião com representantes dos demais núcleos: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná e Rio Grande do Sul.

Entre a demanda pelo início e o efetivo começo das ações de campo, uma janela de tempo grande se formou. Afinal, entre a proposição e as negociações com os responsáveis pelo espaço da coleta de dados, os estádios em dias de jogos, havia muitas questões a serem resolvidas. Em 2006, existiam dois estádios em Belo Horizonte, o Estádio Governador Magalhães Pinto – o Mineirão, e o estádio Raimundo Sampaio – o Independência. Naquele momento o próprio viabilizar a pesquisa configurava-se como espaço formativo dos jovens pesquisadores. Como a demanda era pela realização da pesquisa na série A, o indicativo era apenas da pesquisa no Mineirão, contudo, mesmo com pouco tempo para mobilizar mudanças mais concretas na estrutura, negociamos para que pudéssemos coletar também em jogos da série B. O Independência era utilizado apenas pelo América Mineiro, que naquele ano disputava a série C do campeonato brasileiro.

Ainda que a proposta tivesse uma origem no Ministério e demandas centrais, as tratativas e encaminhamentos locais eram feitas pelos núcleos. Com isso coube a nós, com a chancela do Ministério do Esporte, as negociações com a Federação Mineira de Futebol (FMF) e a extinta Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais (ADEMG) que na época eram responsáveis pelo local de pesquisa.

Sem uma perspectiva prévia de debates acerca dos instrumentos, leituras mais consistentes em termos de metodologia de pesquisa a necessidade de iniciar a coleta dos dados configurou-se em uma verdadeira aula de como se realizar uma pesquisa. Nesse contexto de organização de uma pesquisa que ainda era incipiente, que demandava maior articulação entre o que era proposto, a que se dedicava e o que fundamentava o labor da investigação se construiu o GEFuT. Os dois bolsistas estavam matriculados em uma disciplina chamada “Futebol e cultura”¹, ofertada pelo coordenador da pesquisa. Esta teria então importante papel na qualificação dos bolsistas, ao passo que outros participantes da disciplina interessados na temática se aproximaram deste grupo inicial e foram convidados a uma reunião que ficou marcada como a criação do grupo. Neste encontro foram apresentados a proposta da pesquisa e se integraram a ela como voluntários. Groppo e Martins (2007) indicam questionamentos iniciais a serem feitos para uma boa delimitação do problema de pesquisa, o problema de pesquisa deve ser formulado como pergunta; o problema deve estar situado no tempo e espaço; o problema deve ser uma pergunta cujo o alcance da resposta seja viável; o problema deve manifestar uma dúvida com o mínimo de originalidade. Pensar sobre estes questionamentos nos ajuda a pensar sobre o que mobilizou aquele grupo a ampliar os horizontes solicitados na demanda inicial do Ministério do Esporte e como isso provoca de maneira forte constituição do grupo.

1. Não nos deteremos na descrição da disciplina uma vez que a mesma é objeto de um capítulo desta mesma obra.

Ainda que o referencial citado acima não estivesse nem ao menos escrito naquele momento, ele ajuda a elucidar os pontos a seguir. A pesquisa proposta para os diferentes núcleos tinha características mais de verificação e havia certa objetividade que não parecia ser viável, ao menos não isoladamente com os instrumentos propostos. Assim, o problema de pesquisa foi ajustado de forma a atender a demanda do Ministério, entretanto, abrindo a possibilidade de avançar e ampliar aquilo que seria alcançado em termos de pesquisa. Incorporamos a pesquisa duas novas frentes nas ações metodológicas, a revisão de literatura e a pesquisa documental.

Enquanto os trâmites para liberação do acesso ao estádio não se concluíam, fizemos um profundo estudo do EDT a fim de analisar nossos instrumentos de coleta de dados e adequá-los quando necessário. Além disso, a coleta de dados nos parecia demandar um conhecimento maior acerca daquele documento, uma vez que ao interagirmos com torcedores no estádio sobre uma lei que os afetava diretamente havia uma expectativa de questionamentos sobre ela e era necessário que compreendêssemos bem seu conteúdo.

Do ponto de vista da revisão de literatura, era preciso qualificar as reflexões para além da empiria/vivência dos pesquisadores em relação ao estádio e o torcer. E compreender se a ainda recente lei, já tinha produção acerca das suas implicações. Gomes e Amaral explicam que

a pesquisa, em suas várias possibilidades, coloca-se em um palco complexo, marcado por desafios entre o observado e o registro, entre as situações vividas pelo indivíduo e as vividas coletivamente, entre a narração do depoente e a interpretação do pesquisador, entre a objetividade e a subjetividade de quem faz a pesquisa. (2005, p.15)

Assim era necessário que os jovens pesquisadores em formação buscassem o máximo de fundamentação para investir nas reflexões sobre os instrumentos, para qualificar sua presença em campo e posteriormente para possibilitar uma análise de qualidade.

Naquele primeiro momento da pesquisa, o segundo semestre de 2006, não só realizamos a pesquisa demandada, mas aprendemos como fazer pesquisa e intervimos para a sequência da pesquisa no ano posterior. Ao todo foram realizadas coletas “em oito jogos, sendo quatro da série A do campeonato brasileiro de 2006 e quatro da série B” (SILVA et alli 2007a, p.1) e alcançaram um total de 120 questionários, além de oito formulários de verificação. Eram estas as ferramentas daquele momento e incorporamos os registros e relatórios de campo, que delineavam “o clima do jogo” com o momento das coletas, fotografias do estádio, horário para entrada no estádio – por vezes demoramos imensamente a conseguir o acesso entre outros elementos. Ainda que tivesse tomado contornos de uma pesquisa piloto, seus dados já resultaram na publicação de um artigo em periódico e envio de trabalho para o Seminário o Lazer o Debate em 2007.

Entretanto, no que diz respeito a trajetória de pesquisas do GEFuT, foco de interesse do conjunto de textos deste livro, foi no dedicar-se a pesquisa que estão as mais interessantes faces desta empreitada. Ao empreender esforços para que ela fosse bem feita e pudesse se qualificar na sequência que importantes percepções foram possíveis para, em especial, os jovens pesquisadores que se apresentavam ali.

Começando por destacar a noção de implementação, acompanhamento e avaliação de uma política pública. A demanda pela pesquisa nos seis polos tinha evidente cunho de acompanhamento da implementação da lei 10.671 de 15 de maio de 2003, o EDT. Ao cumprir o papel de pesquisadores, e adensar o conhecimento promovendo o debate sobre aquela legislação específica fundamentados pela produção acadêmica, os bolsistas e voluntários se viram na condição de intervir diretamente no âmbito político do esporte no país. Mais que isso, ainda que o texto da lei fosse direcionado ao futebol, não era apenas a ele que o documento se referia, a todos os esportes de alto rendimento no país com público, ou como dito pelo texto torcedores. Contudo, como dito por Nicácio et alli (2009)

Os atores interessados nas determinações que viriam a compor o EDT eram vários: mídia, dirigentes de clubes, órgãos públicos, dirigentes de federações e confederações e o próprio torcedor, entre outros. Desses, o principal afetado e que dá nome ao documento – o torcedor – não esteve presente em sua formulação (NICÁCIO ET ALII, 2009, p.27)

Se nem os torcedores de futebol foram consultados na formulação da lei, quem diria os demais. Rua (1997), afirma que a formulação de uma política pública se inicia com a identificação de um problema. Esse tem origem na insatisfação de um determinado grupo que gera o que é chamado de “estado de coisas”. Segundo a autora, é “algo que incomoda, prejudica, gera insatisfação para muitos indivíduos, mas não chega a constituir um item da agenda governamental, ou seja, não se encontra entre as prioridades dos tomadores de decisão” (RUA, 1997, p.6). No caso do futebol, um conjunto de acontecimentos prévios relacionados a violência entre torcidas, más condições de estádios que ocasionaram acidentes graves, entre outros colocou os espaços de assistência esportiva em destaque, em especial os estádios de futebol. Soma-se a isso interesses econômicos e políticos e estava posta a necessidade de intervenção por meio de uma política pública.

Foi ao participar e produzir a pesquisa que os jovens pesquisadores puderam se dar conta disso de maneira mais consistente. E compreender por exemplo o papel da produção de uma justificativa em um projeto de pesquisa. É comum encontrarmos em meio aos trabalhos no campo do lazer a argumentação de que a pesquisa poderá contribuir para formulação e/ou avaliação de políticas públicas. Entretanto, ao realizar esta pesquisa foi possível perceber tal argumento em fluxo. A tarefa então era compreender de que maneira

seria possível avançar de maneira qualitativa e quantitativa na busca daqueles dados e sua análise.

Fazer pesquisa é prática situada – e aprender a fazer pesquisa significa mudar nosso modo de participar. Essa premissa pode valer para todos os envolvidos, nesse momento em que as fronteiras entre pesquisador e pesquisado se mesclam, e tem se produzido vários “atravessamentos”, ou deslocamentos. (GOMES, FARIA E BERGO, 2019, P.119)

A afirmação das autoras nos ajuda a sintetizar o que avaliamos que se passou com os envolvidos nesta pesquisa. O estádio já era algo próximo para todos os integrantes deste primeiro bloco da pesquisa, e seguiria sendo para aqueles que se engajaram posteriormente. De distinto há esse deslocamento do modo de participação que transita do lugar de torcedores para o de pesquisadores. Aprender sobre esse fazer só era possível em prática, ninguém poderia dizer que lugar era aquele e como ele se daria para cada um dos integrantes da pesquisa. E nessa perspectiva é possível perceber os avanços ao ler cada um dos trabalhos publicados, sejam os relatórios enviados ao Ministério do Esporte, textos apresentados e publicados em anais de eventos e artigos publicados em periódicos entre eles Silva et alii (2007a), Silva et alii (2007b) Silva et alii (2007c), Campos et alii (2008), Nicácio et alii (2009).

Os primeiros seis meses de pesquisa levaram a intensas negociações com o Ministério do Esporte para prorrogação e ampliação da pesquisa. Entramos com uma proposta para que um formulário adaptado fosse utilizado para uma pesquisa também nos jogos de voleibol em Belo Horizonte, especificamente na Arena do Minas Tênis Clube. As rotinas para a pesquisa de campo precisaram ser completamente revistas e adequadas. A percepção de prática situada para a pesquisa e de formação ao fazer a pesquisa se mostrou novamente um marco significativo. As lógicas do torcer no voleibol são, ou ao menos eram naquele momento, bastante distintas do estádio de futebol. Os rituais de chegada, sociabilidade, manifestação e fluxos antes, durante e depois das partidas demonstravam que era um acerto avançar em outra frente. A pesquisa com o voleibol ocorreu no primeiro semestre de 2007, antes dos Jogos Panamericanos sediados na cidade do Rio de Janeiro.

A coleta de dados se mostrou um desafio novo, visto que não encontramos uma produção acadêmica ou referencial de institutos como o IBGE para balizar o perfil da amostra como já havia no caso do futebol. Ao mesmo tempo em que discutíamos os critérios para o perfil do público a ser buscado na pesquisa com o público do vôlei, havia intenso debate sobre melhores critérios para a continuação da pesquisa com o futebol. Se no caso da nova modalidade não havia indicação de perfil de público como possuíamos em dados informados pelo Ministério advindos do IBGE, no futebol nos soava necessário um maior refinamento dos participantes da pesquisa. A diferença entre a produção sobre o futebol

e o voleibol no país se mostrou ao tentarmos lapidar a amostra. Para o futebol pudemos lançar mão da tese da professora Heloísa Reis (1998), que divide os torcedores de futebol em quatro categorias, espectadores, torcedores, torcedores uniformizados e torcedores organizados. Não existia categorização semelhante para o voleibol a época e talvez ainda hoje não exista.

As frentes nas quais tivemos que nos qualificar e sensibilizar no campo forjaram as trajetórias como pesquisadores. O contínuo diálogo entre o que já se havia vivido como torcedor, o que se vivia no campo de pesquisa e o que se estudava na pesquisa bibliográfica era uma complexa trama de formação acadêmica.

Ao buscar o contato com uma determinada torcida organizada de um clube rival, era preciso deixar de lado as nossas relações pré-estabelecidas. Por vezes, a sensação poderia ser de um acolhimento menor ou mesmo de tensão do que quando realizando o mesmo trabalho com torcedores do nosso clube. Em contrapartida no vôlei poderia haver um sentimento de apatia por pouco conhecer a rotina do torcer naquele esporte.

As relações que hoje existem conectando futebol e vôlei por meio dos times ainda não se faziam presentes. Ainda que o SADA Betim já existisse em 2006, disputando a Superliga 2006-2007 ele só passou a ter vínculo e ser nomeado SADA Cruzeiro a partir de 2009. O que olhando do tempo presente nos soa como um alívio visto nosso momento como pesquisadores e a incipiência de estudos sobre a assistência do voleibol.

A pesquisa com o voleibol durou apenas o primeiro semestre, coincidindo com a segunda metade da Superliga 2006/2007. A sequência para esta pesquisa foi dificultada pelas negociações com o clube para acessarmos o ginásio em dias de jogos, bem como a viabilidade de coletar tanto no Campeonato Brasileiro de futebol quanto na Superliga de vôlei.

O período e número de jogos com o voleibol foi mais restrito ao compararmos com o futebol, contudo, trouxe uma constatação importante.

No que diz respeito ao EDT, mais estudos que contemplem outras modalidades esportivas e olhares diferentes podem nos dar um quadro mais fidedigno de sua aplicação e aceitação, além de poder verificar a aplicabilidade real do estatuto em âmbito nacional em um panorama mais amplo da realidade estrutural esportiva brasileira. (SILVA ET ALII, 2007c, p.7)

Ainda que historicamente mais trabalhos tenham se detido sobre o EDT, em breve busca em plataformas de indexação de periódicos, não encontramos trabalhos que correlacionem esta lei e o voleibol. A lacuna apontada segue sem aparentes esforços em sua investigação.

Em contrapartida a isso, podemos destacar que muito da produção do GEFuT, emerge exatamente dos esforços empreendidos nesta pesquisa que colocou a bola em jogo para o grupo. Seja pelas questões que emergiram nos momentos de trabalho de campo, pelas horas de estudo na revisão de literatura, nos debates sobre a temática para desempenhar a função de análise de dados, outras questões emergiram. E eis aí mais uma das contribuições dessa experiência inicial com a pesquisa. Problemas de pesquisa emergem a medida em que estudamos, quanto mais lemos, discutimos, assistimos aulas ou ofertamos aulas/palestras, maior a possibilidade de novos e importantes problemas de pesquisa se desvelarem. Alguns destes problemas e suas referidas pesquisas aparecem neste livro. Mas, é importante salientar que as contribuições, tal como dito antes, não se restringem ao âmbito da pesquisa, e na pesquisa, não só ao futebol. Muitos dos participantes daquela solicitação inicial vinda do Ministério do Esporte beberam desta fonte para em outras poder dar outros frutos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa do Observatório é uma entre várias desenvolvidas no GEFuT ao longo de sua história. Nosso esforço ao longo deste texto, foi de, ao narrar e refletir sobre o processo, buscar evidenciar elementos importantes acerca da formação acadêmica e produção científica. Este processo é um exemplo de que maneira o fomento a produção científica atrelado as demandas da sociedade podem contribuir em frentes muito mais amplas do que a demanda inicial. O entendimento de que a formação em uma universidade federal se destaca pela capacidade de proporcionar aos seus graduandos o acesso a pesquisa e que esta tem capacidade de formação mais ampliada do que “apenas” formar pesquisadores. Os sujeitos participantes de iniciativas de trabalho como a aqui narrada podem ou não se tornar pesquisadores, como é o caso dos que estiveram atrelados a esta pesquisa. Contudo, é notório na nossa avaliação que do ponto de vista da atuação profissional e na capacidade de leitura de mundo as experiências vividas não poderiam ser alcançadas exclusivamente ao cursar disciplinas.

Avaliamos também que o engajamento dos jovens pesquisadores com o objeto de pesquisa foi crucial para que os anseios narrados pelos torcedores pudessem ecoar de tal forma que se configurassem em novas formas de investigação. Esse exercício proporcionou a possibilidade de sugerir aos gestores públicos proponentes iniciais, ampliação das frentes e formas de trabalho.

Nos parece que segue se fazendo necessários os esforços que anteriormente eram investidos pela Rede CEDES no extinto Ministério do Esporte. Encerramos esse texto na

esperança de que a educação e a ciência retomem o caminho de crescimento, formação de redes e atenção a formação das pessoas que ocupam as universidades tendo em vista o bem estar social de todas as pessoas. Que o lazer, como direito constitucional também esteja contemplado nessa retomada.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu, ABRAHÃO, Bruno Otávio Lacerda; SILVA, Silvio Ricardo. As determinações do estatuto de defesa do torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** – Campinas. V.30.N.1. P. 9-24 – 2008.

GROPPO, Luís Antonio; MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução à pesquisa em educação**. 2. ed. Piracicaba: Biscachin Editor, 2007.

GOMES, Christianne Luce.; AMARAL, Maria Tereza Marques. **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer**. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, Ana Maria Rabelo; FARIA, Eliene Lopes; BERGO, Renata Silva. Aprendizagem na/da etnografia: reflexões conceitual – metodológicas a partir de dois casos bem brasileiros. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 28, n. 56, p. 116-135, set./dez. 2019.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SOUZA NETO, Georgino Jorge. Victor Serpa e a “mania do foot- ball”: o mito fundador do esporte bretão na cidade de belo horizonte/mg (1904 - 1905). **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**. Vol.3 n.1 Janeiro/junho 2014.

NICÁCIO, Luiz Gustavo; SANTANA, Thiago José Silva; GOMES, André, Silveira; ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo. Campeonato Brasileiro De 2007: A Relação Do Torcedor De Futebol Com O Estatuto De Defesa Do Torcedor na Cidade De Belo Horizonte (MG). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** – Campinas. V.30.N.2. P. 25-38 – 2009

REIS, Heloisa Helena Baldy. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. **Tese** (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998

RUA, Maria das Graças. **Análise de políticas públicas**: conceitos básicos. Washington: Indes / BID, 1997. (Mimeografado.)

SILVA, Silvio Ricardo; NICÁCIO, Luiz Gustavo; SILVA JUNIOR, Mauro Sérgio Lacerda; VIEIRA, Yuri Vítor Guimarães. Futebol e torcida: um estudo sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor no Campeonato Brasileiro de 2006 na cidade de Belo Horizonte. **Lecturas educación física y deportes**, ano 12, n 107, Buenos Aires. 2007a.

SILVA, Silvio Ricardo; NICÁCIO, Luiz Gustavo; SILVA JUNIOR, Mauro Sérgio de Lacerda.; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SANTANA, Thiago José Silva.; VIEIRA, Yuri Vítor Guimarães.; MELO, Marcos de Abreu. Futebol e lazer: refletindo sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor no Campeonato Brasileiro de 2006 em Belo Horizonte. In: **SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE**, 8., Rio de Janeiro, 2007b. Anais... Rio de Janeiro: s.ed., 2007b. p. 201-209

SILVA, Silvio Ricardo; NICÁCIO, Luiz Gustavo.; VIEIRA, Yuri Vitor Guimarães; ABRAHÃO, Bruno Otávio Lacerda.; MELO, Marcos de Abreu; SANTANA, Thiago José Silva; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Observatório do Torcedor: a relação dos torcedores de futebol e torcedores de voleibol com o estatuto de defesa do torcedor em Belo Horizonte MG. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15./CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2.**, Recife, 2007. Anais... Recife: s.ed., 2007c.

OS LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICOS DO GEFUT SOBRE O FUTEBOL

Marcos de Abreu Melo

Adriano Lopes de Souza

Alexandre Francisco Alves

Enfim, meu bom e querido amigo, [...] tenho assentado comigo em que o Senhor Dom Quixote continue a jazer sepultado nos arquivos da Mancha até que o céu lhe depare pessoa competente que o adorne de todas estas coisas que lhe faltam, porque eu me sinto incapaz de remediá-las em razão das minhas poucas letras e natural insuficiência, e, ainda de mais a mais, porque sou muito preguiçoso e custa-me muito a andar procurando autores que me digam aquilo que eu muito bem me sei dizer sem eles.

(Miguel de Cervantes Saavedra, no Prólogo de Dom Quixote de La Mancha)

INTRODUÇÃO

Cervantes, em sua obra prima, faz uma crítica irônica e talvez premonitória sobre a necessidade de citarmos autores para escrever sobre qualquer coisa. No mundo acadêmico atual, alguns séculos depois do sepultamento de Dom Quixote, ainda nos encontramos quase obrigados a legitimar qualquer de nossas ideias em algum referencial bibliográfico mais famoso e/ou mais tradicional quando vamos escrever um texto científico. E, embora por vezes possa haver alguns exageros, trata-se de um mecanismo importante para a manutenção, consolidação e expansão dos saberes dentro de um campo acadêmico.

Na reta final dos anos 2000, o campo dos estudos sobre o futebol nas ciências humanas e sociais no Brasil parecia estar fervilhando, sobretudo com a aproximação de uma Copa do Mundo no país, algo que não ocorria há mais de meio século. Nesse contexto, surgia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mais especificamente na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), um grupo de estudos idealizado pelo recém ingresso Professor Silvio Ricardo da Silva. Em 2006, o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas, carinhosamente chamado GEFuT, ganhava uma salinha modesta na EEFFTO e começava seus trabalhos com alguns estudantes de graduação. Nos anos seguintes, com várias ações de pesquisa, ensino e extensão, o grupo foi ganhando corpo, qualidade e notoriedade no campo em que atuava.

Contudo, lembrando Cervantes, para que o GEFuT continuasse sua rota acadêmica, o grupo percebeu que era importante mapear os autores e obras relevantes sobre o futebol dentro do campo das ciências humanas e sociais, pois notávamos que a produção nessa área se encontrava muito pulverizada. Ao buscarmos referenciais teóricos, não havia um banco de dados unificado que permitisse uma consulta eficaz à maioria dos periódicos do campo, tampouco às teses, às dissertações e aos livros.

Damo (1998, p.11) já nos alertava que “*o futebol é um dos símbolos da identidade brasileira [e] pode ser encontrado tanto nos discursos do senso comum quanto nos trabalhos acadêmicos*”. Porém, como iríamos encontrar esse futebol nas produções científicas no final da década de 2000?

Eis que surgiu, em 2008, em parceria com o Ministério do Esporte, a ideia de construir um banco de dados abarcando teses, dissertações, periódicos e livros que tratavam do conhecimento relativo ao futebol nas ciências humanas e sociais e que tinham sido produzidos entre 1980 e 2007. O GEFuT dava ali o pontapé inicial para o seu primeiro Levantamento Bibliográfico, que foi muito relevante na trajetória do grupo e, não seria ousadia dizer, contribuiu significativamente para os estudos acadêmicos e outros espaços de interesse sobre o futebol no Brasil.

O PRIMEIRO LEVANTAMENTO¹

Capitaneados pelo Professor Silvio Ricardo da Silva, formamos um grupo de bolsistas pesquisadores que levaria a cabo a robusta tarefa de mapear as referências bibliográficas sobre o futebol nas ciências humanas e sociais. A equipe era composta por:

- Luiz Gustavo Nicácio, então mestrando em Estudos do Lazer e professor de Educação Física;
- Priscila Augusta Ferreira Campos, com a mesma formação;
- Marcos de Abreu Melo, então graduando em Educação Física; e
- Rodrigo Martins Cruz, então graduando em Biblioteconomia.

Contamos também com a ajuda de vários integrantes do GEFuT ao longo do levantamento, sem os quais seria impossível concluir tal tarefa. Pode soar como absurdo para os mais novos, mas na década de 2000 as tecnologias e o mundo virtual eram muito mais acanhados, sem a mesma eficácia dos mecanismos de busca, sem a facilidade de aplicativos, documentos compartilhados em nuvem, redes sociais difundidas, smartphones

1. Sempre que citamos o Primeiro Levantamento no texto, estamos nos referindo à obra de Silva et al (2009), intitulada *Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007*.

em massa e outros aparatos que tornam nossas vidas hoje muito mais fáceis em alguns sentidos (embora mais difíceis e complexas em outros).

O fato é que realizamos esse Primeiro Levantamento nesse contexto, mesclando o mundo virtual e o mundo físico em nossas buscas. Começamos delimitando o recorte temporal da pesquisa, optando pelo ano de 1980 como nosso marco inicial, visto que foi no fim da década de 1970 que ocorreu o processo de redemocratização no Brasil, propiciando o surgimento de trabalhos acadêmicos sobre o futebol com olhares sociológicos e antropológicos e entendendo-o como um fenômeno sociocultural importante, como por exemplo, a dissertação “Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo: ou o duelo” (CÉSAR, 1981) e o livro “Universo do futebol” (DAMATTA et al, 1982). Nossa parada final foi o ano de 2007, anterior ao início do Levantamento, dessa forma abarcando quase três décadas da produção acadêmica no campo.

Para cada tipo de produção (teses, dissertações, periódicos e livros), foi criado e usado um parâmetro de busca, explorando o maior número de fontes possíveis disponíveis naquele momento.

Para teses e dissertações, utilizamos as seguintes fontes: sítio virtual da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sítio virtual do Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial (NUTESES) e sítio virtual do Boletim Brasileiro de Educação Física (BOLETIMEF). Também consultamos os sítios virtuais das bibliotecas depositárias das teses e dissertações, conferindo, assim, as informações disponibilizadas pela CAPES.

Para os artigos, selecionamos periódicos no sítio virtual da CAPES, na seção de classificação de periódicos, anais, revistas e jornais (Qualis), em junho de 2008. Só entraram na pesquisa aqueles periódicos que atendiam aos seguintes três critérios: serem de circulação internacional concomitantemente em duas áreas de avaliação pertencentes às ciências humanas e sociais; serem de edição brasileira; e serem publicados em língua portuguesa do Brasil. A partir desta seleção, buscamos os artigos nos sítios virtuais da CAPES e do Scientific Electronic Library Online (SciELO). Caso não os encontrássemos nestes locais, foi feita uma busca nas bibliotecas depositárias de tais obras na cidade de Belo Horizonte – MG. Em caso de novo insucesso, optou-se por contactar os editores via correio eletrônico solicitando o que estava pendente.

Já para os livros, foram pesquisadas as bibliotecas das cinco universidades brasileiras classificadas entre as 500 melhores do mundo, segundo pesquisa² da Universidade de

2. Foram utilizados como parâmetros neste estudo: qualidade dos alunos formados, do corpo docente, do produto acadêmico gerado pelo corpo docente e a dimensão da instituição. Para maiores informações consultar <http://ed.sjtu.edu.cn/rank/2007/ARWU2007.xls>. Acesso em: 15 dez 2007.

Jiao Tong, Xangai China, 2007. Portanto, este processo foi realizado via sítio virtual das bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Apenas os livros em língua portuguesa do Brasil foram analisados.

Em todos os três casos (teses e dissertações, artigos e livros), a palavra-chave “futebol” foi nosso principal guia. Analisávamos título e resumo de cada uma das obras para decidirmos se ela se enquadrava no nosso recorte ou não. A partir das buscas, classificamos os 626 referenciais encontrados em 19 categorias a partir do conteúdo analisado. As categorias “Identidade”, “Espetáculo esportivo”, “História” e “Outros temas” foram as que tiveram maior volume de obras, talvez já apontando uma tendência das pesquisas no campo nos anos seguintes.

Além da criação e do uso de categorias temáticas, também realizamos uma análise quantitativa dos referenciais seguindo outros parâmetros, como:

- Distribuição das teses e dissertações, artigos e livros em quadriênios: 1980 – 1983, 1984 – 1987, 1988 – 1991, 1992 – 1995, 1996 – 1999, 2000 – 2003, 2004 – 2007;
- Distribuição das teses e dissertações, artigos e livros em relação ao sexo de quem os produziu: feminino, masculino ou misto (em caso de mais de um autor, com pelo menos um de cada sexo);
- Distribuição dos trabalhos de pós-graduação em teses ou dissertações;
- Distribuição das teses e dissertações nas regiões geográficas do Brasil em que foram defendidas.

De forma bem resumida, a partir de todas essas análises, podemos constatar que:

- A produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais teve um *boom* no quadriênio de 1992-1995, aumento que se consolidou nos quadriênios seguintes. Isso pode ser um indicativo de que a temática foi ganhando legitimidade como objeto de estudo acadêmico, consolidando-se no campo das ciências sociais e humanas no século XXI.
- Essa produção era predominantemente realizada por homens. Tal fato não chega a ser surpreendente e certamente não foi exclusividade deste campo acadêmico, visto que apenas nas últimas décadas as mulheres têm conseguido se consolidar no universo científico de forma mais igualitária, com avanços necessários, mas infelizmente lentos e permeados de tensionamentos.
- Havia quatro vezes mais dissertações que teses dentro do campo. Isso era previsível, dado que o número de programas de pós-graduação com doutorado ainda era menor e essa proporção foi crescendo nas últimas décadas. Esse dado também pode demonstrar que, à medida que os programas de douto-

ramento surgem, o futebol também passa a ser abraçado nesse contexto de rápida expansão e legitimação da temática.

- A produção de teses e dissertações concentrava-se (mais de 70%), na região Sudeste do país, com o Sul aparecendo em seguida. Dadas as desigualdades econômicas e sociais do Brasil, que refletem-se também em desigualdades de oportunidades educacionais e na predominância de instituições de ensino superior no centro-sul do país, esta concentração de teses e dissertações era esperada.

Por fim, disponibilizamos os resumos de cada uma das obras listadas, divididas em nossas categorias de análise, no nosso trabalho, que acabou se “corporificando” como um livro impresso e uma versão virtual em CD-Rom. Na sequência reproduzimos a capa do livro, registro importante da primeira grande obra do GEFuT:



Figura 1 - Capa do livro do Primeiro Levantamento

Tanto o livro quanto o CD-Rom foram distribuídos para universidades, pesquisadores e gestores públicos de todo o Brasil, possibilitando um acesso relativamente fácil e unificado para contribuir com a atuação de todos esses atores sociais interessados no estudo e no avanço do futebol no país.

Talvez não seja exagero dizer que este trabalho ajudou a colocar o GEFuT, incipiente grupo de estudos que mal completara três anos de existência, no radar das referências nacionais no debate acadêmico do futebol nas ciências humanas e sociais. É difícil até mesmo mensurar o alcance que o Levantamento teve no campo científico, mas houve outros ganhos supostamente menores (e internos ao GEFuT) oriundos dessa pesquisa que merecem ser destacados.

O primeiro deles foi o aprendizado que o Levantamento gerou para seus participantes. Com uma equipe composta de mestrandos e graduandos, a magnitude e a complexidade da execução do Levantamento fizeram com que todos nós aprendêssemos a fazer pesquisa pesquisando. Foi na prática que nos deparamos com uma série de situações e impasses que nos levaram a refletir, debater e buscar soluções para que o Levantamento fosse realizado da melhor forma possível, tornando-nos, no processo, melhores pesquisadores. E aqui vale relatar alguns “causos” curiosos que permearam essa jornada.

A começar pela própria delimitação dos critérios de buscas das obras, que incluiria tanto o mundo físico quanto o digital e que deveria ser rigorosa e transparente para se encaixar nos métodos científicos. Foram muitas discussões acaloradas e buscas por fontes, repositórios, bancos de dados e reportagens que nos permitiram delimitar um universo de procura que fosse ao mesmo tempo significativo para o campo e exequível para a equipe.

Sim, ser exequível era um critério importante. Afinal, como destacado anteriormente, o mundo digital ainda engatinhava e muito desse Levantamento foi feito fisicamente, indo aos prédios de bibliotecas de universidades para a conferência manual das obras. Perdemos as contas de quantas bibliotecas visitamos em Belo Horizonte e de quantas horas foram gastas folheando páginas empoeiradas de periódicos em busca de seus resumos para ver se tratavam do futebol. Ou caçando livros quase arqueológicos que estavam intocados há décadas em alguma estante perdida e que às vezes sequer traziam resumos na contracapa ou na orelha, fazendo com que tivéssemos que buscar os resumos na internet ou elaborarmos nós mesmos a sinopse. Aliás, mesmo quando achávamos o resumo de um artigo, normalmente tínhamos que pegar o volume emprestado para digitar manualmente esse resumo em nosso banco de dados, já que, na maioria das vezes, o texto não existia digitalizado online.

O pior era quando tínhamos que buscar resumos em bibliotecas de outras cidades do país. Criamos um texto padrão para enviar para pesquisadores e bibliotecários de outras localidades solicitando as informações necessárias sobre determinadas obras que só se encontravam lá, procedendo também um protocolo de ações para as respostas dos nossos e-mails. Algo, enfim, inimaginável nos dias atuais!

Isso sem contar, claro, que o volume de produções começou a ficar enorme e muito difícil de organizar. Lembrando que o Levantamento final incluiu 626 obras, é possível estimar que analisamos alguns milhares de produções para chegarmos a esse resultado. Sem a inestimável atuação do Rodrigo, bolsista de Biblioteconomia, e todo um processo de sistematização, seria inviável levar a cabo tal empreitada.

Interessante lembrar também que, à medida que as obras iam sendo encontradas, precisávamos criar as categorias de conteúdo de cada uma delas, processo que foi muito rico e muito complexo, compondo essa formação de pesquisadores de maneira notável. Foram infindáveis debates sobre os limites e nomenclaturas das categorias, sobre se determinada produção acadêmica entraria na categoria x ou y, sobre a necessidade de se criar mais categorias ou fundir algumas já existentes. No frígir dos ovos, chegamos a 19 categorias, com a inclusão de uma nomeada “Outros temas”, que abarcava também obras em que não conseguimos chegar em um consenso sobre a classificação.

Retornemos, porém, aos ganhos que o Levantamento trouxe para o GEFuT. O primeiro deles, que resultou em todos esses “causos” narrados, foi, portanto, o fato de vários membros do grupo terem aprendido a fazer pesquisa fazendo pesquisa. Ou, colocando melhor, o Levantamento trouxe novos elementos, desafios e situações de pesquisa que permitiram que seus participantes se desenvolvessem na prática, dialogando com outras pesquisas coletivas ou individuais (trabalhos de conclusão de curso e dissertações) do grupo, e compondo o quadro de formação no interior do GEFuT.

O segundo impacto foi que o Levantamento abriu portas e possibilidades para que investíssemos em outros projetos de pesquisa e extensão, seja pelo conhecimento que tínhamos construído e que poderia ser aplicado, seja pelas oportunidades oriundas da notoriedade que o GEFuT angariou com a publicação do Levantamento, seja pelo incentivo ou percepção de uma dada temática ao lermos tamanha diversidade de conteúdo.

Um terceiro fruto de todo esse processo foi a qualificação das ações de ensino relacionadas ao grupo. O Professor Silvio Ricardo, ofertando disciplinas na graduação e na pós-graduação ligadas ao futebol como elemento cultural, passou a contar com um leque de referências bibliográficas ainda maior a partir do Levantamento.

E esse leque não parava de crescer, pois, como constatamos na pesquisa, as produções acadêmicas sobre o futebol nas ciências humanas e sociais haviam disparado em meados da década de 1990 e não davam sinais de que diminuiriam seu ritmo tão cedo. O GEFuT se orgulhava muito de ter contribuído com esse processo a partir do Levantamento e de outras ações, mas os anos foram se passando e mais e mais obras sobre o futebol foram aparecendo, tornando nosso “banco de dados” desatualizado.

As tecnologias também avançaram e o grupo sentiu a necessidade de fazer uma nova pesquisa bibliográfica de grande envergadura. Surgia, então, o Segundo Levantamento...

O SEGUNDO LEVANTAMENTO³

No ano de 2016, em meio às ações de comemoração dos dez anos de fundação do GEFuT, decidimos realizar uma nova análise da produção brasileira sobre o futebol. O objetivo era conhecer as temáticas mais pesquisadas, os periódicos de maior publicação e os programas de pós-graduação que se destacavam como produtores desse conhecimento. Tudo isso no sentido de traçar e compreender como se distribui essa produção no país.

É importante lembrarmos que a realização da primeira pesquisa ocorreu no ano seguinte à escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo de Futebol Masculino, que seria realizada em 2014, gerando, naquele momento, grandes expectativas sobre o aumento da produção acadêmico-científica sobre as temáticas relacionadas ao futebol nos anos seguintes. Assim iniciamos em 2016 o Segundo Levantamento, “revisito e ampliado”, e a análise da produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais, tendo como recorte temporal os anos compreendidos entre 1980 e 2016.

Diferentemente do cenário vivenciado pelos pesquisadores no Primeiro Levantamento, a busca pelas produções era muito mais acessível, sobretudo por meio dos acervos digitais. Tanto é que, durante todo o processo, não foi necessário o deslocamento físico de nenhum membro para buscar informações sobre trabalhos produzidos. Estava tudo na “palma da mão”, permitindo que o trabalho desempenhado pela equipe fosse menos árduo e mais eficiente, aumentando também as responsabilidades do grupo.

Além da facilidade de acesso às produções acadêmicas sobre o futebol no campo das ciências humanas e sociais, o projeto de pesquisa que norteou o Segundo Levantamento foi contemplado no Edital 001/2015 da Rede CEDES. Esta, por sua vez, tinha como propósito estabelecer centros de estudos e pesquisas de modo a produzir material técnico e científico (Couto; Silva, 2019, p. 13). Sendo assim, portanto, ao encontro da proposta da

3. Chamado “II Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre o futebol (1980 - 2016)”, foi um projeto de pesquisa contemplado pelo Edital 001/2015, da Rede CEDES.

rede, os investimentos em nosso estudo atuaram como uma ação catalisadora do processo de pesquisa, facilitando não só a sua execução, mas também a publicação dos resultados em diversos formatos, tais como livros e artigos e possibilitando participações em eventos acadêmicos.

Liderados pelos professores Silvio Ricardo da Silva e Priscila Augusta Ferreira Campos, o primeiro passo foi a divisão dos integrantes do GEFuT dentro de linhas de investigação. Cada uma dessas linhas seria responsável pelo levantamento de produções específicas (Quadro 1).

Linha 1	Artigos publicados em revistas com avaliação Qualis CAPES entre B2 e A1.	* Adriano Lopes de Souza * Luiz Gustavo Nicácio * Jefferson Nicássio Queiroga de Aquino
Linha 2	Teses e dissertações sobre futebol defendidas em programas de pós-graduação no Brasil entre os anos de 1980 e 2016 e disponibilizadas na Plataforma Sucupira da CAPES.	* Alexandre Francisco Alves * Indiamara Bárbara da Silva
Linha 3	Grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq que trabalham a temática do futebol, fundados entre os anos de 1980 e 2016.	* Felipe Vinícius de Paula Abrantes * Marina de Mattos Dantas
Linha 4	Livros disponibilizados nos acervos eletrônicos das seguintes universidades: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).	* Thiago José Silva Santana * Adriano Lopes de Souza

Quadro 1 - Equipe de pesquisadores e linhas de pesquisa

Estabelecidas as linhas de investigação, outras ações foram realizadas com o intuito de sistematizar todo o processo de pesquisa e assim dar início ao levantamento. A primeira, e talvez uma das mais importantes, foi a criação de máscaras para registro das informações que seriam coletadas, no formato *Excel*. Posteriormente, esses dados seriam importados para o *software* de análise SPSS. Uma vez definida e ajustada a ferramenta de registro das

informações, o passo seguinte era a escolha de “termos de buscas” para que a localização das produções ocorresse de forma padronizada. Escolhemos a palavra “futebol” como o referido termo, desde que estivesse presente no título, resumo ou palavras-chave desses trabalhos. Definida essa parte, restava, portanto, organizar justamente os ambientes de busca.

Para a linha 1, os periódicos encontrados no Primeiro Levantamento já foram incluídos na pesquisa e os novos trabalhos foram selecionados no sítio virtual da CAPES, na sessão *WebQualis*, levando em consideração os seguintes critérios:

- a. Estarem classificados nos estratos A1, A2, B1 ou B2 em pelo menos duas áreas pertencentes às ciências humanas e sociais;
- b. Serem de editoração brasileira; e
- c. Serem publicados em idioma português-brasileiro.

Na linha 2, a busca por Teses e Dissertações também foi realizada no sítio virtual da CAPES, em seu Banco de Teses. No entanto, à época da pesquisa, o banco de dados encontrava-se desatualizado. Os integrantes da linha entraram em contato com a CAPES solicitando a atualização dos dados. Feito isso, as produções entre os anos de 1980 e 2015 foram enviadas para o correio eletrônico do grupo, enquanto os trabalhos publicados no ano de 2016 foram coletados por meio da Plataforma Sucupira.⁴

No que tange à linha 3, houve uma particularidade quanto ao termo de busca. Foi utilizada a palavra-chave “esporte” no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. No entanto, ainda havia dúvidas se as informações prestadas pelos grupos no Diretório estavam atualizadas. Por isso, foi enviado um questionário digital para cada um deles através do *Google Forms* para preenchimento e, se fosse o caso, atualização desses dados.

Por fim, e não menos importante, o eixo 4 realizou a busca de livros nas bibliotecas virtuais das seis melhores universidades brasileiras, de acordo com o ranking desenvolvido pela *Shanghai Ranking Consultancy*⁵, em 2016. Além desses espaços, realizamos também o levantamento da produção acadêmica vinculada à Rede CEDES, financiadora do presente estudo, por meio do Repositório Institucional Vitor Marinho.

Realizada toda essa sistematização, cada linha de pesquisa tinha a liberdade de definir seu *modus operandi* de trabalho. E assim foi ao longo dos anos de 2016 e 2017: cada grupo realizava concomitantemente o levantamento das produções e o lançamento das informações bibliométricas – título, autores, local de publicação, tipo de trabalho, entre

4. O processo de coleta de dados dos trabalhos *stricto sensu*, teses de doutorado e dissertações de mestrado, incluindo mestrado profissional, foi iniciado em meados de 2016, período em que o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) ainda migrava os trabalhos para uma nova ferramenta acadêmica, a Plataforma Sucupira.

5. Entre 2003 e 2008, a Universidade de *Jiao Tong*, de Xangai (China) disponibilizava anualmente o *Ranking* das melhores Universidades do Mundo. Desde 2009, a *Shanghai Ranking Consultancy* tem feito a atualização desse ranking.

outros –, nos arquivos de controle (Excel/SPSS). Devidamente lançadas, essas produções passavam por uma minuciosa análise com o objetivo de identificar se, de fato, a temática futebol era o objeto de estudo.

Feitos os lançamentos dos dados, entramos no processo de categorização das produções levantadas ao longo dos dois anos de pesquisa. Momento de reunião dos integrantes dentro de suas linhas para realização da leitura do título e do resumo dos trabalhos, com o objetivo de identificar em quais temáticas cada obra se enquadraria. Normalmente, essas reuniões eram feitas na própria sala do GEFuT e na presença dos integrantes de várias linhas. Foi justamente nesses momentos que surgiram diversas categorias e subcategorias⁶. Uma vez analisadas e, posteriormente, categorizadas – em uma ou mais categorias/subcategorias –, foi possível gerar gráficos e tabelas, facilitando assim a análise descritiva do Segundo Levantamento.

Foram, ao todo, quase três anos de pesquisa e o resultado dessa empreitada acadêmica foi interessantíssimo. De forma bruta, identificamos 371 artigos científicos, 959 teses e dissertações, 831 livros, além de 74 grupos de pesquisas. A partir dos dados obtidos, foi confeccionado um Relatório Final e enviado à Rede CEDES, sendo disponibilizado tanto pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro, do Museu do Futebol⁷ quanto pela página do Ludopédio⁸. Ainda sobre os dados, para além do referido documento, destacamos a publicação de Souza *et al* (2019), que realizaram uma análise descritiva dos dados, comparando-os com os resultados encontrados no Primeiro Levantamento. Essas e outras publicações dão acesso à comunidade não só aos resultados, mas propõem discussões acerca dos estudos sobre o futebol.

Novidade em relação ao Primeiro Levantamento, a linha 3 analisou os grupos de pesquisa fundados entre os anos de 1980 e 2016, motivada pela possibilidade de compreender o cenário científico no país, bem como analisar as redes de diálogo e articulação que podem ser formadas por estudiosos. Um dado relevante desta pesquisa foi a constatação do aumento no surgimento de grupos a partir do ano de 2010, o que possivelmente é explicado pela proximidade dos megaeventos realizados no Brasil, gerando um crescimento do interesse pelo tema futebol e a criação de polos de pesquisa científica sobre o tema.

6. As seguintes categorias foram criadas a partir do conteúdo analisado: 1. Agremiações; 2. Atletas de Futebol; 3. Entrevista; 4. Espetáculo Esportivo; 5. Estádio; 6. Estudo Histórico; 7. Estudo Literário; 8. Futebol de Várzea; 9. Gênero; 10. Iconografia; 11. Identidade; 12. Jogos Virtuais; 13. Lazer; 14. Legislação; 15. Linguística; 16. Literatura; 17. Mídia; 18. Outros Temas; 19. Pedagogia do Futebol; 20. Política; 21. Psicologia do Esporte; 22. Regras; 23. Resenha; 24. Violência; 25. Biografia.

7. Disponível em <<https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/743701/>>. Acesso: 22 ago 2022.

8. Disponível em <<https://ludopedio.org.br/biblioteca/levantamento-e-analise-do-desenvolvimento-da-producao-e-do-estudo-sobre-o-futebol-1980-2016/>>. Acesso: 26 set 2022.

Para além dos resultados, um desafio como foi o Segundo Levantamento demonstra a importância de grupos de estudos para a realização de pesquisas, sejam elas individuais e/ou coletivas. Nessa perspectiva, o GEFuT, através das suas intervenções no campo acadêmico, destaca-se como uma importante escola de pesquisa que proporciona um aprendizado fundamentado na interação entre os seus integrantes nos mais diferentes níveis. É a partir dessas interações que se compartilham experiências, conhecimentos e vivências que são significativos e que ajudam a consolidar o tema futebol na academia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois levantamentos bibliográficos conduzidos pelo GEFuT, um na década de 2000 e um na de 2010, constituíram-se em importantes marcos tanto para o próprio grupo e seus pesquisadores e estudantes, quanto para o campo do futebol nas ciências humanas e sociais no Brasil. Geraram inúmeras aprendizagens e desdobramentos interessantes para a pesquisa, a extensão e o ensino ligados ao grupo, assim como propiciaram elementos para que pesquisadores e gestores públicos de todo o país pudessem conduzir debates e ações relacionados ao futebol de forma ainda mais rica.

Nada mais justo, portanto, que os Levantamentos ganhassem um capítulo na presente obra, que conta a história do GEFuT. História esta em que os Levantamentos se revelam processos e produtos muito significativos para o grupo, trazendo elementos de diversidade e de melhor compreensão dos meios de produção acadêmica. Dialogam e conectam-se com várias iniciativas e ações do GEFuT nos momentos de realização de cada Levantamento e também nos anos seguintes a cada um deles.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Benedito Tadeu. Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo: ou o duelo. **Dissertação**. UNICAMP. 1981.

DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baeta; GUEDES, Simoni Lahud.; VOGEL, Arno. **Universo do futebol**. Pinakotheke.1982.

DAMO, Arlei. Bons para torcer, bons para se pensar - os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Motus Corporis**, v. 5, n. 2, p. 11-48, Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1998.

SILVA, Silvio Ricardo da; NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu. **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, 2009.

SOUZA, Adriano Lopes de; ALVES, Alexandre Francisco; ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Indiamara Bárbara da; AQUINO, Jefferson Nicássio Queiroga de; NICACIO, Luiz Gustavo; DANTAS, Marina de Mattos; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SANTANA, Thiago José Silva; SILVA, Silvio Ricardo da. Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre o futebol 1980-2016. Belo Horizonte: GEFUT, 2017.

SOUZA, Adriano Lopes; ALVES, Alexandre Francisco; ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Indiamara Bárbara da; NICÁCIO, Luiz Gustavo; DANTAS, Marina de Mattos; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SANTANA, Thiago José Silva; SILVA, Silvio Ricardo da. Levantamento e Análise do Desenvolvimento da Produção e do Estudo Sobre o Futebol 1908 - 2016. IN: COUTO, Ana Cláudia Porfírio; SILVA, Luciano Pereira da; ROQUE, Camila Evelin; ALVES, Glauce Teixeira (Orgs). **Políticas Públicas de Esporte e lazer: Centro MG da Rede CEDES**. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019.

O FUTEBOL NO CAMPO DA HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES DO GEFUT ENTRE OS ANOS DE 2010 E 2017

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Georgino Jorge Souza Neto

INTRODUÇÃO

Ao longo de uma década e meia, o Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) tem capitaneado uma série de investimentos acadêmicos tendo como objeto central de interesse o futebol e o torcer na seara das Ciências Sociais e Humanas. No desenvolvimento de seus estudos, uma vasta produção científica veio à baila, publicizando o esforço de seus integrantes em livros, capítulos de livros, artigos, teses e dissertações. Neste capítulo, apresentaremos uma espécie de macro-resenha das teses e dissertações que trataram do futebol e do torcer na perspectiva histórica, pois acreditamos que estes trabalhos representam em linhas gerais o principal escopo de produção do grupo, daí derivando as demais reflexões e publicações neste sentido.

Assim, dividimos esta abordagem em quatro subcapítulos, destacando cada uma das duas dissertações e das duas teses que tematizaram a perspectiva historiográfica, procurando fazer um escrutínio dos principais apontamentos e contribuições que estas investigações fizeram emergir. Por ordem cronológica, o primeiro subcapítulo apresenta o trabalho intitulado “A Invenção do Torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)”, dissertação de autoria do pesquisador Georgino Jorge de Souza Neto, que buscou investigar os primeiros movimentos de constituição do torcer na cidade de Belo Horizonte, ao longo das três primeiras décadas do século XX, período inicial do desenvolvimento deste esporte na capital mineira. Em seguida, o pesquisador Rogério Othon Teixeira Alves elabora sua dissertação “A Lucta dos Titans: a invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália (1921/1942)”, cujo objetivo foi compreender o nascedouro da principal rivalidade clubística de Minas Gerais, identificando elementos que atuaram na forja deste sentimento rival. A tese de doutorado da pesquisadora Sarah Teixeira Soutto Mayor corresponde ao nosso terceiro subcapítulo. No trabalho nominado “O Futebol na Cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940”, a autora procura elucidar como se deu a transição entre os

períodos do amadorismo e do profissionalismo em Belo Horizonte, não só no cenário local, mas também na interface comparativa com outros espaços, notadamente Rio de Janeiro e Buenos Aires. Por fim, no quarto subcapítulo, o autor Georgino Neto desenvolve a sua tese de doutoramento analisando o contexto histórico de surgimento dos principais estádios de futebol belorizontinos no decorrer do século XX, período em que estes foram erguidos na paisagem cidadina. Este trabalho é intitulado “Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada”, e tem o seu recorte temporal destacado entre os anos de 1904 a 1965.

A INVENÇÃO DO TORCER EM BELLO HORIZONTE: DA ASSISTÊNCIA AO PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO (1904-1930)

A centralidade desta pesquisa esteve na proposição de compreender como as torcidas de futebol constituíram-se em uma vivência de divertimento, passando de uma “assistência de uma novidade sportiva” para uma paixão clubística. Para tanto, foi preciso localizar o momento histórico da ocorrência desta prática, bem como caracterizar o espaço que ela ocupou na dinâmica social da cidade de Belo Horizonte. Como apontado por diversos estudos, a construção planejada da cidade de Belo Horizonte representou a tentativa de instauração de uma nova mentalidade, menos provinciana e atrelada a aspectos da modernidade. Conforme apontado por Silveira (1996), Belo Horizonte deveria ser a síntese de uma “capital dos sonhos”. No entendimento dessa autora, a construção da Capital indicava a vitória do progresso, da razão e da inteligência. Uma grande cidade com grandes possibilidades, voltada para o futuro, o desenvolvimento, o moderno, o cosmopolita.

Assim, o embate entre as práticas tradicionais e o moderno refletia uma cidade em constante ebulição. Neste sentido, as primeiras décadas do século XX apontaram fatos que constituíram a elaboração das principais problematizações norteadoras do trabalho, tais como: que representações poderiam ser construídas a partir da análise do desenvolvimento da cidade de Belo Horizonte e a formação das torcidas de futebol? Como as torcidas de futebol, na perspectiva de ocupação do tempo, cumpriram uma expectativa específica? Em que momento e de que forma ocorreu a passagem da assistência a um jogo de futebol, para o pertencimento clubístico?

Metodologicamente, a opção delineada fundamentou-se nas fontes escritas, em especial os periódicos. O universo dos periódicos investigados representou um volume aproximado de 12.000 exemplares, entre jornais e revistas. Este material foi pesquisado em acervos da cidade de Belo Horizonte, sendo eles a Imprensa Oficial de Minas Gerais, o

Arquivo Público da Cidade, a Coleção Linhares, da Universidade Federal de Minas Gerais e finalmente a Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais.

Para melhor compreensão da estrutura do trabalho, o mesmo assentou-se em três eixos discursivos, demarcados temporalmente. No primeiro capítulo, que compreende o período de 1904 a 1915, o estudo concentrou-se nas primeiras manifestações da prática do futebol na cidade de Belo Horizonte, tentando localizar referências da assistência. Por conter características do processo de consolidação do esporte e do lazer na cidade, a primeira parte da pesquisa abarcou justamente o tempo que vai do advento do esporte bretão à sua afirmação, tanto como prática física quanto prática de divertimento posto notadamente na plateia. Afirmação esta marcada pela fundação da Liga Mineira de Sports Athleticos e de um campeonato mais consistente e organizado. No segundo momento, a pesquisa pretendeu explorar a efetivação do torcer, possibilitado pela formação das torcidas e do surgimento de um comportamento específico dos sujeitos que habitavam o entorno dos campos de futebol. A constituição das “rodas sportivas” permitiu a inauguração de uma prática de divertimento singular, dotada de significados e sentidos próprios. Este período é delimitado pelos anos de 1916 a 1925. Além de, coincidentemente, representar o espaço de tempo que estabelece o decacampeonato do America Foot-Ball Club, esta definição temporal justificou-se pela manutenção sistemática de um campeonato da cidade/Estado, bem como por ter construído a identidade de clubes da cidade com os seus habitantes. Neste aspecto, o processo de identificação ocorreu, dentre outros fatores, pelo aumento sistemático dos *matches* intermunicipais e interestaduais, em partidas que os clubes da Capital enfrentavam as equipes de outras cidades mineiras, ou ainda quando debatiam-se com times de outros Estados. Outro tipo de confronto, que acentuou a lógica do pertencimento estava situado no enfrentamento dos selecionados representativos de cada Estado da Federação. Assim, os jogos entre o selecionado mineiro e o carioca despertavam, em especial, a atenção da população e permitiram a sedimentação de um sentimento rival, no sentido unilateral de Minas Gerais para o Rio de Janeiro. Por fim, o terceiro capítulo discute os primeiros desdobramentos das torcidas, trazendo à tona a figura central do torcedor, como um sujeito determinante no processo de desenvolvimento do futebol na Capital. O fortalecimento da noção de diversão, espetáculo, consumo e a recorrência dos comportamentos desviantes (principalmente percebido nos *sururus*), a partir do forjamento do pertencimento e da paixão clubística, são notados em acontecimentos marcantes, como os concursos “A Rainha dos Sports” e o “Concurso Monroe”, a inauguração de estádios condizentes com um padrão moderno, o surgimento de grandes rivalidades e de uma tentativa mais contundente do estabelecimento de uma “educação para o torcer”. Toda esta efervescência pôde ser

registrada nos anos finais da década de 1920, mais especificamente no período que abrange de 1926 a 1930.

A LUCTA DOS TITANS: A INVENÇÃO DA RIVALIDADE ENTRE CLUBE ATLÉTICO MINEIRO E A SOCIEDADE SPORTIVA PALESTRA ITÁLIA (1921 – 1942)

A proposta deste estudo foi compreender a construção histórica da rivalidade nos jogos entre o Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália, na cidade de Belo Horizonte, de 1921 até 1942. Procurou-se entender como se teceu essa rivalidade e como a fundação dessas equipes de futebol modificou o espaço e a dinâmica da cidade. Por se tratar de um estudo histórico, a pesquisa fundamentou-se, principalmente, nos estudos de modernidade de Nicolau Sevcenko e nos trabalhos que, de alguma forma, tiveram o futebol e a cidade de Belo Horizonte como tema de investigação. Tais estudos foram os de Euclides Couto, Georgino Souza Neto, Letícia Julião, Rodrigo Moura, Raphael Rajão, Marilita Rodrigues e Kellen Vilhena.

Os jornais se constituíram como principal fonte de pesquisa, trabalhando-se com periódicos da temporalidade pretendida e de anos anteriores no intuito de subsidiar a construção do texto. Ao final, 231 reportagens jornalísticas foram utilizadas. Tais documentos foram encontrados no Arquivo da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, na Coleção Linhares da Universidade Federal de Minas Gerais e na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Luiz de Bessa. Percebeu-se que o crescimento exponencial dos espectadores nos seus jogos, a expectativa pré-jogos trazida pelos jornais e, principalmente, o relato dos jogos, subsidiaram o entendimento para qualificar essa partida como um clássico do futebol de Belo Horizonte. Neste sentido, é possível compreender que os jogos de futebol foram um dos espaços encontrados para o povo se aglomerar e socializar. Com o tempo, a simples assistência das arquibancadas evoluiu para o pertencimento clubístico, e esses torcedores tiveram nas camisas do Atlético e do Palestra um dos representantes da rivalidade local.

Procurou-se observar as minúcias que cada jornal expôs sobre o surgimento e acirramento da rivalidade entre o Atlético Mineiro e o Palestra Itália em cada um dos seus jogos e, paralelamente a isso, percebemos o declínio do América F.C., time de maiores conquistas nos primeiros anos do recorte da pesquisa. Dentre amistosos e partidas oficiais, encontramos registros de 79 jogos entre os primeiros times do Atlético Mineiro contra o Palestra Itália. E, observando os acontecimentos que mais marcaram a histórias desses jogos, foi possível identificar quatro grupamentos de jogos que melhor caracterizaram o período: 1- de 1921 a 1925 (oito jogos), período ainda amador e finalizado com a tradução oficial do nome Societé Sportiva Palestra Italia para Sociedade Sportiva Palestra Italia

e aceitação de jogadores brasileiros em seu plantel; 2- de 1926 a 1933 (17 jogos), anos que precederam a oficialização do profissionalismo em Belo Horizonte, período semiprofissional; 3- de 1934 a 1937 (23 jogos), domínio do futebol do interior. Depois de implantada a profissão de futebolista, surgiram duas novas forças no futebol mineiro, o Villa Nova (campeão 1932/33/34/35) e Siderúrgica (campeão 1937), mas que não se sustentariam no auge; 4- de 1938 a 1942 (31 jogos), hegemonia atleticana. O Palestra Itália (campeão de 1940) mudaria de nome três vezes. Seria definido Cruzeiro Esporte Clube em 1942, pressionado pelo envolvimento do Brasil contra a Itália na Segunda Grande Guerra Mundial.

Assim, este trabalho está organizado em três capítulos. O capítulo 1 trata do planejamento e da construção da modernizadora Belo Horizonte, o esporte praticado na cidade, os primeiros passos do futebol, as primeiras equipes, a sua popularização, o advento do torcedor e os primeiros sinais de rivalidade. O capítulo 2 traz a rivalidade do período ainda amador do futebol na cidade; o América como equipe a ser batida e a chegada do Palestra Itália, desafiando a tradição arraigada nas equipes do América e do Atlético. Enfim, no capítulo 3, foi trabalhada a contextualização histórica de cada período em que foram fundados o Atlético Mineiro (1908) e o Palestra Itália (1921); os primeiros ídolos, os artilheiros, os jogadores que mais atuaram no clássico, os principais relatos jornalísticos dos 79 jogos e as considerações acerca da construção da rivalidade entre Atlético e Palestra.

A cidade onde nasceram Atlético e Palestra foi a metáfora da vida moderna tão desejada no Brasil do início do século XX, cidade com suposta pujança *yanke* e de ares europeizantes. Construiu ruas largas para o movimento da *Broadway* sertaneja de Drummond; erigiu palácios à semelhança dos europeus para demonstrar sua riqueza, instalou praças e jardins para o seu morador sair das janelas de casa e desfilar a última moda de Paris na poeira das suas esquinas. A ideia da racionalidade do jeito de viver moderno na jovem Belo Horizonte recepcionou a prática de esportes como algo diferenciado para o seu povo. Como advertiu Vilhena (2008, p.41), “[...] a civilidade e o progresso deveriam contaminar a cidade, também, através das suas praças desportivas projetadas”, mas nenhum esporte desenvolveu-se como o bretão futebol. Rapidamente, o cidadão tido por civilizado viu o futebol ser apropriado pela população pobre e ser transformado num espetáculo da cidade, capaz de promover a excitação social a que o povo não estava acostumado, talvez por falta de oportunidade, no seu tempo livre.

Atlético Mineiro e Palestra Itália são dois dos maiores motivadores da vivência esportiva da Capital. Os seus jogos aconteceram no entre guerras (1921 a 1942). O primeiro, originário da juventude *smart* aristocrata da novíssima Belo Horizonte de 1908 encontrou

no segundo, clube da colônia italiana, um adversário à altura desde a sua fundação, em 1921. Já nos primeiros jogos houve interesse dos jornais e movimentaram a cidade, pois, sem cerimônias, o Palestra se pôs a disputar um espaço monopolizado por Atlético e América. Ainda na primeira década de vida, o Palestra afrontou os tradicionais e sacudiu o modelo elitista do futebol local e se tornou o principal adversário do Atlético. As glórias do passado do América ficariam para trás e, paulatinamente, os decacampeões assistiram à importância do clássico Atlético contra Palestra sobrepujar Atlético contra América. O futebol amador dos anos 1920 em Minas Gerais ainda continha uma fidalguia inerente a sua origem, mas, com a assunção popular do esporte, os jornais, que antes mantinham uma descrição rebuscada, passaram a dar ênfase mais popularesca. A assistência nobre do futebol abriu espaço, mesmo que sem querer, para as brigas generalizadas entre jogadores e torcedores. Xingamentos, superlotação dos estádios, falta de conforto, decisões duvidosas dos árbitros passaram a ser corriqueiros nas reportagens dos anos 1930 e 1940. Nem mesmo a profissionalização, nem o melhor aparelhamento dos clubes de futebol e o aparecimento de Ligas e Associações esportivas conseguiram reeducar os consumidores do futebol de Belo Horizonte. Ser torcedor oferecia a possibilidade do escape emocional sem precisar ser da alta sociedade, nem mesmo frequentar a escola. Não havia pré-requisito para ser um torcedor. E, talvez, ter uma parte do seu povo assistindo aos jogos de futebol fosse de interesse dos governantes, pois, dessa forma, estariam eles ocupados numa atividade da sua própria escolha e, teoricamente, não utilizariam seus momentos de folga planejando contra os patrões.

No Brasil do início do século XX, segundo Silva (2006, p.55), as cidades sofreram drásticas transformações, as massas urbanas perderam as formas de sociabilidade da vida cultural do país agrário anterior e fizeram surgir “[...] uma crescente demanda por uma linguagem comum e uma identidade coletiva. As práticas culturais importadas da Europa que, no princípio do século, foram exclusividade das elites, cumpriram esse papel, difundindo-se entre as multidões”. Porém, o caso de Belo Horizonte é singular; mesmo nascida da racionalidade dos projetistas, ela também se “[...] transformou no novo locus privilegiado de vivências sociais”, como afirmou Melo (2010, p.101) sobre as grandes cidades industriais pelo mundo, e o futebol logo combinou com ela tornando-se um local possível de acontecer o fenômeno da ludicidade no tempo que não pertencia ao trabalho. Se, de início o futebol era para a alta sociedade, o povo o incorporou e o reinventou, assim, ele alargou as possibilidades de lazer, onde o jogo Atlético X Palestra foi o palco principal, transformando-se no clássico de maior rivalidade da cidade.

O FUTEBOL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: AMADORISMO E PROFISSIONALISMO NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

Esta investigação objetivou analisar a história do futebol em Belo Horizonte, Minas Gerais, entre as décadas de 1930 e 1940, mais precisamente a partir do ano de 1933, momento em que o profissionalismo foi adotado na cidade. Intentou-se verificar como a implantação desse novo regime impactou o cotidiano futebolístico da cidade, por meio da análise de um marco temporal ainda pouco abordado nos estudos históricos sobre o futebol na capital mineira.

A década de 1940 recebeu especial protagonismo nesse estudo, a partir da abordagem de características peculiares àquele momento e à própria estrutura da cidade. Como método, foram pesquisados trinta e nove jornais e revistas que circularam no período, editados na cidade de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Buenos Aires (escolha que se balizou pelos próprios diálogos estabelecidos entre os três centros esportivos). Também foram consultados, em menor quantidade, arquivos pessoais e institucionais, além de relatos memorialísticos. A interpretação das fontes foi pautada pela construção de algumas categorias de análise: como “amadorismo e profissionalismo”; “modernidade, tradição, classe, cultura e civilização”; e a ideia de “campo esportivo e distinção”; todas elas atreladas à história da cidade de Belo Horizonte em sua relação com a prática esportiva. Em síntese, pôde-se constatar que o período pós-profissionalismo na capital mineira foi marcado por um cenário de intensos conflitos e mesclas envolvendo significações acerca do amadorismo e do profissionalismo que coexistiram em um plano discursivo que ora valorava a “modernidade”, ora valorava a “tradição”. Várias divisões de poder e de legitimidade conformaram campos esportivos distintivos, que após a implantação do profissionalismo, relegaram ao amadorismo um lugar periférico e desqualificado na hierarquia futebolística da cidade (o que contrastava com o crescimento exponencial dos clubes amadores em diversas localidades de Belo Horizonte).

As promessas do profissionalismo, quando de sua implementação, esbarraram-se em uma realidade concreta que criou novos desafios e novas demandas: problemas estruturais e financeiros dos clubes e a própria estrutura esportiva da cidade são alguns fatores. A efemeridade da profissão e a valorização de um corpo rentável (máquina) foram situações que impactaram mais precisamente os jogadores. Os problemas causados pela continuidade do êxodo dos atletas mineiros (um dos argumentos mais utilizados para a implantação do regime) impactaram diretamente os clubes e as tentativas de se igualar o estado às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

A compreensão do futebol em Belo Horizonte e de suas relações com o amadorismo e com o profissionalismo perpassa aspectos anteriores ao marco temporal analisado e está imbricada com a própria história da cidade. Em seu momento inicial, o futebol foi partícipe de um campo esportivo aristocrático, entretanto, sua prática rapidamente se expandiu e se deslocou dos primeiros círculos iniciais que o construíram e o legitimaram. Nos anos 1920, ele já estava presente em várias localidades da cidade, muitas delas distantes do centro urbano planejado (onde suas primeiras experiências se originaram). A presença crescente de espectadores nos estádios, oriundos das mais diversas classes sociais; a vivência do jogo nas ruas, praças e adros de igreja; a sua reverberação em bares, cafés e outros pontos de encontro da cidade são situações que demonstram o alcance social do jogo e sua popularização. Contudo, essa expansão não se construiu sem a presença de discursos contrários que propugnavam outra forma de existência para o esporte. Novas formas de segregação, de legitimação e, conseqüentemente, de distinção, criaram novos campos esportivos, em uma polarização que foi descrita nesse trabalho como formadora de um “amadorismo aristocrático” e de um “amadorismo popular”.

A pesquisa construiu, ainda, duas definições centrais para sua análise conclusiva: a primeira definição pode ser entendida como um esquema de valores que subsidiou a prática esportiva vivenciada, especialmente, pelos estratos mais abastados da sociedade, que insistiam em conferir aos esportes os objetivos elevados da formação pura amadorista, fortemente relacionados à educação moral e à vivência de valores cunhados no seio da aristocracia. A carga formativa relativa à essa vertente recaiu sobre o futebol em seus anos iniciais e, posteriormente, aos esportes denominados de especializados (como o tênis, a natação, o basquetebol e o voleibol) e ao lugar privilegiado de vivência dessas práticas; na perspectiva sinalizada, os clubes privados e as escolas. Já a segunda definição pode ser compreendida também como um esquema de valores, mas que se prestou a significar a prática esportiva que se expandiu para além de seu centro original, tanto em termos geográficos, como em termos simbólicos. Ainda que amadorista na teoria, sua vivência ousou ressignificar ou reinterpretar seus preceitos puristas fundadores, que certamente não condiziam com as expectativas, com os valores e com os objetivos dos novos personagens que se apoderaram da atividade esportiva. O futebol, a partir de sua expansão, pode ser considerado o maior exemplo dessa vertente, em função das novas características que passou a comportar com o decorrer dos anos. Pode-se dizer que o futebol vivenciou as duas vias amadoristas e que a inserção ou valorização de uma não necessariamente excluiu a outra. Em realidade, a existência de uma via é que, em grande medida, conferia sentido à outra, numa relação dialógica e paradoxal.

Um dos fatores para o futebol trilhar o caminho de um “esporte desviante”, em se tratando dos princípios propugnados para a prática esportiva quando da própria construção da cidade, foi a ocorrência do amadorismo marrom, ainda em meados da década de 1920. O desgaste dessa situação se constituiu em uma das vias explicativas para a adoção do profissionalismo, no ano de 1933, aliado a outros fatores, como a própria expansão do jogo; as disputas de poder envolvendo dirigentes de clubes (especialmente entre América e Atlético); e as influências de localidades como Itália, Argentina e a capital federal, Rio de Janeiro (que se desdobravam na necessidade de evitar o êxodo de jogadores, na consideração da lucratividade do profissionalismo praticado nesses lugares e no imperativo sempre caro à Minas Gerais de seguir os passos dos centros citadinos brasileiros julgados mais consolidados, como Rio de Janeiro e São Paulo).

Assim, o regime profissional se estabeleceu em Minas Gerais quatro meses depois da capital federal e pode-se considerar que sua rápida adesão foi produto de uma grande investida midiática, sobretudo capitaneada pelo jornal Estado de Minas e pelo Jornal dos Sports. Muitos foram os argumentos discursivos utilizados nos impressos para legitimar o novo regime em Belo Horizonte (especialmente os que se aproveitavam de estratégias comparativas com outras cidades e de dados quantitativos acerca das vantagens do profissionalismo). A institucionalização do esporte e sua nova ordem organizacional o distanciava de preceitos como o lazer e o divertimento. Embora seja possível considerar que o exercício da profissão pudesse comportar, em algum momento, características de diversão, os princípios e os objetivos que passaram a reger o novo esporte, pautados no compromisso profissional firmado pelo assalariamento, transformaram significativamente a lógica do jogo. As redes de sociabilidade também se alteraram, já que as equipes passaram a ser compostas por jogadores-trabalhadores oriundos de várias regiões do país e não mais por pessoas de um mesmo círculo social, o que ocorria, comumente, no período do amadorismo.

Segundo a autora, pode-se concluir que a década de 1940 foi marcada por inúmeras mesclas envolvendo princípios, promessas, interesses, finalidades, disputas de poder, reivindicações de legitimidade e de ganhos de distinção (BOURDIEU, 2007); situação que denota as tentativas de consolidação do novo regime, anos após a sua adoção. Pode-se constatar ainda que o campo futebolístico belo-horizontino foi claramente demarcado com a adoção do regime profissional, com diferenciações explícitas de poder entre o profissionalismo – considerado o legítimo esporte – e o amadorismo, modelo secundário, precário em sua estrutura e que apenas servia a um aporte simbólico intencionado. Ao mesmo tempo em que emergiam novos discursos, novas significações e novas lógicas

de distinção; velhos discursos, velhas significações e velhas lógicas de distinção ainda sobreviviam.

O reconhecimento de um regime normatizado de assalariamento para os jogadores é um marco comumente utilizado para descrever o advento do profissionalismo. Porém, mesmo que sua relevância concreta esteja posta, esse fato é apenas um dos elementos de uma complexa rede de acontecimentos que engendrou a nova configuração esportiva e que permaneceu no cerne de uma disputa que não se encerrou no momento de adoção do futebol profissional. O caso belo-horizontino demonstra que a década de 1940 ainda seria bastante impactada pela dubiedade das relações entre amadorismo e profissionalismo e por uma série de imbrólios, em um cenário por vezes confuso e bastante desorganizado.

Por fim, a descoberta de novas informações sobre a decisão do América F.C em mudar as cores de seu uniforme (atitude que guarda relações com o advento do profissionalismo na cidade e com os embates gestados) contribui para repensar o próprio processo de profissionalização do futebol em Belo Horizonte, além da produção de “histórias oficiais” e de mitos fundacionais, não somente em relação a este clube, mas em um contexto mais amplo de existência de outras agremiações brasileiras.

DO PRADO AO MINEIRÃO: A HISTÓRIA DOS ESTÁDIOS NA CAPITAL INVENTADA (1904/1965)

Este estudo teve por objetivo investigar o movimento e o contexto que permitiu a construção dos principais estádios de futebol na cidade de Belo Horizonte-MG, e como estes se legitimaram a partir do diálogo que estabeleceram com o seu entorno social, nos diversos aspectos (econômico, político, cultural, dentre outros). Para tanto, o período delimitado para a investigação abrangeu os anos de 1904 a 1965, por este abrigar o tempo em que estes estádios foram erguidos na paisagem belo-horizontina. Por representar uma investigação historiográfica, o estudo fundamentou-se metodologicamente em dois aportes teóricos balizadores: a História Cultural, particularmente a noção de representação, desenvolvida por Roger Chartier, e a Micro-História, notadamente o conceito de paradigma indiciário descrito por Carlo Ginzburg. Neste sentido, as fontes de pesquisa privilegiaram os periódicos. Assim, foram utilizados jornais e revistas da época, que possibilitaram a tessitura da trama proposta.

Os capítulos foram estruturados em recortes temporais específicos, a saber: a construção do Prado Mineiro e sua apropriação pelo futebol (1904-1923); os estádios que surgem na década de 1920 e que passam por importantes reformas na década de 1940, atrelados aos principais clubes da cidade (1923-1948); o estádio Independência, vinculado ao clube Sete de Setembro e importante espaço futebolístico, notadamente na sua relação

com a Copa do Mundo de 1950 (1948-1950); e por fim, o estádio do Mineirão, principal palco do futebol na cidade desde a sua inauguração até os dias atuais (1958-1965).

Os indícios apontam para a identificação de três constatações particularmente pontuais, elaboradas em categorias analíticas que apresentamos a seguir:

- **Estádios e estruturação espacial-urbanística:** Foi possível perceber a forte relação entre a construção dos estádios e a transformação da paisagem urbana em seu entorno. Neste sentido, entendemos que a presença destas estruturas é catalisadora de um fluxo de desenvolvimento no que tange à valorização imobiliária, adensamento populacional, melhorias no transporte público em função de atendimento às demandas esportivas, construção de vias de acesso para facilitar o deslocamento viário, dentre outras. No caso da cidade de Belo Horizonte, este processo fica mais evidenciado nas construções do Prado Mineiro (no início do século XX), e do Mineirão, já no começo da segunda metade do século. No que diz respeito ao Prado Mineiro, é notório a constante reivindicação (por parte dos gestores privados e também por parte dos usuários), da melhoria do sistema de transporte (“o maldito acotovelamento dos bondes cheios”) e das vias de acesso ao estádio (“o martírio da poeira do Calafate que o nariz bello-horizontino supportava a custo”). Quanto ao Mineirão, além dos fatores de melhoria urbana e viária, ainda existia a característica bastante peculiar do mesmo se situar numa região de baixa densidade populacional, com poucas estruturas de habitação, havendo por conseguinte uma intenção, por parte do poder público, do crescimento da metrópole para aquela região. Isso fica evidente na ampliação e remodelação da avenida Antônio Carlos, além da construção de novas avenidas e vias de acesso, a exemplo das avenidas Catalão (Presidente Carlos Luz) e Abraão Caram. Além disso, o Mineirão se integra, urbanisticamente, ao projeto desenvolvimentista planejado por Juscelino Kubitschek, contribuindo para o adensamento populacional e sendo atrator de melhorias na infraestrutura à sua órbita.

- **Estádios e o *ethos* de modernidade:** Uma outra evidência que aparece ao longo de todo trabalho é a nítida relação existente entre a construção dos estádios e um projeto de modernidade em curso para a capital Belo Horizonte, e por conseguinte para todo o Estado de Minas Gerais. Dentre as muitas estratégias para o alcance deste intento, as práticas esportivas e de lazer ocupavam lugar de destaque. O desenvolvimento de uma cultura esportiva da cidade era sem dúvida um viés para a forja de uma identidade moderna. O primeiro estádio da cidade surge exatamente em meio a esse contexto. O Prado Mineiro é a representação de uma sociedade que se espelhava em espaços e práticas culturais atentas a um novo tempo e um novo modo de se operar socialmente. Ter um local apropriado para a prática do turfe no início do século XX era uma demonstração de pertencimento distintivo, tal qual as principais cidades da Europa e do país, todas incorporadas do espírito da

modernidade e da conseqüente ruptura com o passado eivado de práticas tradicionalistas e arcaicas. Mas o moderno sofre influxos de mudanças muito rapidamente. O que antes era adequado e considerado atual logo se vê ultrapassado e obsoleto. O estádio do Calafate já passa a ser visto como um inconveniente na paisagem da cidade. Distante do centro, com vias de acesso empoeiradas, pequena capacidade de público, pouco conforto, o Prado Mineiro é engolido por uma outra modernidade, mais potencializada, e que exigia portanto, novas demandas e necessidades. Para atendimento a este outro ordenamento, novos espaços são erguidos para abrigar os espetáculos futebolísticos. A década de 1920 é fértil neste sentido, e assiste à inauguração de três estádios, todos eles vinculados aos principais clubes da cidade (portanto, estádios privados). Muito rapidamente, todos estas estruturas passam por importantes reformas, entre as décadas de 1930 e 1940. Estes investimentos demonstram, acima de tudo, o imperativo acolhimento às exigências da modernidade, que cobrava cada vez mais espaços esportivos condizentes com a lógica do mercado (que regulava a vida moderna), ou seja, estádios maiores, mais confortáveis (com lugares diferenciados de conforto) e seguros. Embora Belo Horizonte perseguisse esse ideal de modernidade na cultura esportiva, a referência tomada à partir das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo situavam a capital mineira em situação de larga desvantagem. Com a inauguração do Maracanã e do Pacaembu naquelas capitais, a resposta da cidade é a construção do Independência (estádio privado, vinculado ao clube Sete de Setembro). Todos estes estádios representam uma virada arquitetônica e de engenharia (onde o concreto passa a ser a marca), e possuem uma estética completamente distinta (a ordem elíptica passa a ser o padrão), assumindo ares de monumentalidade e de “totens” urbanos. Ainda assim, o Independência não assume o protagonismo dos palcos futebolísticos por muito tempo. Em menos de uma década do seu surgimento, pululam projetos e falatório sobre a urgente necessidade de um novo estádio, sempre à luz (ou à sombra) do Maracanã como alusão a ser perseguida. Pela primeira vez (depois de fracassadas tentativas do setor privado), o governo do Estado toma para si a construção de uma obra de tal natureza. O primeiro estádio público de Belo Horizonte (Mineirão) teria que corresponder à portentosidade que vigorava pós década de 1950, com o nacional-desenvolvimentismo dando as cartas e uma nova modernidade (técnica e tecnológica) bem demarcada.

- Os estádios e a política: Um outro entendimento possível (e provavelmente o mais importante deles), diz respeito ao profundo entrelaçamento das construções do estádio com o campo da política local. Em todos eles o envolvimento (ora mais escamoteado e sutil, ora mais aberto e explícito) da classe política se mostrou contundente. Certamente, a noção de lucro político em investimentos (pessoal e econômico) no contexto esportivo permeava o emergir de interesses bastante demarcados. O Mineirão representou a investida pública,

por parte do Estado, em um projeto de construção de estádio. Fruto de uma demanda social (notadamente dos esportistas da cidade, mas extrapolando este grupo), um estádio à altura do Maracanã passa a ser obsessão da população da cidade. Existia, naquele momento, um sentimento de inferioridade quanto aos principais centros urbanos do país, e a construção de um estádio que alcançasse o status de monumento era tido como algo crucial na superação deste sentimento. A grandiosidade do alcance de tal intento foi perseguida por muitas iniciativas privadas, ligadas à clubes ou à entidades, mas nenhuma delas foi capaz de prosseguir adiante com os projetos apresentados à comunidade belo-horizontina. Novamente, e desta feita do forma mais incisiva, a atuação política foi determinante. O Deputado Jorge Carone percebe a possibilidade de levar adiante, via investimento do Estado, a concretização de um estádio monumental. Ao apresentar um projeto de Lei para a Assembleia Legislativa, e cooptar o apoio do governador à época, Bias Fortes, Carone vê o seu projeto transformado em Lei e o estádio ganha ares de realidade, com subsídio de parte dos recursos da Loteria Estadual assegurando a sua continuidade. A vinculação de Carone é tão forte com o estádio estadual que, ao se lançar candidato à prefeito de Belo Horizonte em 1962, associa as adiantadas obras da nova praça esportiva como plataforma principal em sua propaganda política. O mesmo seria eleito para o mandato de 1963/1966.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando recebemos o convite para a escrita deste capítulo sabíamos do desafio hercúleo que se apresentava à nossa frente. Condensar 919 páginas de dissertações e teses em apenas 15 laudas não é definitivamente algo fácil. Dito isso, esclarecemos que a ideia que norteou a escrita deste texto foi a de um sobrevoo panorâmico sobre as produções historiográficas elaboradas pelo GEFuT ao longo de quase uma década. Neste sentido, recomendamos vivamente que os trabalhos abordados aqui sejam acessados em sua íntegra, para maior e melhor apropriação do que foi construído pelos autores/autora.

Em linhas gerais, é possível destacarmos que as pesquisas históricas do grupo abordaram centralmente questões como “história do torcer”, “história da rivalidade”, “história do amadorismo/profissionalismo” e “história dos estádios”, todas estas tendo espaço protagonista a cidade de Belo Horizonte.

Em conjunto estas investigações dialogam entre si, estabelecendo (ainda que em tempos distintos) uma conexão entre suas análises e conclusões. O exercício historiográfico demanda um esforço bastante peculiar de construção, notadamente ao protagonizar o futebol e o torcer, objetos que vêm merecendo maior atenção deste campo

apenas recentemente (em Belo Horizonte podemos afirmar que este movimento se inicia na segunda metade da primeira década dos anos 2000).

Assim, entendemos um duplo arranjo neste processo: por um lado, estudos que contribuíram para uma compreensão mais ampliada do futebol e do torcer no campo histórico; por outro lado, a imperiosa necessidade de novos trabalhos que alcancem outros olhares/espacos/temas que se debrucem sobre estes objetos em sua perspectiva historiográfica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rogério Othon Teixeira. A Lucta dos Titans – A invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália: 1921 - 1942. 2013. 182 f. **Dissertação** (Mestrado em Estudos do Lazer) - Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção. Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. **Tese** (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 358 p. 2017.

MELO, Victor Andrade de. O lazer e a modernidade: representações. In: MELO, Victor Andrade de (org). **Lazer: olhares multidisciplinares**. Campinas: Alínea, 2010.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. O sonho de uma petite Paris: os cafés no cotidiano da capital. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 132.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. A invenção do torcer em Belo Horizonte: Da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). 2010. **Dissertação** (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 130 p. 2010.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Do Prado ao Mineirão: A história dos estádios na capital inventada. **Tese** (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 243 p. 2017.

VILHENA, Kellen Nogueira. Entre “sãos expansões do espírito” e “sarrilhos dos diabos”: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895 – 1922). **Dissertação** (Mestrado em Estudos do Lazer) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG, Belo Horizonte, 2008.

OS TEMPLOS DO TORCER: O PERCURSO DO GEFUT NAS PESQUISAS SOBRE OS ESTÁDIOS

Priscila Augusta Ferreira Campos

Christian Matheus Kolanski Vieira

A proposta desse capítulo é narrar o movimento de pesquisas que envolveram/ envolvem os estádios de futebol, ao longo dos 16 anos do GEFuT. Trazer à tona memórias dessa caminhada é lembrar de nuances, acontecimentos, sentimentos que vão muito além do que está escrito. É também fazer escolhas sobre o que escrever e como escrever os fatos. Afinal, segundo Pollak (1989), as memórias estão dotadas de simbolismos e significados, além disso, existem distintas motivações para que se digam ou se omitam os fatos e experiências vividas, entre elas, a ausência da percepção de que determinada informação seja relevante. Por outro lado, Pollak (1989) também afirma que nenhum grupo social e/ou instituição é infundável, entretanto, suas memórias podem sobreviver, se perpetuando.

Ponderamos que tanto a memória sobre as narrativas quanto a história em si não são lineares¹. Esse percurso é dinâmico, de concretude cotidiana, fruto das tomadas de decisões coletivas e individuais que envolvem diálogos, debates, rupturas, aprendizagens. Vale ressaltar, contudo, que fizemos a opção por uma narrativa linear, isto é, o tempo e os personagens serão apresentados em sequência cronológica, estabelecendo o início, o meio e o fim da narrativa. Entendemos que seria mais didático dessa forma.

A primeira pesquisa em estádios do GEFuT foi o Projeto Observatório do Torcedor, internamente conhecida como “Pesquisa EDT²”, em 2006. Encomendada pelo Ministério do Esporte, via Secretaria Nacional de Esporte e Lazer (SNEL), a pesquisa tinha como objetivo verificar o cumprimento do recém implementado Estatuto de Defesa do Torcedor (BRASIL, 2003) no Mineirão. O instrumento de coleta de dados era verificativo, isto é, necessitava, apenas, marcar se os itens propostos estavam sendo cumpridos ou não. Porém, para um grupo que se propôs a estudar o fenômeno do torcer no âmbito das ciências humanas e sociais, esse instrumento era inapropriado. Sendo assim, o GEFuT, nessa época composto por Silvio (coordenador) e os estudantes de graduação Luiz Nicácio, Marcos Melo, Thiago Santana, Mauro e Yuri, propôs uma alteração no questionário de coleta de dados de modo

1. Para aprofundamento sobre a questão do tempo na história, consultar TURINI, Leide. A crítica da história linear e da ideia de progresso: um diálogo com Walter Benjamin e Edward Thompson. *Educação e Filosofia*, v.18, n.35/36, jan./dez., 2004, pp.93-125.

2. EDT sigla de Estatuto de Defesa do Torcedor.

que abrangesse, também, perguntas de caráter qualitativo para que se pudesse ouvir a opinião dos torcedores sobre os itens averiguados, como, também, analisar a sensação de segurança do torcedor dentro e fora do estádio nos momentos que antecedem a partida, durante a partida e ao final da partida³. Como era uma pesquisa de verificação, entendemos que havia a necessidade de estar dentro do Mineirão e, para isso, entramos em contato com a Federação Mineira de Futebol para que nos concedesse credenciais de acesso ao estádio em dias de jogos. De fato, esse movimento foi o principal diferencial do GEFuT em relação aos outros grupos que também estavam envolvidos nesse Projeto. Além disso, participar do Observatório do Torcedor e estar presente no estádio nos abriu a possibilidade para o surgimento de outros temas de pesquisa.

Um desses temas foi a mulher torcedora. Durante as reuniões do grupo, os textos lidos mostravam o torcer como um fenômeno hegemonicamente masculino, mas, e as mulheres presentes no estádio, quem eram, como se relacionavam com o clube e com o estádio? Esses questionamentos levaram ao primeiro trabalho do grupo que tinha o estádio como foco. Trata-se da dissertação de Priscila Campos (2008 – 2010) que tinha como objetivo conhecer o perfil sociológico das mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, presentes no estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão –, Belo Horizonte/MG, e a relação estabelecida por elas com o Clube e com o estádio (CAMPOS, 2010). De caráter exploratório descritivo, foram aplicados 443 formulários para traçar o perfil sociológico das torcedoras presentes no Mineirão e, para compreender a relação com o Clube e com o estádio, foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas.

Foi um trabalho duplamente pioneiro: 1) focar nas mulheres torcedoras e 2) focar no estádio (e isso se tornou mais relevante com a reforma que ocorreu no Mineirão para a Copa do Mundo em 2014). Chegar a essa quantidade de formulários aplicados só foi possível com o engajamento de grande parte do grupo (Luiz Nicácio, Marcos Melo, Carlos Eduardo Munaier, André Gomes, Felipe Abrantes, Luiz Braga, Thiago Santana) e com a entrada ao estádio franqueada. Dessa vez, a parceria foi feita diretamente com o Cruzeiro Esporte Clube e, nos dias de jogos da equipe, recebíamos as credenciais que davam acesso aos setores da arquibancada situados no anel superior. Durante a coleta, vários momentos chamaram a atenção e merecem registros, dentre eles: a tentativa de contar as mulheres presentes no estádio, as diferentes estratégias dos homens pesquisadores para acessar as mulheres torcedoras, os jogos de cintura dos atleticanos para a coleta de dados com a torcida do Cruzeiro, os jogos a noite e com baixo público e, o tratamento “diferenciado” da polícia militar com cada um dos membros da equipe em um dia de clássico.

3. Nesse momento, não iremos nos aprofundar nessa pesquisa por entender que o Capítulo 7 desse eixo já a contempla.

Por meio das falas das torcedoras, bem como as análises, a pesquisa concluiu o quão (in-)tensa é a relação da torcedora com o estádio. Ao mesmo tempo em que buscam o seu espaço, acabam reforçando normas sociais existentes. Ao adotar como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unívoca do que é ser uma torcedora dificultando a sua apropriação e inserção legítima nesse espaço e desconsiderando que existem (CAMPOS, 2010).

Em 2009, Belo Horizonte foi eleita como uma das cidades-sedes da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014. Esse megaevento trouxe um *frenesi* em todas as áreas da sociedade, inclusive para a academia (DAMO, 2012). O tema não passou incólume pelo GEFuT. Indagações sobre a forma de organização Copa do Mundo em Belo Horizonte, as expectativas da população belo-horizontina em relação à Copa, a formulação de políticas públicas de esporte e lazer e também os impactos nos estádios Mineirão e Independência, levaram Carlos Eduardo Lages (2010 – 2012) a desenvolver a sua pesquisa de mestrado.

Dessa maneira, Lages (2012) teve como objetivo investigar os projetos Modernização do Mineirão, Mobilidade Urbana e Estádios Alternativos do Planejamento Estratégico Integrado constituído pela Prefeitura de Belo Horizonte e pelo Governo de Minas Gerais, quanto as suas concepções de políticas públicas de esporte e lazer e participação popular, bem como analisar as ações inscritas nos projetos que pudessem influenciar/alterar as vivências de esporte e lazer dos belo-horizontinos. Para tanto, fez análise dos documentos norteadores à luz da análise de conteúdo e entrevista semi-estruturada com seis gestores públicos envolvidos no processo. Foi uma pesquisa desafiadora pelas inúmeras negativas recebidas ao pedido de entrevistas.

A principal contribuição dessa pesquisa foi registrar o que os gestores públicos pensavam e formulavam sobre os megaeventos esportivos, as políticas públicas de esporte e lazer e a modernização do Mineirão. O estudo de Lages (2012) concluiu que nos projetos “Modernização do Mineirão” e “Estádios Alternativos”, as modificações empreendidas poderiam influenciar/modificar nas vivências de esporte e lazer da população belo-horizontina nestes espaços e no entorno. Além disso, enfatizou que havia pouca compreensão dos gestores envolvidos sobre as concepções de políticas de esporte e lazer, apresentando uma concepção de lazer mais próxima àquela mercadológica e/ou relacionada ao assistencialismo, bem como o entendimento que o Mineirão poderia se transformar em um “Novo Eldorado”.

Para se adequar às determinações da FIFA e oferecer modernidade e conforto aos seus usuários, o principal palco do futebol mineiro, o estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão – ficou fechado por dois anos (2010-2012). com isso, os clubes de Belo Horizonte mandaram seus jogos para outros estádios. Um dos que recebeu uma quantidade grande

de jogos foi o Estádio Independência, também localizado em Belo Horizonte, pertencente ao América Futebol Clube. Sendo assim, um dos questionamentos que suscitaram a pesquisa de Marcos Melo (2011-2013) diz respeito sobre as relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo Estádio Independência.

Para tanto, Melo (2013) fez incursões às partidas de futebol realizadas no estádio Independência, tendo o América Futebol Clube, o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube como mandantes ao longo do segundo turno do Campeonato Brasileiro das Séries A e B de 2012. Como não foi conseguido credenciais de acesso ao estádio, a coleta de dados se deu em seu entorno, novamente, com a participação de boa parte do grupo (Luiz Nicácio, Felipe Abrantes, André Gomes, Priscila Campos, Tiago Silva, Thiago Silveira, Luiz Braga, Jeferson Nicásio). Como resultado, no que diz respeito à relação do torcedor com o estádio, encontrou que os americanos tem grande orgulho do Independência; os torcedores do Atlético, por sua vez, aceitam bem o Independência como palco dos jogos do clube, já os cruzeirenses não se identificam com o Independência. Por outro lado, os torcedores dos três times aprovaram a reforma desse estádio e concordam serem a localização e a modernidade os principais pontos positivos do novo Independência, ao passo que o estacionamento e a visibilidade do jogo foram apontados como os principais aspectos negativos (MELO, 2013).

Um fato a ser dito é que, até esse momento, não tínhamos a consciência que existia um campo de estudo sobre estádios, tanto que parte do referencial teórico utilizado nesses trabalhos eram majoritariamente da sociologia, antropologia e políticas públicas. O conhecimento sobre esse campo de estudo ocorreu durante a banca de defesa de dissertação de Marcos Melo, em 2013, quando o professor Bernardo Buarque de Holanda, durante sua arguição, citou a obra de John Bale e a tese de Martin Curi sobre o Engenhão (Estádio Olímpico Nilton Santos)⁴.

O grupo ficou curioso e atento em relação ao referencial teórico apresentado. Nessa esteira, junto com John Bale, chegamos às obras de Christopher Gaffney e Gilmar Mascarenhas, três pioneiros pesquisadores da geografia urbana que levaram os seus estudos para o campo esportivo tendo o estádio e a cidade como objeto de estudo.

Durante esse período, a discussão sobre a realização da Copa do Mundo no Brasil e as transformações e hiper mercantilização dos estádios estavam em evidência. Esse fato contribuiu para que Gilmar Mascarenhas fosse convidado a palestrar no I Simpósio Internacional Futebol, Linguagens, Artes, Cultura e Lazer, realizado em 2013, com o tema

4. CURI, Martin. *Espaços da Emoção: arquitetura futebolística, torcedores e segurança pública*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

o direito ao estádio. Talvez seja esse o momento em que, oficialmente, o GEFuT tenha assumido uma agenda de pesquisas sobre o estádio. A parceria com Gilmar também culminou em algumas bancas de defesa de trabalhos de pós-graduação, palestras e participação em outros eventos.

Em dezembro de 2012, depois de dois anos fechados para as obras de adequação às normativas da FIFA, ocorreu a abertura do “novo Mineirão”. Esse evento se investiu de significados simbólicos, uma vez que inaugurava uma “nova educação” para o torcer. A nova reestruturação dos espaços dedicados à torcida, materializado na retirada do espaço da geral e a inserção de cadeiras numeradas em todo o estádio, indicava uma possível reorganização dos modos de se assistir às partidas nos estádios do Brasil a serem utilizados para Copa. Observamos que nesse tempo/espaço vinha sendo forjada uma nova subjetividade sobre o torcer. Neste sentido, duas pesquisas ocorreram concomitantemente tentando registrar esse momento de constituição do “novo” e tendo o estádio Mineirão como objeto de análise.

Uma delas foi a pesquisa intitulada “Percepções e manifestações do torcedor mineiro sobre o “Novo Mineirão” que teve como objetivo analisar as percepções e manifestações do torcedor mineiro, diante das mudanças ocorridas no estádio Governador Magalhães Pinto - Mineirão, após a sua reforma. Esse projeto foi desenvolvido no período entre 2013 a 2015 para acompanhar as manifestações e percepções dos torcedores presentes no Mineirão antes, durante e após a Copa do Mundo, ela envolveu todo o grupo.

Para darmos conta dessa demanda, fizemos uma escala de trabalho⁵ para acompanhar todos os jogos realizados no Mineirão tendo as equipes de América, Atlético e Cruzeiro como mandantes durante esse período. Para acessar o estádio, fizemos uma parceria com o Consórcio Minas Arena que nos forneceu as credenciais necessárias, em contrapartida, ao final de cada ano da pesquisa, apresentávamos os resultados coletados.

Ao longo desse período, envolvendo 19 pesquisadores e pesquisadoras de quatro Instituições de Ensino Superior brasileiras (Universidade Federal de Minas Gerais/ UFMG; Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP e Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP) envolvidos com o GEFuT, estivemos presentes em 80 jogos e aplicamos 1663 questionários. De maneira geral, os dados apontaram que os torcedores aprovaram a reforma do Mineirão, principalmente nos quesitos banheiro, segurança e conforto. Entretanto, reclamaram da qualidade do tropeiro e dos preços praticados dentro do estádio.

5. Ao longo desses três anos fizeram parte da equipe de coleta de dados: Bruno Abrahão; Frederico, Christian Vieira, Marina Mattos, Erick Ferreira, Plínio, Priscila Campos, Thiago Silveira, Rubio, João Paulo, Adriano Lopes, Amarildo Silva (Bill), Alexandre, Jefferson Nicácio, José Aelson Júnior)

Durante esse período, vivenciamos momentos ímpares dentro do Mineirão, dentre os quais, a visita técnica ao Museu Brasileiro do Futebol e a ida à partida realizada entre Cruzeiro e Botafogo, em 2013, durante o I Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer que contou com a presença de amigos/as e pesquisadores/as de referência no futebol em âmbito nacional⁶ e internacional; a dupla conquista do Campeonato Brasileiro pelo Cruzeiro nos anos de 2013 e 2014, e a vitória na Libertadores do Atlético em 2013.

Concomitantemente à Pesquisa Mineirão, Priscila Campos estava realizando sua pesquisa de doutorado. Teve como objetivo analisar as formas de uso e de apropriação do Mineirão, em dia com e sem jogos de futebol. Especificamente, a compreender a opinião dos usuários sobre a reforma do estádio; verificar as relações estabelecidas pelos usuários com o Mineirão, tanto em dias de jogos, quanto em dias sem jogo e comparar as formas de uso sugeridas pelo discurso oficial e a prática da população (CAMPOS, 2016). De acordo com a autora, a pesquisa de campo iniciou no momento da reinauguração do estádio, no dia 21 de dezembro de 2012, com a observação do evento Entrega da obra do Novo Mineirão e encerrou em dezembro de 2014. Ressaltamos que, embora defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UNICAMP, a pesquisadora contou com a ajuda de dois gefutenses (André Pereira e Matheus Cruz) que lhe ajudaram na coleta e tabulação dos dados. Outro fator relevante foi a adoção do referencial teórico sobre geografia urbana e estádios para a pesquisa (e também para o próprio GEFuT), tais como John Bale, Ana Fani Carlos, Gilmar Mascarenhas, Milton Santos, entre outros. Mais uma vez, contamos com o apoio do Consórcio Minas Arena para concessão das credenciais de acesso ao estádio.

Os dados apontaram que, após a reforma, o Mineirão se reconstituiu enquanto um espaço e equipamento de lazer da população de Belo Horizonte, não justificando ou afastando os temores que haviam da sua transformação em um elefante branco. Entretanto, diferentemente do que havia sido planejado pelos arquitetos e gestores públicos responsáveis pela condução da reforma do Mineirão, a parceria público-privado não conseguiu transformá-lo em um novo Eldorado, na medida em que os espaços pensados para aluguel de lojas, restaurantes e camarotes foram parcialmente alugados bem abaixo da expectativa. Ao invés disso, a esplanada foi ocupada por um lazer cotidiano, pautado nas vivências do conteúdo físico esportivo tais como skate, patins, caminhada e brincadeiras infantis (CAMPOS, 2016). Por outro lado, no uso do estádio para o futebol foi observado o maior impacto da parceria público-privado, já que, enquanto um representante

6. Detlev Claussen, Richard Giulianotti, Martin Curi, Arlei Damo, Stefan Rinke, Bernardo Buarque de Hollanda, Pablo Alabarces, Simoni Lahud Guedes, Renato Pompeu, Marcelino Rodrigues da Silva, Flávio de Campos, Samuel Martínez, Sérgio Settani Giglio, Victor Andrade de Melo, Gilmar Mascarenhas, Raphael Rajão.

da cidade-mercadoria, o estádio passou a operar dentro de uma lógica empresarial, negociando clientes e público. Deixando de ser um equipamento público de uso coletivo e se transformando em um equipamento de interesse público, porém administrado pela iniciativa privada. Como consequência desse processo, os dados demonstraram, porém, que os torcedores tinham um sentimento dúbio em relação à reforma do Mineirão, pois, ao mesmo tempo em que reconheciam as melhorias em termos de conforto, limpeza e segurança, alguns apontaram que ela retirou atributos da mineiridade, expressos nos encontros que formavam as narrativas do/sobre o jogo, propiciados pelos barraqueiros.

O ano de 2014 foi marcado pela Copa do Mundo de Futebol Masculino da FIFA e o GEFuT fez o seu primeiro voo internacional ao ser convidado pelo *Institut für Sport Wissenschaft Mainz* a compor a equipe da pesquisa “*Project Brazil 2014 “World Cup economic impact & spectator study”*”, coordenada pelo professor Holger Preuss e desenvolvida em parceria com cinco pesquisadores brasileiros. A pesquisa teve como objetivo conhecer os mercados consumidores no Brasil e analisar o comportamento dos turistas, comparando com edições anteriores do evento e permitindo uma publicidade eficaz e estratégias de patrocínio para as próximas edições, também realizadas em países emergentes (PREUSS, 2014). Durante os dias 14 de junho a 08 de julho, estivemos presentes (Silvio, Sarah Soutto Mayor, Bárbara, Marina, Plínio, Christian, Alexandre, Bill, Erick, Thiago) em 6 jogos da Copa realizados no Mineirão (Colômbia x Grécia; Bélgica x Argélia; Argentina x Irã; Costa Rica x Inglaterra; Brasil x Chile; Brasil x Alemanha). Como não conseguimos as credenciais para acessar as arquibancadas do estádio, a pesquisa foi realizada no entorno do estádio e parte da Esplanada. Foi uma oportunidade única vivenciar a atmosfera da Copa do Mundo.

O período de Copa do Mundo e a inserção de outros referenciais teóricos no grupo contribuiu para que o estádio oficialmente se tornasse objeto de estudo do GEFuT e, nesse sentido, duas pesquisas foram realizadas: a tese de Georgino Jorge de Souza Neto (2014 – 2017) e a dissertação de Christian Kolanki Vieira (2014 – 2016).

Souza Neto (2017), por meio de uma investigação historiográfica, investigou o movimento e o contexto que permitiu a construção dos principais estádios de futebol na cidade de Belo Horizonte e como estes se legitimaram socialmente a partir de aspectos econômicos, políticos, cultural, dentre outros. Tendo como proposta metodológica a História Cultural e a Micro-História, o trabalho dialogou com a geografia urbana, uma vez que os indícios apontaram para a relação estabelecida entre estes estádios e a estruturação urbanística/espacial no seu entorno, promovendo e/ou provocando rearranjos quanto à mobilidade urbana, construção de vias de acesso, planejamento viário, melhorias estruturais. Segundo o autor, em todos os momentos, esta relação se mostrou bastante potente, podendo ser percebido um influxo de organização do espaço da cidade em função

da existência dos estádios (SOUZA NETO, 2017). Um outro entendimento foi a construção da lógica da modernidade a partir desses espaços, levando em consideração os aspectos urbanísticos e a espetacularização do fenômeno esportivo e de seu atrelamento à uma crescente determinação mercadológica. Por fim, os dados apontaram sobre a maneira como os estádios em Belo Horizonte foram fortemente demarcados pelo contexto político, em todo o decurso temporal do estudo.

Já a dissertação de Christian Vieira (2014-2016), teve como ponto de partida as alterações nas formas de torcer promovidas pela onda de modernização dos estádios. O autor focou seus estudos nos estádios periféricos, isto é, aqueles que não passaram pelo processo de transformações e adequações para a Copa do Mundo FIFA (notadamente nomeados de Arenas). Especificamente, Vieira (2016) buscou investigar como se configuram as práticas do torcer pelos torcedores de duas equipes do interior de Minas Gerais; analisar a percepção que os torcedores de estádios periféricos têm sobre Estádios e Arenas e analisar em que o processo de modernização dos estádios influenciou no comportamento dos torcedores que frequentam os estádios periféricos. As duas torcidas observadas foram as do Villa Nova de Nova Lima e do Guarani de Divinópolis em seus respectivos estádios, respectivamente, Estádio Municipal Castor Cifuentes (Castor Cifuentes) e Estádio Waldemar Teixeira de Faria (Farião).

De acordo com Vieira (2016), as experiências proporcionadas pelo trabalho de campo foram intensas, uma vez que a realidade encontrada em muito destoava daquela proporcionada pelo futebol da “série A”, do praticado pelas equipes de Belo Horizonte e dos jogadores reconhecidos nacionalmente. Os dados apontaram que os torcedores dos estádios periféricos são favoráveis a modernização dos estádios de suas equipes, mesmo cientes dos pontos negativos, inclusive cientes do risco de serem excluídos da vivência cotidiana nesses estádios (VIEIRA, 2016).

Alterando a discussão para o campo da economia, Felipe Queiroz (2016 – 2018) se propôs a compreender, em sua dissertação, as transformações econômicas ocorridas no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão entre 1994 e 2018 (QUEIROZ, SILVA, 2022). Para a construção do problema de pesquisa, os autores partiram da percepção sobre os debates públicos sobre o tema elitização do futebol após a reforma e a ausência de estudos acadêmicos que se debruçassem quantitativamente a partir de dados empíricos sobre o tema. Metodologicamente, foi traçado o comportamento no preço dos ingressos praticado pelas equipes mandantes nos jogos do Mineirão durante o período correlacionando com variáveis econômicas representativas, inflação e porcentagem do salário mínimo. Além disso, registrou-se a taxa de ocupação do estádio durante todo período, no intuito de refletir sobre a demanda observada. Os dados foram coletados à

partir das fichas técnicas disponíveis no site do Mineirão. Para a formatação e padronização das informações, foi criado um banco de dados utilizando o programa Microsoft Access 2013. Os dados apontaram que, com a reinauguração do Mineirão para Copa do Mundo os preços dos ingressos, que antes apresentavam uma relativa estabilidade entres os diferentes momentos da competição, sofreram precificação dinâmica, na medida em que o valor do ingresso passou a sofrer variações de curto prazo, influenciados pela expectativa de público do jogo ou da competição (QUEIROZ, SILVA, 2022).

Durante o período de fechamento dos estádios devido a Pandemia de Covid-19 (2020 – 2021)⁷ nos preocupamos em como ficaria a experiência do torcer no período pós-pandemia e também na centralidade desse equipamento para a formação do torcedor. Com base nessas inquietações nasceu, em 2020, o projeto “Experiências dos torcedores nos estádios mineiros”. O objetivo dessa pesquisa é registrar e refletir sobre as experiências que as pessoas têm nos estádios de futebol; no caso específico, nos estádios localizados no estado de Minas Gerais. Como a coleta de dados ocorreu no período da pandemia, o processo metodológico foi online (questionários e gravação de áudio), o que ocasionou pouca aderência. A pesquisa encontra-se em andamento.

Os estudos do GEFuT que começaram a ter o estádio como objeto de análise, passaram a entendê-lo dentro de um sistema interligado entre objeto e ações (SANTOS, 1996), presente no espaço. Sendo assim, assumimos que o estádio não é neutro e nem passivo, uma vez que nele se produzem práticas sociais e se reproduzem normas sociais. Dito de outra forma, o estádio de futebol pode ser visto como um espaço material e social, no qual questões econômicas, sociais e culturais se desenvolvem e se intensificam. Assim, Frank e Steets (2010) sugerem que olhemos para o estádio com outras lentes, de modo que, por meio do estudo das dimensões históricas, econômicas, políticas, geográficas, sociais dos estádios de futebol, possamos identificar e compreender as mudanças sociais em fluxo. Bale (1993), pioneiro nesse pensamento, afirma que as mudanças nos estádios não refletem apenas o desenvolvimento do esporte. Elas refletem também as mudanças sociais, uma vez que mostram como a sociedade se desenvolve e demonstra suas preferências, convertendo-as em ativismo, no qual o esporte é uma parte.

Por meio dessa narrativa foi possível perceber a trajetória do GEFuT, bem como o amadurecimento e a diversidade das pesquisas que tematizaram o estádio de futebol. Acreditamos que a experiência do torcer no estádio é catalizadora no processo de formação e fidelização do torcedor. É ela um elo primordial na relação torcedor-clubes.

7. Entre os anos 2020 e 2021, o Brasil registrou 619.056 óbitos em decorrência dessa doença. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-encerra-2021-com-412-880-mortes-por-covid-19/>

REFERÊNCIAS

BALE, John. Sport, space and the city. Caldwell: The Blackburn Press, 1993.

BRASIL. *Lei n. 10.671*. Estatuto de Defesa do Torcedor. Brasília: DOU, 2003.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. *Mulheres Torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. *As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma*. 2016. Tese (Doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

DAMO, Arlei. O desejo, o direito e o dever - A trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento* (UFRGS. Impresso), v. 18, p. 41-81, 2012.

FRANK, Sybille; STEETS, Silke. Stadium worlds: football, space and the built environment. London: Routledge, 2010.

LAGES, Carlos Eduardo Dias Munaier. *A Copa de 2014 na capital mineira e relações com as políticas públicas de esporte e lazer* - estudo a partir dos projetos que compõem o planejamento estratégico integrado do estado de Minas Gerais e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

MELO, Marcos de Abreu Melo. *O Rio que Corre Pela Aldeia: relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo Estádio Independência*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jan-jun. 1989.

PREUSS, Holger. Research Project: Impact & Spectator Study. *Institut für Sport Wissenschaft Mainz*. 2014 (texto mimeografado).

QUEIROZ, Felipe Pereira de; SILVA, Silvio Ricardo. Lazer, economia e futebol: as mudanças na precificação do ingresso no estádio mineirão entre 1994-2018. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 8, p. 1-18, 2021.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *Do Prado ao Mineirão: história dos estádios na capital inventada*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

VIEIRA, Christian Matheus Kolanski. *A vivência dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016.

OS ESTUDOS SOBRE TORCIDAS REALIZADAS NO GRUPO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL E TORCIDAS (GEFUT) 2008 - 2022

Renato Machado Saldanha

Fábio Henrique França Rezende

Danilo da Silva Ramos

Renata Alves Pinto Lemos

João Martins Nogueira Júnior

As temáticas sobre lazer, futebol e torcidas estão contempladas nas linhas de pesquisa 01 denominada Identidades, Sociabilidades e Práticas de Lazer e na linha 02 denominada Memória e História do Lazer, do Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especificamente ao desenvolver estudos sobre torcidas (coletivas e individuais), o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) atende a uma demanda de pesquisas sobre o campo, recheado de inúmeras possibilidades de abordagens metodológicas e teóricas.

O fenômeno futebolístico, enquanto possibilidade de lazer, não acontece apenas em campo, dentro das quatro linhas, indo além, se considerado o âmbito da festa, do encontro, da rede de sociabilidades e nas arquibancadas, onde muitas pessoas contribuem para realização e beleza desse espetáculo esportivo (SILVA; NETO; CAMPOS, 2011). As pesquisas desenvolvidas pelo GEFuT têm abordado o tema através de seus estudiosos e desenvolvido um profícuo número de pesquisas com a temática sobre torcidas em seus mais variados aspectos. Logo, o objetivo desse artigo é realizar um breve histórico das pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do GEFuT desde o momento em que seus membros realizaram seus primeiros estudos sobre torcidas.

O GEFuT vem se pautando desde 2008, quando foram iniciados estudos que se detiveram mais especificamente nas Torcidas Organizadas (TOs) de Minas Gerais. Nesse período foram realizadas duas pesquisas: “Levantamento e análise das torcidas organizadas de Minas Gerais” e “Perfil de torcedores organizados em Belo Horizonte”, cujos resultados foram incluídos na coletânea “Futebol das Gerais” de 2012. Essas

pesquisas foram desenvolvidas pelos pesquisadores Silvio Ricardo da Silva, José Alfredo de O. Debortoli, Gibson Moreira Praça, Izabela Guimarães, Augusto Tiago Felipe da Silva e André Silveira Gomes. A mesma buscou aprofundar os estudos sobre o torcer, destacando alguns estudos que trataram do tema das Torcidas Organizadas (TOs).

No caso dos estudos sobre o “Levantamento e análise das torcidas organizadas de Minas Gerais”, iniciado em agosto de 2008 e encerrado em agosto de 2009, o objetivo foi conhecer como se davam a manifestação, a organização e as relações estabelecidas intra e intertorcidas, com o clube e a sociedade de TOs, dos três times mineiros participantes da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2008: Clube Atlético Mineiro, Cruzeiro Esporte Clube e Ipatinga Futebol Clube. Optou-se pela elaboração de entrevista semiestruturada, aplicada a diretores das 12 TOs selecionadas para a participação no estudo e feita visita aos estádios. Os resultados revelaram que o universo das TOs está permeado de tensões que refletem as relações de poder e as rivalizações construídos em torno dessa forma de sociabilidade que é engendrada a partir do futebol. Para os pesquisadores, esse universo revelou-se heterogêneo e ressaltaram a necessidade de maiores investigações que auxiliem na sua compreensão e na promoção de políticas públicas mais adequadas à realidade desses grupamentos.

Já outro aspecto levantado pelos autores citados, diz respeito sobre “Perfil de torcedores organizados em Belo Horizonte”, cujo objetivo foi conhecer quem são os torcedores organizados participantes da cidade de Belo Horizonte com destaque para aqueles dos clubes Clube Atlético Mineiro (Atlético) e Cruzeiro Esporte Clube (Cruzeiro), devido à importância que eles possuem para o Estado. Objetivando traçar um perfil das mesmas, foram utilizados questionários e entrevistas. Diante de descobertas, desconstruções e alguns desencontros, foi possível perceber que, em meio à complexidade de elementos, podemos falar em “perfis” de torcedores organizados e que os resultados apresentam uma diversidade quando indicamos as análises desse perfil. Para os pesquisadores, a pesquisa revelou-se uma caminhada buscando aproximações ao universo dos torcedores organizados, universo esse ainda marcado por generalizações e pouco conhecimento das demandas, práticas, ações e organizações dos torcedores.

Destacamos também a dissertação da Priscila Ferreira Campos concluída em 2010. A pesquisa foi pioneira dentro do GEFuT ao abordar mulheres e torcidas, intitulada “Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão”. A pesquisadora buscou conhecer o perfil sociológico das mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, presentes no estádio Governador Magalhães Pinto – Mineirão –, Belo Horizonte/MG, e a relação estabelecida por elas com o clube e com o estádio.

A pesquisa foi de caráter exploratória descritiva. Para traçar o perfil sociológico, a pesquisadora aplicou 443 formulários e, para compreender a relação com o clube e com o estádio, foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas. Foi constatado no estudo um grupo social formado por mulheres que adotam a ida ao estádio como uma opção de lazer e as mesmas variavam em idade, formação profissional, local de residência, condições econômicas e formas de se relacionar com o Cruzeiro. Apontou-se que a família, principalmente o pai, tem grande influência na escolha por esse clube e, ao adotar como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unívoca do que é ser uma torcedora dificultando a sua apropriação e inserção legítima nesse espaço e desconsiderando que existem várias formas de torcer e de manifestar o pertencimento clubístico.

Partindo para uma abordagem histórica, a dissertação de Georgino Jorge de Souza Neto, de 2010, intitulada “A invenção do torcer em Belo Horizonte: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930)”, objetivou investigar o movimento que permitiu a formação das torcidas de futebol na cidade de Belo Horizonte MG, e como estas se constituíram em prática de divertimento. O período delimitado para a investigação abrangeu os anos de 1904 a 1930, por este abrigar desde as primeiras manifestações da prática do futebol na cidade até a sua consolidação. De acordo com o autor, por representar uma investigação historiográfica, o estudo fundamentou-se metodologicamente em dois aportes teóricos centrais: a História Cultural, particularmente a noção de representação, desenvolvida por Roger Chartier, e a Micro História, notadamente o conceito de paradigma indiciário descrito por Carlo Ginzburg. As fontes de pesquisa privilegiadas foram os periódicos, sendo utilizados jornais e revistas da época.

Os resultados obtidos pelo autor foram reveladores no sentido de que indícios apontaram para a identificação de três momentos singularmente pontuais: o primeiro, entre os anos de 1904 e 1915, marcado pela presença de uma assistência fidalga e aristocrática, sendo percebido uma vinculação afetiva pouco significativa com os clubes de futebol. No momento posterior, a crescente popularização do futebol inaugura uma nova postura dos assistentes, com características mais evidentes de torcedores, onde a paixão clubística começa a se constituir. E finalmente, a consolidação da lógica de torcida/torcedor, com o aumento sistemático dos sururus, de rivalidades instituídas, do incremento do espetáculo esportivo, com a inauguração de novos e adequados estádios, da tentativa de um controle sobre o torcer e da apropriação desta prática pela dinâmica social, que enxerga na paixão e no pertencimento clubísticos uma nova forma de obter lucro e renda. Tais constatações obtidas pelo estudo demonstram que muitos sujeitos e intrincadas relações de poder estão em jogo quando o assunto é a prática futebolística.

A pesquisa sobre “Torcedores Organizados de Belo Horizonte” foi uma parceria dos autores Silvio Ricardo da Silva, José Alfredo de O. Debortoli, Gibson Moreira Praça, Izabela Guimarães, Augusto Tiago Felipe da Silva e André Silveira Gomes. A mesma buscou aprofundar os estudos sobre o torcer, destacando alguns estudos que trataram do tema das Torcidas Organizadas (TOs).

Por sua vez, outro estudo feito por uma pesquisadora desenvolvido dentro do GEFuT e concluída no ano seguinte, 2011. Este foi o de Mariana Alves Rodrigues, que abordou a paixão pelo jogo virtual, cujo título é “A sombras das chuteiras virtuais: futebol e lazer nas quatro linhas do jogo eletrônico”. Com a dissertação, a autora investigou as relações que emergem do futebol no contexto do jogo virtual, além de buscar identificar junto aos jogadores da Federação Luziense de Futebol Digital (FLFD), as vivências que circundam esse jogo, assim como as relações estabelecidas entre esses sujeitos e o futebol, virtual e não virtual. A Pesquisa bibliográfica norteou o trabalho e, durante nove meses, a pesquisadora fez uma imersão na comunidade virtual da referida federação, cuja experiência foi relatada num diário de campo.

Os resultados do estudo constataram que os jogadores da FLFD mantêm uma relação com o futebol não virtual, que se expressa pela linguagem, pelo interesse pelos campeonatos atuais, pela rivalidade e pelo pertencimento clubístico. Quanto ao jogo virtual, percebeu-se que existe um sentimento de pertencimento e de rivalidade, além de manifestações do torcer, de paixão e de superstição. Finalmente, foi possível, também, verificar que o lazer permeia as vivências no contexto do futebol virtual na FLFD. Tais conclusões levam luz ao campo de estudos dos jogos virtuais, espaço de lazer cada vez mais vivenciado por inúmeras pessoas, mobilizando cifras milionárias.

Também concluído em 2011, o estudo intitulado “O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata.”, foi fruto da dissertação de Thiago Felipe da Silva. O estudo buscou investigar como se configuram as relações e os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata da cidade de Governador Valadares / MG, objetivando ainda, analisar por que os torcedores se tornaram democratenses, como exercem o torcer; e compreender os significados que os torcedores atribuem ao “ser democratense”.

A partir de uma abordagem qualitativa, o autor buscou estabelecer um diálogo entre os dados emergentes no estudo e os autores que discutem especialmente o futebol, o lazer e o torcer, utilizando-se ainda de instrumentos como anotações, observações e entrevistas, cuja coleta de dados foi realizada no ano de 2010 em dois momentos distintos. O pesquisador concluiu que a configuração dos significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata se dá por três características fundamentais: a relação com a cidade,

pertencimento clubístico, expresso pelo torcer e pelo pertencer ao clube, numa relação de doação, gratuidade e paixão pelo time; e a relação com o lazer, em que se apresenta a “festa da torcida valadarense”. Tais aspectos levantados por esse estudo revelam o potencial exercido pelo torcer enquanto lazer e manifestação cultural de um dado lugar e pessoas que ali habitam e convivem. Cabe destaque a pesquisa intitulada Torcedores Organizados em Belo Horizonte, publicada no livro Futebol nas Gerais em 2012.

Em 2013, o pesquisador Marcos de Abreu Melo, nos apresenta o estudo “O rio que corre pela aldeia: relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo estádio Independência.”. O problema central de seu estudo foi investigar como os torcedores comuns de Belo Horizonte se relacionam com diversos aspectos do ato de torcer nos jogos de futebol disputados no novo Estádio Raimundo Sampaio (Independência), na capital mineira.

O autor optou por realizar uma pesquisa descritiva, caracterizada como documental e de campo, de caráter quantitativo e qualitativo. Cinco torcedores foram selecionados para entrevistas semiestruturadas e os dados foram analisados tendo em vista três eixos centrais: a relação do torcedor com o torcer e o seu clube; a relação do torcedor com o estádio e a relação do torcedor com a violência. O autor pôde constatar que os torcedores dos três times aprovaram a reforma no Independência e a atuação dos policiais militares em dias de jogos, embora tenham alegado uma sensação de segurança baixa sobretudo no entorno do estádio. Segundo o autor, os torcedores também concordaram serem a localização e a modernidade os principais pontos positivos do novo Independência, ao passo que o estacionamento e a visibilidade do jogo foram apontados como os principais aspectos negativos. A análise dos dados permitiu observar permanências e discontinuidades no ato de torcer na capital mineira, explicitando avanços e tensões no processo de modernização dos estádios de futebol.

Por sua vez, o estudo intitulado “Itinerante Futebol Clube: a desconstrução do torcer e as relações entre os clubes e as torcidas”, de autoria de Alexandre Francisco Alves, apresentado em 2015, buscou compreender o processo de (des)configuração e (re) configuração do torcer nas cidades de Betim (MG) e Ipatinga (MG). Procurando compreender a relação das torcidas com o Ipatinga FC / Betim EC, o autor buscou ainda entender como os torcedores reagiram a essas mudanças territoriais, as tensões provocadas e as possíveis consequências no cenário, em que um clube se instalou e outro deixou de existir bem como se configurou o torcer nas cidades. Na cidade de Ipatinga foram aplicados 108 formulários junto aos torcedores do Ipatinga FC e na cidade de Betim, o autor entrevistou seis torcedores do Betim EC que acompanharam o time durante o período em que esteve na cidade, além de realizar entrevistas também junto aos gestores. Já na organização e

análise dos dados qualitativos (as entrevistas semiestruturadas), o autor optou por fazer uma análise de conteúdo proposta por Bardin.

Essa dissertação apresentou de modo contundente dados importantes sobre as torcidas desses times. Sobre a torcida do Ipatinga, observou-se um descontentamento com a saída do clube da cidade e uma expectativa do seu retorno apesar da desconfiança gerada pela situação de migração do clube. Contudo, continua sendo uma marca importante de pertencimento territorial que tem no clube um instrumento que reforça esses laços de afetividade. Já os dados obtidos nas entrevistas com os torcedores do Betim, apontaram para a criação de um vínculo com o território em que o clube se instalou e que projetou no clube a possibilidade de envolvimento e o início da formação de uma identificação com o time ao longo dos momentos de lazer vivenciados principalmente nos finais de semana. Já, com os gestores, foram encontradas evidências de que uma administração ineficiente, em consonância com excessiva dependência de recursos públicos, foi a causa da crise que culminou com a saída do clube de Ipatinga. Em Betim, o clube não alcançou as parcerias que almejava com os setores público e privado, gerando uma crise que culminou com o seu retorno para Ipatinga.

A partir de uma outra perspectiva, o estudo de Cristhian Matheus Kolanski Vieira, cujo título é sobre a “Percepção dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros”, lança seu olhar sobre as mudanças nas configurações dos estádios de futebol. Sendo assim, seu estudo objetivou analisar a vivência dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros. Além disso, se propôs investigar como se configuram as práticas do torcer pelos torcedores do Villa Nova/MG e do Guarani/MG em seus respectivos estádios e a percepção que os torcedores de estádios periféricos têm sobre estádios e arenas e, ainda, analisar em que o processo de modernização dos estádios influenciou no comportamento dos torcedores que frequentam os estádios periféricos; e, verificar o perfil dos torcedores periféricos.

Nessa empreitada, o autor realizou 19 incursões a campo em dias de jogos dos clubes em questão, sendo os dados coletados por meio da observação participante (dentro e fora dos estádios) e pela aplicação de formulários, realizada em frente aos estádios, momentos antes das partidas. As conclusões obtidas pelo autor foram elucidativas, ao apontar que aparentemente, a modernização dos estádios não vem influenciando no comportamento do torcedor que frequenta os estádios periféricos. Somado a isso, os dados obtidos mostraram que os torcedores também são favoráveis a estas transformações mesmo cientes dos pontos negativos, inclusive cientes do risco de serem excluídos da vivência cotidiana nos estádios, como esclarece o autor.

O próximo estudo que destacamos une duas paixões mineiras, o torcer e a frequência nos bares, ou como dizem os mineiros, o “butecar”. A dissertação intitulada “Quando o bar se torna estádio: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte.” concluída em 2015 pelo pesquisador Felipe Vinicius de Paula Abrantes, objetivou analisar como ocorre o torcer para o Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube em bares na cidade de Belo Horizonte. Para isso, recorreu-se aos torcedores presentes nos bares em dias de jogos e também aos proprietários dos bares investigados. Já a metodologia de pesquisa adotada foi a observação participante, anotações em caderno de campo (realizado no período de 2014 e nos primeiros jogos de 2015) e a aplicação de questionários com os torcedores. O autor concluiu que assistir aos jogos em bares é uma prática recorrente e relevante para muitos torcedores dos bares em questão, sendo possível perceber as diferentes formas com que esse torcer ocorre. Fica evidenciado o papel cultural desempenhado pelos bares da cidade de Belo Horizonte e como essa forma de lazer, que é torcer, pode ser diversa e estar relacionada com tantas outras esferas da cultura e da sociedade. As conclusões obtidas pelo pesquisador reforçam a importância cultural envolta nas relações futebolísticas como caso do torcer pelo seu time predileto no seu espaço predileto (bar) com os amigos.

Já em sua dissertação concluída em 2016, Thiago José Silva Santana nos apresenta o estudo “O clube no coração e/ou no bolso: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio torcedor.”. Ao trazer à tona outro aspecto que envolve o meio futebolístico, o autor buscou analisar a relação que torcedores do Clube Atlético Mineiro estabelecem com o programa de sócio torcedor do clube. Objetivou também identificar o perfil socioeconômico dos frequentadores dos jogos, a opinião que esses têm sobre o programa de sócio torcedor, as relações que os torcedores estabelecem com o referido programa e como o clube compreende a relação com sua torcida, participante ou não do seu programa de sócios. Para tanto, foram realizados levantamento bibliográfico, documental e trabalho de campo, cujos achados mostraram que o programa de sócio torcedor modificou a relação entre torcida e clube e configura-se como um símbolo de distinção entre os torcedores. A compreensão da relação do clube com sua torcida está orientada sob uma lógica empresarial, cujo modelo de conexão com o torcedor teve como referência o processo de mercantilização do torcer, que se estabeleceu em outros países. Nesse sentido o autor ressalta que o processo de mercantilização do torcer acaba por limitar essa experiência a um grupo restrito, retirando aqueles que não têm condições de arcar com os valores que essa lógica impõe. Essa pesquisa, como bem ressaltada pelo autor, também pode promover a reflexão dos gestores dos programas de sócios, para que possam mediar os interesses econômicos do clube sem a exclusão sumária dos torcedores de baixa renda.

A dissertação “O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro”, do pesquisador Jeferson Nicássio Queiroga de Aquino de 2017, traz luz sobre os torcedores desses times tradicionais de Minas Gerais. Logo, seu objetivo foi investigar o vínculo identitário e de lazer dos torcedores de América, Atlético e Cruzeiro – clubes sediados na cidade de Belo Horizonte e participantes da série A do Campeonato Brasileiro de futebol no ano de 2016. Para o alcance dos objetivos da pesquisa, foi desenvolvida uma pesquisa de campo composta por duas partes, sendo a primeira uma coleta de questionários nos arredores dos estádios de Belo Horizonte e a segunda uma entrevista semiestruturada realizada com torcedores selecionados a partir dos resultados da primeira etapa. A análise dos dados dos questionários foi feita por meio de uma análise estatística descritiva e para os dados das entrevistas foi realizada uma análise de conteúdo.

A conclusão chegada pelo pesquisador foi de que a construção identitária do torcedor acontece por meio do contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido e também na diferença a partir do reconhecimento do outro como rival. Inferimos também que, para os indivíduos que apresentam um alto nível de identificação com o time o torcer pode ser entendido como lazer sério. Essa pesquisa buscou fomentar a discussão no campo de estudos do lazer ao trazer a teoria do lazer sério como uma possibilidade de entendimento de determinada atividade. Tal constatação do autor remete as inúmeras maneiras de se compreender o lazer a partir dos estudiosos do campo e, no caso aqui destacado, verificando esses modos de lazer quando o assunto é o futebol.

Já em 2018, Adriano Lopes de Souza, concluiu sua dissertação intitulada “Alianças entre torcidas organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a torcida organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem”, onde pesquisou algumas das torcidas organizadas mais conhecidas de nosso país. O objetivo geral de seu estudo foi analisar a formação de alianças entre torcidas organizadas, a partir da união constituída pelo Grêmio Cultural e Recreativo Torcida Organizada Galoucura com o Grêmio Recreativo Torcida Organizada Força Jovem e com o Grêmio Recreativo e Cultural Torcida Mancha Alviverde. Para tanto, o pesquisador realizou uma pesquisa de campo, onde a observação foi utilizada como instrumento de coleta de dados; além de entrevista semiestruturada com oito torcedores que participaram do processo de formação dessas alianças.

Ao buscar compreender as alianças entre torcidas tão conhecidas, o autor constatou que a constituição dessas alianças foi um processo iniciado na década de 1980 e intensificado na década seguinte, se apresentando como um importante espaço de sociabilidade e de lazer, fundamentalmente, através das recepções às torcidas visitantes promovidas pelos agrupamentos anfitriões. Ressalta que a interação acontecia nos

estádios, em dias de jogos, onde pôde observar a formação de dois grandes blocos de torcidas e também o surgimento de símbolos como forma de representação desses grupos. Com o crescimento dessas alianças, tornando-se grandes uniões de torcidas organizadas, esses espaços de sociabilidade passaram a ocorrer não só nos estádios, mas também nas sedes e nas quadras desses grupos de torcedores. Este estudo avança na compreensão acerca das torcidas organizadas, demonstrando que as mesmas acabam por se tronarem elementos importantes da cultura em torno do futebol indo em contraponto à visão muito destacada pela mídia e imprensa em geral que comumente associa as mesmas a violência nos estádios.

Buscando compreender as transformações econômicas ocorridas no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão entre 1994 e 2018, em sua dissertação concluída em 2019, o pesquisador Felipe Pereira de Queiroz, nos apresenta seu trabalho “O preço da emoção: as transformações no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão” no período citado. Para tanto, traçou-se o comportamento no preço dos ingressos durante o período correlacionando com variáveis econômicas representativas, inflação e porcentagem do salário mínimo. Além disso, registrou-se a taxa de ocupação do estádio durante todo período, no intuito de refletir sobre a demanda observada. Para isso, o autor utilizou como fonte às informações tabuladas em um banco de dados, as fichas técnicas conhecidas como Borderôs, cujos documentos estavam disponíveis no site oficial do Estádio Mineirão. A metodologia utilizada para análise dos registros no banco de dados foi a estatística descritiva, onde além das análises do cenário geral agregado e casos específicos como o período da Copa do Mundo de 2014 e o campeonato brasileiro de 1999, apresentou-se um conjunto de gráficos para cada campeonato.

Ao destacar as mudanças advindas com as reformas dos estádios principalmente em virtude da realização da copa de 2014 no Brasil, Felipe Pereira de Queiroz constatou que com a reinauguração do Mineirão para Copa do Mundo e os preços dos ingressos, que antes apresentavam uma relativa estabilidade entres os diferentes momentos da competição, começaram a funcionar com variações de curto prazo. A proporção percentual nos aumentos em jogos, ou competições de maior apelo, observados a partir de 2013, promoveram uma elitização e conseqüente exclusão no acesso a certos tipos de emoção. Diante disso, a pesquisa propôs uma reflexão mais aprofundada, do ponto de vista econômico, na formação de preços dos ingressos, entendendo o potencial do resgate do estádio como um espaço de diversidade econômica que retome uma maior centralidade na formação do torcedor. Isso é fundamental, como destaca o autor, a fim de promover opções de lazer no ambiente público, eliminando ao máximo suas barreiras econômicas,

e oferecendo possibilidades de acesso a certos tipos de emoção a um número cada vez maior de torcedores.

Para além, destacamos a tese de José Aelson de Faria Junior, “Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais.”, um dos primeiros estudos do GEFuT a abordar as relações de gênero e o torcer, principalmente no caso dos torcedores homossexuais. Como destaca o autor, os objetivos do trabalho foi investigar as seguintes questões: (1) como os torcedores gays se apropriam deste espaço; e, a partir da compreensão desse cenário, (2) quais discursos são produzidos por eles sobre a relação homossexualidade, homofobia e futebol. Para tanto, essa pesquisa assumiu uma natureza qualitativa na descrição e análise dos dados e o trabalho de campo fez uso de dois instrumentos de coleta - a observação participante e a entrevista semiestruturada.

Os dados obtidos pelo pesquisador a partir dos discursos analisados, constatou que nenhum dos informantes está alheio a homofobia nos estádios e na vivência do torcer, ainda que alguns deles não a reconheçam no futebol, atribuindo outros sentidos aos xingamentos e comportamentos ali experimentados. De maneira geral, eles se apropriam desses territórios, produzem e reproduzem comportamentos heterossexistas e homofóbicos de forma semelhante aos demais torcedores, alinhados a uma lógica heteronormativa de torcer. Foi providencial classificá-los, metaforicamente, como torcedores miméticos, ao refletirmos sobre as experiências que eles relataram viver com o futebol e seu clubismo. Este estudo aponta para um campo profícuo de possibilidades de temas que podem ser desenvolvidos pelos membros do GEFuT, cujo foco são a diversidade sexual e de gênero, o torcer e o futebol.

Finalmente, apresentamos a pesquisa que, atualmente, vem sendo desenvolvida pelo GEFuT. Esta é o Eixo II do Programa Academia & Futebol e teve início no ano de 2020. O citado programa é uma iniciativa da Secretaria Especial do Esporte, vinculado ao Ministério da Cidadania. Este é um programa nacional, portanto, possui diferentes núcleos que foram escolhidos, por meio de edital iniciado em março de 2020. Após o processo de seleção, o GEFuT foi escolhido como representante da EEFfTO/UFMG, como núcleo de Minas Gerais.

O presente estudo é intitulado “Torcidas organizadas brasileiras, coletivos e movimentos de torcedores: um perfil nos dias atuais.”. O objetivo geral é mapear as torcidas organizadas, coletivos e outros movimentos torcedores do Brasil, buscando compreender suas dinâmicas e multiplicidades frente ao contexto atual do país. Já como objetivos específicos, a pesquisa busca produzir dados atualizados sobre os grupos estudados; analisar as informações produzidas à luz das condições políticas, sociais, econômicas e culturais do Brasil atual, bem como das diferenças regionais, das legislações locais e das

realidades dos clubes representados por cada torcida organizada, coletivo e movimento torcedor e comparar os resultados com outros estudos e levantamentos sobre esses grupos, refletindo sobre mudanças e permanências percebidas nos modos de se organizar e torcer na última década.

Metodologicamente, o estudo é caracterizado por uma abordagem quanti-qualitativa descritiva, com a aplicação de pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A priori, foram estudadas as características citadas pela produção acadêmica acerca do processo de criação, da atuação, das similaridades e diferenças das torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores. Em seguida, os pesquisadores do GEFuT mapearam os grupos, a princípio dos clubes das séries A, B e C do Campeonato Brasileiro de 2021. Posteriormente, essa seleção foi ampliada para clubes da série D do Brasileirão de 2021 e aqueles que no momento se encontravam sem divisão nacional. Mais adiante, foram feitos contatos via redes sociais (*whatsapp, facebook, instagram, twitter*) ou outras formas de contato que foram disponibilizadas pelos grupos, com o objetivo de explicá-los, brevemente, sobre a pesquisa e convidá-los para responder a um questionário digital elaborado pelo GEFuT e enviado via *Google Forms*. Ao todo foram contactados, aproximadamente, 800 grupos e foram obtidas 122 respostas válidas, já excluindo as duplicadas.

A terceira fase, foi caracterizada por um momento posterior a análise preliminar das respostas dos questionários e o contato direto com alguns agrupamentos, convidando-os a participarem de uma entrevista presencial e/ou online (via *Google Meet*) de acordo com a disponibilidade de ambas as partes, com a finalidade de se conhecer de maneira mais aprofundada as características e dinâmicas de funcionamentos dos grupos. Ao todo foram realizadas 18 entrevistas, sendo uma de forma presencial e 17 de maneira virtual feitas pela plataforma *Google Meet*. Estas foram gravadas e transcritas na íntegra, com a autorização dos entrevistados. O critério para a interrupção das entrevistas, foi o de redundância das respostas nas falas dos participantes.

O estudo em questão, até o momento apresentou achados que dialogam com outras pesquisas da área, confirmando, por exemplo, que as torcidas jovens, são entidades que encaram as brigas, como parte característica da sua forma de pertencimento torcedor. Devido, às dificuldades impostas pelo poder público para esses grupos, principalmente, no início do século XXI, outras formas de torcer e de demonstrar o apoio pelos seus clubes, acabaram por conquistar espaços nas arquibancadas brasileiras. Além disso, outro importante dado obtido, é de uma certa conscientização das próprias torcidas consideradas de pista¹, no que diz respeito, aos confrontos. As respostas dos representantes destas torcidas, nos

1. Designação própria das torcidas organizadas, para aqueles grupos que possuem pré-disposição para confrontos contra torcidas rivais.

mostram que eles não negam a existência e até certa necessidade de afirmação por meio das brigas, contudo, indicam para uma importância de elas não acontecerem nos estádios e em seus arredores e da necessidade da diminuição da sua letalidade, já que a morte não é algo bem visto por esses grupos. Ainda, ressaltamos respostas que têm direcionado a nossa atenção para o entendimento de uma maior diversidade do campo torcedor nos dias atuais, para a existência de uma pluralidade de interesses apresentados e buscados e para os modos de organização específicos dos grupos estudados.

Os estudos aqui abordados e desenvolvidos no GEFuT cujo foco foram as torcidas, demonstra o grande potencial que esse fenômeno cultural apresenta a partir dos estudiosos do campo do lazer e mais especificamente do futebol na perspectiva das ciências sociais e humanas (SILVA; NETO; CAMPOS, 2011). A compreensão das inúmeras experiências culturais de um dado lugar e tempo passam por compreendermos também o futebol, suas idiossincrasias, contextualização e valor atribuído por aqueles que dele usufruem, em suas diversas maneiras e possibilidades. Nesse sentido, o GEFuT tem buscado contribuir no aprofundamento e reflexão sobre esse fenômeno cultural, cujo destaque aqui foi dado as torcidas, ao torcer e a todos aqueles envolvidos nesse contexto.

REFERÊNCIAS

ABREU MELO, Marcos. O rio que corre pela aldeia: relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo estádio Independência. 2013.

ALVES, Alexandre Francisco. Itinerante Futebol Clube: a desconstrução do torcer e as relações entre os clubes e as torcidas. 2015.

AQUINO, Jefferson Nicassio Queiroga. O torcer no futebol como possibilidade de lazer e vínculo identitário para torcedores de América-MG, Atlético-MG e Cruzeiro. 2017.

CAMPOS, P. F. Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. 2010. 142 f. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)—Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte.

PAULA ABRANTES, Felipe Vinicius. Quando o bar se torna estádio: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte. 2015.

QUEIROZ, Felipe Pereira. O preço da emoção: as transformações no custo do lazer futebolístico no estádio Mineirão entre 1994 e 2018. 2019.

RODRIGUES, Mariana Alves. **À sombra das chuteiras virtuais: futebol e lazer nas quatro linhas do jogo eletrônico**. 2011.

SANTANA, Thiago Jose Silva et al. O clube no coração e/ou no bolso: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio torcedor. 2016.

SILVA, Silvio Ricardo da; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. Lazer, torcidas e futebol. **ISAYAMA, H. F; SILVA, Silvio Ricardo da.** Estudos do lazer: um panorama. Rio de Janeiro, Apicuri, p.111-123, 2011.

SILVA, Silvio Ricardo da et al. Torcedores organizados em Belo Horizonte. **SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA Tiago Felipe da. O futebol nas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 23-48, 2012.**

SILVA, Tiago Felipe. O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata. 2011.

SOUZA, Adriano Lopes. Alianças entre torcidas organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a torcida organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem. 2018.

SOUZA, NETO. G. J de. A invenção do torcer em Belo Horizonte: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930). 2010. 130f. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VIEIRA, Christian Matheus Kolanski; DA SILVA, Silvio Ricardo. Percepção dos torcedores de estádios periféricos diante do processo de modernização dos estádios brasileiros. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 2, p. 120-146, 2021. (ver referência da dissertação).

A EDUCAÇÃO COMO ESPAÇO E FOCO DE PESQUISA NO FUTEBOL

Mateus Alexandre Silva

Amarildo da Silva Araújo

Neste capítulo abordaremos o futebol e a sua relação com os processos educativos nas produções do Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas - GEFuT. Ao pensar o futebol, em conversas do dia a dia ou em espaços midiáticos, a ênfase está normalmente voltada para o torcer ou assistir às partidas. Estas perspectivas, muitas vezes, sobressaem às outras, fazendo com que algumas fiquem esquecidas, como as possibilidades educativas ligadas ao futebol, por exemplo. Em geral, quando as ideias sobre a educação aparecem, estão muito ligadas aos ditos valores do esporte que tendem a ser generalistas, como socializar, gerar uma certa “disciplina” de organização e hierarquia, entre outras perspectivas.

Como prática corporal popular no Brasil e no mundo, o futebol nos remete às reflexões das experiências do esporte profissional, a referência para a formação/educação que ocorre dentro e fora da escola, por meio de mecanismos visíveis e invisíveis em processos de reprodução/produção da cultura que tornam possíveis diversas aprendizagens (FARIA, 2008). Assim, ao pensarmos os processos educativos que podem ocorrer tendo o futebol como ponto central, devemos ter em mente que a inserção no meio futebolístico não depende exclusivamente da prática em si (no jogo). No entanto, é nesta ação do futebol que se concentram os discursos e conversas nos mais diversos âmbitos da sociedade. A inserção do futebol na cultura nacional está relacionada a transversalidade de temas como: pertencimento, educação, lazer, mídia, ética, política, violência, gênero, raça, economia, religião, virtualidade, diferentes manifestações artísticas e tantos outros. Pode-se afirmar que o futebol não é algo casual no cotidiano brasileiro, ele está presente e se manifesta de diversas maneiras e numa pluralidade de lugares, difundindo-se pela sociedade.

O futebol se constrói, se reproduz e se reinventa, independentemente da intencionalidade do ensino ou do espaço onde os sujeitos estão inseridos. É preciso ter em mente que os seres humanos aprendem em família, na comunidade e em outros universos socioculturais em que saberes são construídos para além das escolas, e que todos os espaços de aprendizagem trazem suas contribuições ao ser humano em seu processo de formação (BRANDÃO, 2002).

A escola é um campo fértil de estudos de elementos preponderantes em pesquisas na área das ciências sociais e humanas. Das suas influências nos resultados obtidos, se

destaca a sua influência no comportamento das pessoas que estão ligados a ele. Para exemplificar, podemos citar o comportamento de pessoas nas arquibancadas lotadas de um estádio de grande porte, em um dia de clássico. Além dos 90 minutos de bola rolando, os demais momentos fazem parte das peculiaridades deste espaço, o transitar em busca do portão de entrada, a fila para passar na catraca, a procura pelo melhor lugar (ou pelo lugar determinado no ingresso), a ida ao banheiro e saída após o jogo, tudo isso é condicionado pelo contexto daquele local. Certamente essas experiências difeririam em outros locais, apesar de algumas semelhanças que podem aparecer.

Os estudos com a educação como campo de pesquisa, também carregam as suas peculiaridades. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) determinar que a carga horária mínima anual deve ser de 800 horas, distribuídas em um mínimo de 200 dias, conferindo à escola como um espaço prolífico para pesquisas que envolvam jovens em idade escolar. Além do tempo despendido, os 46,7 milhões de brasileiros matriculados nas três etapas da educação básica no ano de 2021 (INEP, 2021), 21,7% da população nacional, mostram a representatividade deste espaço. O censo escolar ainda informa que aproximadamente 165 mil diretores e 2,2 milhões de professores também compõem este quadro.

Os números por si já mostram a força da educação como campo de pesquisa, porém não é somente a quantidade que importa. Na perspectiva qualitativa, outros elementos agregam. Por essência, frequentar a escola se configura a dedicação de um tempo específico em um determinado local, junto a pares, com objetivo do aprendizado, dirigido pela figura do professor. Esta experiência dura no mínimo 12 anos, se considerarmos somente os 9 anos do ensino fundamental e os 3 anos do ensino médio. O resumo apresentado, por si, não diminui a complexidade, porém ele é somente a base do que ocorre neste campo.

A escola é um espaço de transmissão cultural, com dois polos a serem mediados: um conjunto de qualidades e saberes; e outro que carregam as características da sociedade na qual está inserida (FORQUIN, 1993). A escola é um lugar de convergência, convergência de pessoas, logo, convergência de culturas. Todos os dias, alunos de diferentes idades carregam consigo para dentro da sala de aula experiências acumuladas em outros espaços, ali, na comunhão destas, outros desdobramentos agregarão às experiências que serão levadas os demais espaços.

A vida escolar possibilita (e incentiva, em alguma medida) a criação de laços sociais, relações de amizade, amorosas, rompimentos. Os alunos, por essência, não são esponjas que somente absorvem o que lhes é passado, mas também ensinam, mesmo que tacitamente, longe da formalidade do papel e da caneta. Para muitos, a escola é o espaço que oferece comida (talvez a única refeição do dia), é o local de descanso para o

corpo (fora dali gasta sua energia com o trabalho para complementar a renda familiar) e é o local da diversão. Diversão aqui deve ser entendida num sentido amplo, não somente das “molecagens” durante as aulas que arrancam risadas de alguns, mas também de outros contextos.

A escola é coletividade, ao mesmo tempo que é individualidade. Além de receber influências, sendo um ponto de convergência cultural, a escola também tem a sua cultura. Como edifício, como instituição ou pela capacidade de abrangência social, a escola se configura como componente cultural. Cada unidade transfere suas características para quem está no seu cotidiano, essas características podem estar diretamente ligadas a elementos de fácil percepção, como, por exemplo, a rigidez nos costumes ou o oposto, a excelência no ensino, a competitividade esportiva entre outros. Em suma, a cultura escolar influencia e é influenciada por quem está ligada a ela em alguma medida, não é um caminho único, e sim, um trânsito constante.

A partir deste entendimento do contexto escolar, da sua constituição e dinâmica, destacaremos o futebol. Sim, o mesmo futebol que é requisitado e implorado nas aulas de Educação Física, mas não somente ele. Como esporte popular, ele inseriu nessa disciplina certamente como o conteúdo mais solicitado pelos alunos e praticado de diferentes maneiras nas escolas, atrelado às características de seu desenrolar cotidiano, carregando constantemente estes elementos (FARIA, 2014).

Desse modo, a leitura da representatividade do futebol na sociedade brasileira e a compreensão de que pode ser um campo em que as experiências individuais e coletivas podem tornar os processos formativos mais ricos e complexos. A partir do que foi elaborado, ganham destaque três dissertações elaboradas por gefutenses: O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar, de Luiz Gustavo Nicácio (NICÁCIO, 2010); O megaevento Copa do Mundo FIFA 2014: relações entre futebol, educação e lazer em uma escola estadual de Belo Horizonte - MG, de Amarildo da Silva Araújo (ARAÚJO, 2014); e O futebol como vivência de lazer de estudantes do ensino médio em cidades pequenas do interior de Minas Gerais, de Mateus Alexandre Silva (SILVA, 2019).

Nicácio, um dos fundadores do GEFuT, foi o primeiro gefutense a abordar a escola como espaço de pesquisa e de trânsito do futebol, logo na primeira leva de defesas de dissertação no grupo. Sua pesquisa teve como objetivo investigar as percepções dos professores de Educação Física sobre a presença do torcer, como tema nas aulas de Educação Física, em escolas públicas da cidade de Belo Horizonte – MG, contou com a participação de professores de 66 escolas públicas de Belo Horizonte - MG, oito da rede municipal, 55 da rede estadual e três da rede federal de ensino, sendo um professor por escola.

Dos professores participantes, 3 professores e uma professora, que já haviam trabalhado o torcer como tema de suas aulas, foram entrevistados pelo pesquisador. Com o foco em quem gere os conteúdos no contexto escolar, a pesquisa considerou somente professores do ensino médio, nesta fase eles lidam com alunos que iniciam suas relações com as torcidas organizadas e também definem seu time do coração, segundo alguns autores.

Das escolas escolhidas, há uma variedade no que se refere a estrutura e localização. Inseridas em 61 bairros de Belo Horizonte, algumas inseridas em bolsões de pobreza, outras em zonas nobres, áreas centrais e periféricas. Escolas com sistema e organização de segurança similares ao sistema prisional, escolas vinculadas a instituições educacionais maiores e também à segurança pública.

Nicácio reforçou a relevância do tempo e espaço escolar, principalmente no sentido da sua não neutralidade. Estes são carregados de significados, ensinam e são historicamente construídos, independentemente da localização da escola pesquisada, ele encontrou marcas do torcer representadas em diferentes elementos (roupas, acessórios, referências à determinada torcida organizada escrita em parede e muros, entre outras). Estas marcas estão presentes nas diferentes escolas que pesquisou, em diferentes níveis.

Houve uma preocupação com a Educação Física e seu papel educacional, bem como o Lazer e este mesmo papel. Composto majoritariamente (40%) por professores formados há mais de 20 anos (antes de década de 1990), alguns não tiveram contato algum com o conteúdo de lazer durante a sua formação, enquanto outros, que se formaram em um período recente, tiveram. A relação entre Lazer e Educação Física no período da elaboração do trabalho era insipiente, se compararmos aos dias atuais, porém em Belo Horizonte, mais especificamente na UFMG já acontecia a especialização em Lazer, desde 1993, mesmo não direcionada especificamente para o âmbito educacional, dava esta possibilidade de discussão.

Nicácio também aprofundou na relação dos professores com o tema investigado, ao buscar pela relação com o torcer no futebol. Com destaque para o envolvimento das mulheres com o torcer, ele identificou que 57 professores torciam por algum clube ou seleção, apenas cinco nunca havia ido a um estádio de futebol, 45 frequentava este espaço em alguma medida e 76% assistia jogos de futebol pela televisão. Mesmo que a relação direta com o objeto não seja um requisito mínimo para poder desenvolvê-lo em sala de aula, a proximidade com ele certamente proporciona outras perspectivas de diálogo.

Ao contrário do que poderia se esperar, o grupo de professores entrevistados por Nicácio não mantém o futebol com conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física.

Mesmo que tenham afirmado a importância de tal conteúdo, ele não é extensivamente trabalhado por estes professores. Por outro lado, o torcer foi apontado pela maioria como conteúdo importante a ser trabalhado na escola, extrapolando à Educação Física e sendo abordado por outras disciplinas. Especificamente, seis professores já havia preparado aulas direcionadas para o torcer, porém, o restante do grupo entrevistado se concentrou em talvez já ter realizado alguma aula neste sentido, sem ser o tema específico e alguns outros nunca fizeram esta relação.

Como fechamento, vieram as possibilidades de abordagem do torcer nas salas de aula. Os recursos didáticos são inúmeros, porém, nem todos são acolhidos pelos alunos. Os professores citaram textos acadêmicos (muitas vezes com uma linguagem distante da dos alunos), filmes, conteúdos de mídia impressa e audiovisual, debates, bem como experiências culturais vividas pelos estudantes. Nicácio lançou algumas propostas baseadas nas falas dos professores entrevistados e em conteúdos lidos por ele.

Este estudo apresentou o patamar em que se encontrava o torcer como conteúdo curricular nas escolas de Belo Horizonte, levantando a discussão acerca do bem, com acréscimo de propostas de intervenção para as aulas de Educação Física.

Enquanto Nicácio focou em professores de 66 escolas, Amarildo se atentou aos processos de uma única escola. Este trabalho teve como objetivos analisar a relação entre o megaevento da Copa 2014 e a educação em uma escola pública de Belo Horizonte – MG, analisar a abordagem feita pela escola sobre a Copa 2014 e analisar a opinião dos sujeitos da pesquisa sobre o legado desse megaevento para a educação escolar. A temática dos megaeventos estava em alta no Brasil, pois, além da Copa do Mundo de 2014, o país estava também no processo de preparação para receber os Jogos Olímpicos de 2016.

Para a elaboração do estudo, Amarildo utilizou da pesquisa documental, com ênfase na educação escolar e no lazer, realizada nos dados oficiais apresentados pelos organizadores da Copa 2014 e nos registros escolares; da pesquisa de campo, com entrevistas aos gestores educacionais (diretores e supervisores) e professores(as), por serem, tradicionalmente, os agentes que gerenciam e organizam o ensino na escola; da realização de grupo focal com os estudantes, visando otimizar o tempo, em função do número de sujeitos participantes e da importância desses na relação ensino/aprendizagem; e da aplicação de questionário aos professores, para verificar suas ações próximas à realização da Copa 2014.

A análise de documentos elaborados para a realização da Copa do Mundo 2014 (a FIFA, o Governo Federal, o Governo do Estado de Minas Gerais e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte) mostrou que a educação não era uma preocupação primária, às vezes

subentendida. As diretrizes principais destes documentos se ocupavam da modernização dos estádios, ampliação dos aeroportos, melhoria na área de segurança, reformas viárias do sistema de mobilidade urbana, expansão da rede hoteleira.

Os documentos e leis que regem o ensino brasileiro não tratam diretamente da temática da Copa do Mundo, no que se refere à Educação Física, há apontamentos que abrem a possibilidade da inclusão deste conteúdo, porém, nada específico. Amarildo pontua que a escola deve ser um espaço para debates acerca do esporte profissional e seus desdobramentos.

Dentre professores, supervisores e diretores, 26 pessoas foram entrevistadas para a realização da pesquisa. Já os grupos focais tinham entre seis e 12 alunos. A escola escolhida fica na região da Pampulha em Belo Horizonte - MG, com capacidade para 1.860 alunos. Amarildo coletou dados em 2013 e 2014, confrontando os resultados posteriormente.

Ao questionar se a escola havia desenvolvido relacionamentos com a temática da Copa do Mundo, somente um campeonato/olimpíadas escolares foi citado. O que foi posteriormente identificado como corriqueiro mesmo em anos sem copas, reforçado pela superficialidade das respostas sobre a intenção de se fazer algo sobre a Copa do Mundo, porém, sem nada de concreto apresentado. Nas falas dos professores, a prova do ENEM parecia mais urgente que a temática no ano de 2013. Para 2014, os professores trouxeram outra perspectiva em relação ao megaevento. Cada professor apresentou sugestões sobre como sua área de conhecimento poderia se envolver com o maior campeonato de futebol do mundo. Os alunos também deram sua contribuição acerca de conteúdos que poderiam ser aprofundados sobre a Copa do Mundo.

Efetivamente algumas atividades relacionadas à copa aconteceram esporadicamente, sem que constasse nas diretrizes, foram atividades soltas que foram relatadas pelos alunos durante o grupo focal. Foram ações pontuais, certamente estimuladas pelo domínio do assunto no momento, uma vez que a repercussão midiática deste evento é de grandes dimensões.

Além dos debates sobre custos de realização e viabilidade dos investimentos direcionados, o legado dos megaeventos foi assunto em voga. Estes eventos carregam inúmeras possibilidades e sua relação com a educação é uma delas. O trabalho de Amarildo foi um exemplo disso. Mesmo nas condições apontadas por Amarildo, os profissionais entrevistados reconhecem o legado deixado pela Copa do Mundo. Apesar de não haver unanimidade, a formação, o esporte, a cultura e a educação, foram áreas atreladas ao legado deixado pelo megaevento.

A terceira pesquisa, que envolve educação e futebol, seguiu uma abordagem diferente das duas anteriores. O estudo de Mateus foram realizados fora da capital do estado, em seis cidades do interior de Minas Gerais (Estrela do Indaiá, Serra da Saudade, Quartel Geral, Cedro do Abaeté, Paineiras e Biquinhas) todas com menos de cinco mil habitantes. A dissertação centralizou exclusivamente nos estudantes do ensino médio, matriculados na única unidade escolar de cada uma das cidades.

Os 403 estudantes voluntários, responderam a um questionário para atender aos objetivos do estudo que tinha como objetivos analisar a relação do futebol como lazer de estudantes do ensino médio das cidades com até 5.000 habitantes; conhecer quais as vivências praticadas/fruídas com o futebol pelos estudantes do ensino médio destas cidades; conhecer o tempo destinado ao futebol como lazer dos estudantes; analisar as condições de acesso às vivências praticadas e fruídas do futebol; conhecer como se estabelece a relação dos estudantes com o torcer.

Para definir o contexto social em que estava ingressando, Mateus utilizou referências de territórios e ruralidade para dar forma à conjuntura, visto que os municípios estudados mantém laços estreitos com o estilo de vida rural, mesmo sendo centros urbanos quase centenários.

O ambiente escolar foi escolhido por agregar em um mesmo espaço estudantes que compartilham de uma rotina comum e pelos demais fatores já apresentados na introdução deste capítulo. O fato de cada cidade ter somente uma escola de ensino médio, torna este espaço ainda mais peculiar, pois nele passaram outras gerações de moradores, sendo um lugar-comum à maioria dos moradores.

No geral, o perfil dos estudantes que participaram da pesquisa é composto de menos de 10% que fazem outro curso que não seja o ensino médio, 75% dedica até 3 horas aos estudos fora da sala de aula e 55% não exerce nenhuma atividade remunerada. Com ênfase no lazer, mais de 75% dedicam acima de 3 horas semanais à estas vivências, concentradas principalmente nas sextas, sábados e domingos.

O lazer é um fenômeno plural, seria complexo achar limites para as suas possibilidades. Nesta perspectiva, o futebol é uma possibilidade consistente e, atendendo aos objetivos traçados, foi abordado como tema central. Dos 403 participantes da pesquisa, 160 consideraram o futebol como uma de suas principais vivências de lazer, apesar de mais de 200 estudantes afirmarem jogar futebol. Uma característica peculiar do campo estudado, pode ser notada quando a escola é citada por 129 alunos como local de prática do futebol, número próximo aos 130 que apontaram os campos e quadras da cidade como locais onde jogam.

A gratuidade é um fator marcante no acesso às vivências de lazer, pois a cobrança pelo acesso é um limitador. Dentre as cidades envolvidas na pesquisa, somente 24 estudantes pagam para jogar futebol, por outro lado, ninguém mencionou não praticar por ter que pagar. O tempo destinado à prática do futebol se concentra maciçamente em até três horas semanais (124 estudantes), outros 94 dispõem de mais tempo que o grupo maior.

Torcer para um clube de futebol estando longe dele gera uma relação peculiar. Diferentemente de quem mora na cidade onde seu clube está sediado, os torcedores do interior acumulam outros fatores que se posicionam entre eles e seu time. Dos 332 estudantes que se afirmaram torcedores, 215 consideraram o custo da viagem o principal empecilho, eles torcem por equipes de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente. A soma dos dificultadores faz com que a experiência nos estádios seja reduzida, o que pode ser observado pelos 36 estudantes que já assistiram a um jogo de futebol profissional pessoalmente, eles representam 9% dos participantes da pesquisa.

Se estar na arquibancada não é a principal maneira de acompanhar seu time do coração, a televisão e a internet predominam quando se abrem outras opções. Inclui-se aí o hábito de se reunir em algum espaço para assistir aos jogos de futebol transmitidos pela televisão, ponto que chama atenção por acomodar o mesmo número de meninos e meninas que mantém este costume. No geral, a maior parte dos estudantes (226) reservam até três horas semanais para assistir futebol na TV, seja para seguir seu clube ou para assistir a qualquer jogo.

Por último, o estudo de Mateus contemplou os jogos virtuais de futebol, uma prática majoritariamente masculina, porém que não tem uma relação direta com jogar futebol nos campos e quadras. Nem todos os envolvidos com uma modalidade estão envolvidos com a outra, exceto os que fazem parte de alguma equipe esportiva. As experiências com o futebol virtual se dão em sua maioria nas casas dos jovens entrevistados, seguida pelas casas de amigos e familiares, seja em videogames ou *smartphones*. Seguindo o mesmo padrão do jogar e assistir futebol na televisão, aqui a maior parcela empenha até três horas semanais para jogar futebol virtual.

Dada a popularidade do futebol no Brasil, os estudos apresentaram resultados que não correspondem às expectativas quando se olha a temática superficialmente. Porém, este é o papel da ciência, investigar o que cerca determinado fenômeno para compreender o seu papel naquele contexto.

O GEFuT, também tem se empenhado na elaboração de obras que colocam a educação como uma linha de pesquisa na produção acadêmica e/ou como uma das finalidades de estudo deste grupo. O livro “Futebol nas Gerais” (2012) publicado no ano de

2012 é uma obra coletiva composta de pesquisas realizadas pelos integrantes do GEFuT. Na terceira parte, apresenta o sub título “torcer, educação e redes de sociabilidade”, Nicácio elabora o capítulo: O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar.

Em 2016 o grupo publicou um livro voltado fundamentalmente para a área da educação. Intitulado “O ensino do futebol: para além da bola rolando” é uma ferramenta para fins didáticos e também contribuirá para a Educação Física, tendo por foco a matriz escolarizada do futebol. Nessa publicação organizada em doze tópicos, tem o futebol como o norteador de uma pluralidade de temas como: por que ensinar futebol; história; cultura; o torcer, as Copas do Mundo, profissão, racismo, violência, gênero, artes, jogos virtuais e aspectos pedagógicos do ensino. O diferencial dessa obra está no recorte perpassado dos temas eleitos é com a educação.

Outra obra lançada por este grupo em 2018 que contempla a educação recebeu o nome “ESTUDOS DO FUTEBOL EM PERSPECTIVA: interdisciplinaridade e produção de conhecimento”, este livro que tratou de diferentes assuntos, dedicou um capítulo ao campo da educação, Amarildo Araújo e Carlos Filho trataram das escolinhas e a educação pelo futebol e o abordaram na educação escolar. Também teorizaram e desenvolveram a ideia do futebol como objeto e veículo (meio) de educação, mostrando como ele pode educar para a sua prática e pela (através da) sua prática.

Efetivamente, estes estudos representaram o que é debatido e difundido nas atividades do grupo, atuam no sentido de identificar e propor o futebol como fenômeno complexo que é, entender que debater o torcer também tem seu espaço nas salas de aula, que os megaeventos se preocupam mais com retorno financeiro do que com a contribuição com a educação e que o futebol não é a vivência de lazer única ou a mais importante para estudantes do interior de Minas Gerais. O papel destes estudos e do GEFuT é continuar investindo em pesquisas no campo da educação (reconhecer estes pontos) e (lutar) propor que essas temáticas tornem proeminentes em outros espaços, e também tenham sejam pensadas para e no ambiente escolar.

Ao trazermos essas contribuições feitas pelo GEFuT, entendemos que esse grupo contribui para ampliar o olhar e compreender que a formação para e pelo futebol é importante, pois essa prática além de dialogar com diversos campos do conhecimento produzidos pela nossa sociedade, constitui-se em um dos principais símbolos da cultura nacional, e tem um papel na educação, seja como jogador, torcedor ou assistente na formação humana.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Amarildo da Silva. 2014. **O megaevento Copa do Mundo FIFA 2014: relações entre futebol, educação e lazer em uma escola estadual de Belo Horizonte - MG.** Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2014. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado___doutorado/defesa/538/

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura.** Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 1996.

FARIA, Eliene Lopes. 2008. **A aprendizagem da e na prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: FAE – UFMG, 2008.

_____. Quando “rola a bola”: reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. **Revista brasileira de Ciências do Esporte.** Florianópolis, v.36, n.2, p.501-513, abril/junho, 2014.

FOURQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

NICÁCIO, Luiz Gustavo. 2010. **O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar.** Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2010. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado___doutorado/defesa/38/

SILVA, Mateus Alexandre. 2019. **O futebol como vivência de lazer de estudantes do ensino médio em cidades pequenas do interior de Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2019. Disponível em: http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado___doutorado/defesa/769/

SILVA, Silvio Ricardo; DEBORTOLI, José Alfredo; SILVA, Tiago Felipe. **O futebol nas Gerais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/127804/O%20FUTEBOL%20NAS%20GERAIS.pdf?sequence=1>

SILVA, Silvio Ricardo; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira [Orgs.]. **O ensino do futebol: para além da bola rolando.** Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=agebrfWPMRw>

SILVA, Silvio Ricardo; MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; NETO, Georgino Jorge de Souza [Orgs.]. **Estudos do futebol em perspectiva: interdisciplinaridade e produção do conhecimento.** Belo Horizonte: São Jerônimo, 2018.

UMA INESQUECÍVEL PARCERIA

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Pablo Alejandro Alabarces

No ano de 2015, o GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) ampliou sua parceria com o renomado pesquisador argentino Pablo Alejandro Alabarces, que já havia antes participado do Simpósio “Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer”, realizado pelos grupos GEFuT e FULIA (Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes), no Memorial Minas Vale, na cidade de Belo Horizonte, no ano de 2013.

Duas pesquisadoras do GEFuT estiveram em Buenos Aires para fazer doutorado-sanduíche com o professor Alabarces na Universidad de Buenos Aires (UBA). Com distintos temas de pesquisa, percorreram a cidade em busca de fontes/dados. Um deles era direcionado à história do futebol local, com destaque ao momento de profissionalização do esporte. Destaco, nesse trabalho, o importante papel da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, com seu conjunto de fontes raras, indispensáveis ao trabalho.

O outro tema dizia respeito às equipes de jogadores de futebol sem contrato (desempregados), uma mantida pelo Sindicato Argentino de Jogadores de Futebol (Futbolistas Argentinos Agremiados) e outra de forma autônoma, por iniciativa de jogadores.

O processo de intercâmbio, com o maior deles durando aproximadamente um ano, foi bastante rico para as pesquisadoras e para o GEFuT, concretizando mais uma de suas experiências internacionais.

Vale destacar, com muita alegria, que para além do trabalho acadêmico, restou-nos uma bela amizade com o querido Pablo Alabarces, sempre muito solícito ao grupo. T tamanha solicitude se manifesta no presente momento com o aceite para fazer uma reelaboração de seu texto publicado no livro “Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer”, oriundo de sua fala no supracitado simpósio. Do antigo texto: “La patria, Maradona e Messi: variações sobre um ser nacional” surgiu outro, intitulado “Santa Maradona, ruega por nosotros, o qual será reproduzido a seguir.

SANTA MARADONA, RUEGA POR NOSOTROS

Santa Maradona priez pour moi

Manu Chao

Hace diez años conocí, en un único movimiento, la ciudad de Belo Horizonte, el estadio Mineirão, el museo del estadio, el Memorial Minas Gerais Vale, la Universidade Federal de Minas Gerais, la Iglesia de San Francisco de Asís y el Aeroporto de Confins. Conocí, además, a un grupo de colegas, hombres y mujeres, de quienes puedo decir que serán mis amigos para siempre.

Ese movimiento fue el que estamos recordando, diez años después: todos y todas estamos más viejos y viejas, pero muchas de las cosas que debatimos en ese momento siguen intactas. Recuerdo al queridísimo e inolvidable Gilmar Mascarenhas advirtiéndome sobre las terribles transformaciones urbanas que la Copa del 2014 y los Juegos de 2016 estaban produciendo en varias de las ciudades de Brasil (la más maltratada: Rio de Janeiro), y sobre los cambios de clase que el surgimiento de las llamadas *Arenas* podía traer sobre el fútbol brasileño –siempre repito que allí fue donde Gilmar me enseñó a hablar del “blanqueamiento de los estadios”.

En cambio, lo que yo propuse en ese momento, mi conferencia sobre Maradona y Messi, ha envejecido con poca dignidad. Fue escrito antes de la Copa de 2014, en la que la selección argentina de fútbol conducida por Lionel Messi llegó a la final y fue derrotada por apenas un gol a cero; durante esa misma Copa, Diego Maradona condujo un programa televisivo diario, producido conjuntamente por la TV Pública argentina y la cadena estatal venezolana Telesur –es decir, una puesta en escena del populismo progresista latinoamericano. Y fue escrito mucho antes de que esa misma selección, siempre liderada por Messi, se consagrara como campeón de América y del mundo entre julio de 2021 y diciembre de 2022. Para colmo, fue escrito mucho antes, también, de la muerte de Diego Maradona, el 25 de noviembre de 2020. Esa sucesión de acontecimientos condenó mi trabajo de 2013 a la extinción.

POR ESO ME EMPEÑO EN RETOMARLO AQUÍ. ¿EN QUÉ ME EQUIVOQUÉ?

1. Hay una fantástica revista deportiva inglesa llamada *FourFourTwo*: Cuatro-Cuatro-Dos, como las formaciones clásicas de los equipos de fútbol, después del viejo 4-2-4 del Brasil inolvidable y antes de la “revolución de Bilardo”, con tres en el fondo que solían ser cinco. En la última edición, sus periodistas eligen los cien mejores futbolistas de la historia. El primero es Messi; el segundo, Maradona (el 47 es Rivelino; el 74, Éric Cantona; el 100, Gheorge Hagi).

Hace cinco años, en 2017, fue a la inversa. Ya había pasado Brasil 2014, pero Maradona mantenía el primer lugar.

2. En 2017, el tercero era Pelé. Hoy desciende al cuarto lugar, después de Cristiano Ronaldo. Cuando la revista publicó su ránking, Pelé estaba vivo.

El resto de los primeros diez son Zidane, Cruyff, George Best, Beckenbauer, Puskas y el Ronaldo “Fenómeno”. Una buena lista, no muy exitista –la mitad de estos diez nunca ganó un Mundial. Quizás Best es la presencia británica indispensable para una revista inglesa –era irlandés, pero jugó en el Manchester. Concedámosles el privilegio de elegir uno, ya que juegan de local, y que no sea Beckham, un jugador sobrevaluado. Best estaba loco, murió por cirrosis de tanto alcohol y le decían “el quinto Beatle”. Aunque no lo vimos jugar, merece toda nuestra simpatía. Es lo más parecido a Maradona que jamás tendrá el fútbol británico –salvo Eric Cantona, que era francés.

Lo cierto es que la elección despeja toda duda o cualquier polémica antigua con los hermanos brasileños: no sólo Maradona fue mejor que Pelé, sino que Messi también lo es. Y estamos hablando apenas de fútbol: y no de cultura, sociedad, plebeyismo, subalternidad, identidad de clase, naciones, temas todos en los que Maradona le sacó siempre ventaja al pobre Edson Arantes do Nascimento. Pero, lo concreto es que, hablando sólo de fútbol, las tres copas y los mil goles –que fueron dos Copas porque una no la jugó, que fueron muchos menos de mil goles porque le anotaron hasta los de los entrenamientos y los de los juegos en Três Corações cuando era un menino–, los ingleses, jugadores neutrales e inventores del sano deporte del balompié, aseguran definitivamente que Maradona fue mejor que Pelé.

3. Sin embargo, imagino que cualquier encuesta argentina, entre futboleros acérrimos, mayores de cuarenta años, hayan o no visto jugar a Diego en una cancha, proclamará que el mejor de todos los tiempos fue él. Si la encuesta incluyera más gente joven, más mujeres, más *under 30* formateados en más Champions Leagues por ESPN y menos futboleros porteños, Messi debe dar vuelta la tabla.

Imagino, no tengo datos. Nadie ha hecho esa encuesta.



Sólo sé que, durante casi dos décadas, los diecisiete años que Messi lleva jugando en la Selección Mayor, los futboleros le han dicho de todo. Me alcanza con revisar un chat con mis amigos: de pecho frío a catalancito, pasando por ignorante de la letra del himno nacional, o simplemente miedoso. Y la comparación con Diego, claro, a la cabeza: lo del tobillo lastimado en 1990 me tiene francamente harto, aunque, en la Copa América 2021, un afortunado patadón le permitió a Messi sumar un par de puntos.

4. Lo divertido de la comparación es que Messi había ganado, antes de la Copa de Qatar 2022, más títulos con la selección argentina que Maradona. Ganó un Mundial Juvenil y una Copa América (¡en Brasil! ¡en el Maracaná!), más una medalla dorada Olímpica. Diego no ganó nada en estos dos torneos: bueno, ni siquiera jugó Olímpicos. Posiblemente, lo mató el boicot a los Juegos de Moscú de 1980, una lástima. Ya tenía un Mundial Juvenil y luego iría por la Copa de mayores de 1986. Si alguien se le ocurre contar la Copa Artemio Franchi de 1993, Messi suma la Finalísima de 2022. Messi jugó además dos finales de Copa América; Diego no pasó de un cuarto puesto –y de local.

Pero ganó esa Copa del Mundo. Y el partido contra Inglaterra. El tipo se volvió héroe y mito a la vez el 22 de junio de 1986, en el mediodía mexicano, a las 16.09 horas argentinas, a 2240 metros sobre el nivel del mar, en la intersección de Calzada de Tlalpán y Calzada Acoxta, en la colonia San Lorenzo Huipulco y Santa Úrsula Coapa, hoy Ciudad de México pero entonces Distrito Federal.

(Está bueno eso de poder ser tan preciso, tan exacto: el tipo se vuelve héroe en ese exacto momento y lugar. ¿Cuándo fue lo de San Martín? ¿Y lo de Belgrano? ¿Cuándo se volvió mito Evita?).

Messi nunca fue héroe, hasta Qatar, y nunca será mito. Será (es) ídolo. Pero las comparaciones son inútiles, infructuosas, sin sentido.

5. Esto ya lo escribí. La primera vez fue hace diez años. Lo repetí varias veces, la última de ellas en la reedición de mi libro *Fútbol y Patria* que acaba de ser publicada en la editorial Prometeo.

Lo que Messi no puede ser es una repetición de Maradona. Porque lo que el relato heroico del deporte argentino espera de él es exactamente esa repetición: el héroe plebeyo nacional-popular que lleva la patria a la victoria. Esa repetición es imposible por varias razones: en primer lugar, clasista, porque Messi no es un plebeyo ni puede fingir serlo —no hay hambre ni pobreza en su historia. En segundo lugar, histórica: porque, aunque jugara contra Inglaterra y convirtiera cuarenta y tres goles (seis con la mano), eso jamás ocurrirá cuatro años después de una guerra —y nunca más por primera vez. En tercer lugar, política: porque una ficticia construcción nacional-popular (que Messi vuelve imposible, porque no da el perfil) no ocurriría en contraste con un relato nacional-popular ausente —como Maradona: el mayor símbolo peronista cuando el peronismo se había evaporado. En cuarto lugar, deportiva: si bien su calidad futbolística es igualmente excepcional (si no más), lo volvieron futbolista en la escuela catalana, puro control y disciplina, lo que implica la clausura del relato del *pibe* y el *potrero*. Y finalmente, razones ampliamente morales: Messi no es carismático, se limita al guión que el espectáculo global le reclama —un guión abundante, por cierto, pero minuciosamente previsible y previsto: hasta llora cuando lo mandan las cámaras. Y casi no habla: cuando habla, lo hace con el cuerpo, estrictamente en el juego. Messi es mudo, abstemio y hasta virgen, si me permiten.

En resumen: de todas las condiciones de mito que Maradona presentaba, Messi tiene solo una. Nada menos que la condición excepcional de su juego: pero eso es ampliamente suficiente para hablar de fútbol, y bastante insuficiente para hablar de mitos nacionalistas y narrativas patrióticas. Messi, entonces, está desprovisto de los desgarramientos y los conflictos —y de la condición plebeya, radicalmente popular— de un Maradona; no puede, pudo ni podrá representar ese relato deportivo de la patria. Aunque haya ganado la Copa del Mundo, aunque “traiga la Copa” de Qatar, nunca será otra cosa que un buen chico. Pero nunca un *pibe*. Messi es irreductible a la *lógica del aguante*, a la épica de los *huevos* y el *corazón*. ¿Hasta ahora?

(La cultura argentina puede, empero, disputar cualquier símbolo en cualquier dirección. Hoy, apenas pasado Qatar. Para el kirchnerismo, Messi enfrentó al poder de la FIFA; para la derecha conservadora, es el modelo perfecto del emprendedor, heterosexual, monogámico y buen padre).



6. Y para colmo, del otro lado de la comparación está Dios.

No, no soy un creyente. Soy maradoniano y soy maradonólogo, lo que es más que suficiente. Los que creen que Diego es dios (más allá del juego con la firma D10S) son los cuarenta y siete creyentes de su iglesia. El resto del mundo maradonista, amplísimo, aún en su irresuelto debate con el feminismo –un debate, reconozcámoslo, más que justificado por las andanzas inauditas del Diego–, no creen en su deidad sino en el amor que le tienen. ¿Para qué elevarlo a una condición divina cuando como humano ha sido el tipo más amado de la Argentina en los últimos cuarenta y ocho años? (Desde 1974, el año de la muerte de Perón).

Y sin embargo, Diego no es aún un santo. Los santos son los que hacen milagros, esa cosa que no ocurre sino que se cree. Ahora bien, el milagro se produjo: la *Escaloneta* salió campeona del mundo, casi exactamente dos años después de la muerte de Diego, con tanta imaginiería que lo pone junto a Dios intercediendo por el equipo.

7. Se cuenta que, en el momento en que el jugador Montiel está por lanzar el último penal, el que decidió la victoria argentina contra Francia, Messi miró hacia el cielo y rogó: “Vamos, Diego, desde el cielo”.

Santa Maradona, ruega por nosotros.

SOBRE OS AUTORES

ADRIANO LOPES DE SOUZA – Professor de Educação Física, lecionando em escolas da Rede Privada de Belo Horizonte. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Integrou o GEFuT - Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas -, entre os anos de 2011 e 2019.

ALEXANDRE FRANCISCO ALVES – Professor de Educação Física da Rede Municipal de Betim. Licenciado e bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2010.

AMANDA MARIA RAMOS LOPES – Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduanda em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestranda em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL - UFMG. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT (UFMG)

AMARILDO DA SILVA ARAÚJO - Licenciado e bacharel em Geografia, Educação Física e Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Especialista em Lazer e Mestre em Estudos do Lazer pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - PPGIEL - UFMG. Professor de Educação Física na Rede Municipal de Santa Luzia-MG. Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT - UFMG desde 2010.

ANA LUIZA PIMENTA CARVALHO - Licenciada e bacharela em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduanda em Nutrição pelo Centro Universitário Una. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências do Esporte (PPGCE) da UFMG. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) desde fevereiro de 2022.

ANDRÉ GALVÃO SOARES - Graduando em Educação Física (Bacharelado) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) desde maio de 2022.

ANDRÉ SILVEIRA GOMES - Professor de Educação Física no município de Santa Luzia e na rede particular de Belo Horizonte - MG. Licenciado em Educação Física e mestrando em Estudos do Lazer, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas desde 2007.

CHRISTIAN MATHEUS KOLANSKI VIEIRA – Doutor e Mestre em Estudos do Lazer, pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bacharel em Educação Física, pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT (UFMG) - desde 2014. Enfoque de estudos nos seguintes temas: Lazer; Futebol nas Ciências Humanas e Sociais.

DANILO DA SILVA RAMOS – Secretário do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer / PPGIEL da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / EEFFTO da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG desde 2017. Doutorando e Mestre em Estudos do Lazer

pelo PPGIEL. Concluiu o ensino médio no Colégio Estadual Américo Pimenta (2006). Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Geraldo de Biase - UGB (2011), Membro dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), Grupo de Pesquisa em História do Lazer (HISLA), atualmente é vice-líder do grupo e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/ Etnia e Sexualidade (NEPGRES).

ELCIO LOUREIRO CORNELSEN – Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG, Doutor em Estudos Germanísticos pela Freie Universität Berlin, Alemanha, com Pós-Doutorado em Estudos Organizacionais pela FGV (2005), em Teoria e História Literária pela Unicamp (2010) e em História Comparada pela UFRJ (2018). É Bolsista de Produtividade do CNPq e coordenou o Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA) de maio de 2010 a dezembro de 2022.

FÁBIO HENRIQUE FRANÇA REZENDE – Bacharel em Educação Física pela UFMG; Mestrando em Estudos do Lazer pelo PPGIEL. Integra o GEFuT desde agosto de 2018.

FELIPE VINÍCIUS DE PAULA ABRANTES – Professor de Educação Física no município de Santa Luzia – MG. Graduado em Educação Física, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre e doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) desde 2007 e o coletivo Pensando a Educação Física Escolar.

GEORGINO JORGE SOUZA NETO – Doutor e Mestre em Estudos do Lazer, pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Licenciado em Educação Física, pela Universidade Federal Viçosa (UFV). Integrante do Observatório do Futebol e do Torcer (UNIMONTES) - desde 2018. Enfoque de estudos nos seguintes temas: Lazer; Futebol nas Ciências Humanas e Sociais.

IAGO FERNANDES PROENÇA – Jornalista no Programa Assessoria de Comunicação da Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG) desde março de 2018. Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2013-2016) e Especialização MBA em Administração e Marketing Esportivo pelo Centro Universitário Estácio (2017-2018). Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2018, e do Projeto de Extensão Óbvio Ululante (apresentador e produtor).

JOÃO MARTINS NOGUEIRA JÚNIOR – Professor de Educação Física da Rede Estadual de Minas Gerais. Licenciado e Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Estudos do Lazer pelo Programa de pós-graduação interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2020.

LUANA DE OLIVEIRA GOMES - Graduanda em Relações Públicas, com formação complementar em Administração e International Business pela UFMG (2019-2023). Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2022, apresentando o programa esportivo Óbvio Ululante.

LUIZ GUSTAVO NICÁCIO – Professor do Coltec – UFMG, graduado em Educação Física (2007), mestre (2010) e doutorando (2020 – 2024) em Estudos do Lazer pela UFMG. Integrante do Coletivo Pensando a Educação Física Escolar, colíder do Grupo Caparaó (UFMG) e integrante do GEFuT desde sua fundação.

LUIZA AGUIAR DOS ANJOS – Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET - MG) - Campus Timóteo e do Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre/ UFMG). Graduada em Educação Física e Mestre em Estudos do Lazer, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2009, assim como do Coletivo Pensando a Educação Física Escolar e do Grupo de Trabalho Temático de Gênero do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Desenvolve pesquisas sobre futebol, torcidas, lazer e Educação Física Escolar, voltadas, sobretudo, às discussões de gênero e sexualidade.

MARCOS DE ABREU MELO – Professor de Educação Física do Coltec – UFMG, graduado em Educação Física (2010) e mestre em Estudos do Lazer (2013), pela UFMG. Integrante do Grupo Caparaó (UFMG) desde 2022 e integrante do GEFuT entre 2006 e 2013.

MARINA DE MATTOS DANTAS – Psicóloga (CRP 04/28.914) e professora na Universidade Federal do Piauí. Mestre em Psicologia Social pela UERJ e Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Realizou pós-doutorado em Estudos do Lazer na UFMG. É pesquisadora no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2009, no Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social do Esporte (GEPSE/UFMG) e no Grupo de Trabalho Esporte, Cultura e Sociedade do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), além de integrante da ABRAPESP (Associação Brasileira de Psicologia do Esporte).

MATEUS ALEXANDRE SILVA – Doutorando em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG - (2019 - 2023). Mestre em Estudos do Lazer, pela UFMG - (2019). Graduated em Educação Física, pela Universidade Federal de São João del-Rei/UFSJ - (2012). Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), da UFMG (2017-actual).

MAURO LÚCIO MACIEL JÚNIOR – Professor dos cursos de Educação Física - Licenciatura e Bacharelado - da Universidade do Estado de Minas Gerais, unidade Divinópolis (UEMG-Divinópolis). Sub-coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física da referida instituição. Doutorando em Estudos do Lazer, pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG - (2019 - 2023). Mestre em Estudos do Lazer, pela UFMG - (2019). Bacharel em Educação Física, pela UFMG - (2017). Membro do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (Oricolé), da UFMG (2014-actual); e do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), da UFMG (2017-actual).

PABLO ALEJANDRO ALABARCES – Licenciado en Letras (UBA), Magister en Sociología de la Cultura (IDAES-UNSAM) y Doctor en Sociología (University of Brighton, Inglaterra). Es Profesor Titular de Cultura Popular en la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires e Investigador Superior del CONICET. Ha sido profesor visitante y conferencista invitado en diversas universidades e instituciones académicas en la Argentina y el exterior. Sus investigaciones incluyen estudios sobre música popular, culturas juveniles y culturas futbolísticas. Es considerado uno de los fundadores de la sociología del deporte latinoamericana. Entre sus libros publicados se cuentan *Fútbol y Patria* (2002, publicado en Alemania por Surkamp en 2010); *Crónicas del aguante* (2004); *Resistencias y mediaciones. Estudios sobre cultura popular* (2008, compilador), *Peronistas, populistas y plebeyos* (2011); *Héroes, machos y patriotas. El fútbol entre la violencia y los medios* (2014), que obtuvo el Segundo Premio Nacional de Ensayo Sociológico en 2018; *Historia Mínima del fútbol en América Latina* (2018, publicado

por El Colegio de México); *Pospopulares. Las culturas populares después de la hibridación* (2020), publicado simultaneamente en México, Argentina y Alemania; y su reciente *Un muchacho como aquel. Una historia política cantada por el Rey* (2021, en colaboración con Abel Gilbert).

PRISCILA AUGUSTA FERREIRA CAMPOS – Professora da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto/UFOP. Coordenadora do Programa de Iniciação à Docência/PIBID - subárea Educação Física na UFOP. Doutora em Educação Física/Unicamp. Mestre em Estudos do Lazer/UFMG. Graduada em Educação Física/UFMG. Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT/UFMG, desde 2007.

RENATA ALVES PINTO LEMOS – Mestre em História pela Universidade Federal de São João del-Rei. Especialista em estudos interdisciplinares do esporte pela UNESAV. Licenciada e bacharel em História pela PUC Minas, graduada em Comunicação Social com ênfase em Relações públicas pela mesma instituição e graduada em Pedagogia pela UniCesumar. Professora de História na rede estadual de Minas Gerais. Integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG) desde 2020.

RENATO MACHADO SALDANHA – Professor do Núcleo de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco (CAV/UFPE), doutorando em Estudos do Lazer (UFMG), mestre em Ciências do Movimento Humano (UFRGS), bacharel e licenciado em Educação Física pela UFV. Integra o GEFUT/UFMG (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) desde 2019.

SARAH TEIXEIRA SOUTTO MAYOR – Professora adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora (Campus Governador Valadares). Doutora em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio sanduíche na Universidade de Buenos Aires (UBA), pelo PDSE/CAPES. Integra o GEFUT/UFMG (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas) desde 2013, onde desenvolve pesquisas sobre a história do futebol em Minas Gerais; o GEPCAF/UFJF-GV (Grupo de Estudos e Pesquisas em Ciências aplicadas ao Futebol); e o NECOS/UFJF (Núcleo de Estudos Educação Física, Corpo e Sociedade).

SILVIO RICARDO DA SILVA – É professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, docente do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG e coordenador do Grupo de Estudos Sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). Tem experiência de coordenação em projetos de extensão que têm o futebol como tema. Organizou vários livros e é autor de diversos artigos e capítulos de livros que tratam do futebol na perspectiva das ciências humanas.


THIAGO JOSÉ SILVA SANTANA – Professor de Educação Física no município de Belo Horizonte. Graduado em Educação Física e Mestre em Estudos do Lazer, ambos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) e o coletivo Pensando a Educação Física Escolar.


TÚLIO MOREIRA TORRES – Graduando em Educação Física (Bacharelado) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integra o GEFuT desde Maio de 2022.

GEFuT:

Contribuições para o campo

www.atenaeditora.com.br 


contato@atenaeditora.com.br 


[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GEFuT:

Contribuições para o campo

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 